Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 855 Segunda-feira, 2 de Janeiro de 1989 Preço 50$00

ESPANHA PRESIDE DESDE HOJE À CEE

Pág. 11

«Recado» de Soares em mensagem (crítica) de Ano Novo

ATENÇÃO, ESTOU CÁ!

A mensagem de Ano Novo de Mário Soares constituiu a primeira grande demarcação do Presidente da República relativamente a alguns aspectos dominantes da política do actual Governo. Num discurso caracterizado pelo seu tom crítico, Soares transmitiu a ideia de que pretende marcar mais vincadamente a sua presença na cena política, no ano que agora começa. «Estou cá», terá querido dizer a quantos o vêm acusando de indiferença ou excessiva colagem ao Governo. Na mensagem, Soares acentuou os aspectos «mais quentes» da política interna e foi claro ao alertar para os perigos da hegemonização da vida política por um único partido. E, numa outra «indirecta» ao discurso governamental, alertou para o facto do desenvolvimento económico não se poder fazer a qualquer preço.

Pág. 2

MELHOR 88 NO CONJUNTO, MAS...

Mais mortes na estrada no Natal e Ano Novo

Foi melhor, o ano passado, no que respeita a acidentes e mortes nas estradas portuguesas, quando comparados os números disponíveis na Brigada de Trânsito da GNR relativos a 1988 e ao ano anterior. A «conquista», em grande parte resultado do aumento de fiscalização e prevenção, foi de menos dez mortos, apesar dos elevados índices de sinistralidade verificados este ano na quadra do Natal e Ano Novo. Os elementos coligidos pela Brigada de Trânsito indicam, de facto, que este ano morreram, durante a quadra, 54 pessoas em consequência de acidentes de viação, contra os 35 de 1987. De qualquer modo, o esforço das autoridades policiais foi ainda compensado com a quebra do número de condutores «alcoolizados».

Pág. 8

«A estabilidade (...) não deve ser entendida como ausência de debate político nem, muito menos, como hegemonia da vida política por um só partido»

«Importa saber redistribuir socialmente a riqueza criada, a fim de evitar aquele tipo de sociedade dualista, tão comum aos países do Terceiro Mundo, em que a riqueza, e mesmo a opulência ostensiva, coexistem com a mais atroz miséria»

«O direito à diferença e o direito à busca da felicidade individual, à plena realização pessoal, têm como fundamento a igualdade de oportunidades para todos, criada à partida, o respeito pelos outros e um sentido geral de tolerância, a que gosto de chamar fraternidade»

«(...) Não interessa tão só pormonos de acordo quanto à estratégia do nosso próprio desenvolvimento, no quadro europeu. Temos de nos preocupar com as componentes social e cultural desse desenvolvimento, conferindo-lhe o sentido humanista próprio da nossa maneira de ser e estar no mundo»

«(...) Importa estimular o debate interno e a coesão social, por forma a consciencializar os portugueses ao redor dos grandes objectivos nacionais, que a todos dizem respeito: o ordenamento do território, a melhoria da qualidade de vida das populações, a identidade cultural, a defesa do património e do meio ambiente, tão degradados, a descentralização, uma maior participação dos cidadãos na vida política, a todos os níveis»

«A Comunicação Social (...) pode e deve desempenhar um papel de decisiva importância, sobretudo a Televisão, ao chamar a atenção para os grandes temas da actualidade nacional e procurando tratá-los com seriedade, isenção e pluralismo»

«Integrados na Comunidade Europeia, temos aí uma contribuição a dar - e não só ajudas a receber - como país de acentuada vocação universalista e com uma experiência ímpar de contactos fecundos com povos, raças e civilizações diferentes»

Não foi uma «declaração de guerra» mas uma clara demarcação do Governo pontuada de «alertas» quanto à necessidade de «correcção de rumo». O Presidente da República, na sua mensagem de Ano Novo, fez questão em dizer que está presente, e atento, ao desenrolar dos acontecimentos e que, perante estes, não assume a posição passiva que alguns lhe imputam. À insistência governamental - sem contrapartidas - na estabilidade e no desenvolvimentismo, Mário Soares contrapôs a necessidade de «diversidade autêntica» e de «pluralismo», de «distribuição social da riqueza» e de preocupação com as «componentes sociais desse desenvolvimento». Nenhum dos «temas quentes» da política interna escapou aos discurso presidencial, da concertação social à necessidade de evitar «novos e perigosos desequilíbrios financeiros», passando pelo Chiado, as Rádios Livres e a Televisão, sem esquecer o «reconhecimento dos direitos« das «diferentes classes profissionais» com referência especial aos «magistrados e militares». Na mensagem ao País (que, pela sua importância, transcrevemos na íntegra), mais do que um balanço do ano que passou, Mário Soares deixou antever um 89 onde a componente presidencial deverá surgir mais destacada na vida política nacional.

Mensagem de Ano Novo do Presidente da República

ESTABILIDADE NÃO É HEGEMONIA DA POLÍTICA POR UM SÓ PARTIDO

«Uma vez mais cumpro o grato dever de vos paresentar, no dia primeiro do ano, os meus sinceros desejos de Boas Festas e de Feliz Ano Novo.

O ano que passou, que em Lisboa ficou tristemente marcado pela tragédia do Chiado, foi um ano cujo balanço global terá de considerar-se como positivo. No plano nacional, foi vivido com estabilidade política, progresso económico e paz interna, não obstante o aparecimento de alguns focos de tensão social, porventura evitáveis. No plano internacional, foi um ano de viragem, em que se confirmaram anteriores promessas de desanuviamento e de paz, abrindo caminho à resolução pacífica de conflitos regionais que se eternizavam. Neste domínio, importa saudar com particular empenhamento e esperança o recente acordo tripartido entre Angola, África do Sul e Cuba, que vem assegurar a independência da Namíbia, nos termos das resoluções aprovadas pelas Nações Unidas, e a retirada das tropas cubanas de Angola, criando assim reais perspectivas de paz à África Austral e de cncórdia nacional ao martirizado povo irmão de Angola.

A melhoria das relações Leste-Oeste, estimulando por toda a parte um melhor clima de entendimento entre os povos, reconfortante progresso da democracia e do pluralismo no mundo, a confirmação de que a 'perestroika' tem um conteúdo efectivo de democratização interna, com inevitáveis reflexos positivos no movimento comunista internacional e em inúmeros países, o reforço de prestígio e de eficácia da ONU, reassumindo, justamente, no ano em que se comemorou o quadragéssimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, são factos inter-ligados que abrem, indiscutivelmente, amplas perspectivas de paz e de desenvolvimentop à humanidade, consoladoras e porventura inesperadas, nestes anos finais do século e do milénio.»

«Portugal, que se reencontrou com a liberdade, a partir do 25 de Abril, que assegurou a descolonização de todos os seus territórios sob dominação colonial e que prossegue numa linha de desenvolvimento sustentado, no quadro da Comunidade Europeia, em que se inseriu, pelo tratado assinado em Junho de 1985, é um Estado-Nação, coeso e solidário, particularmente bem colocado para poder beneficiar – e ao mesmo tempo influenciar, positivamente – esse clima de desanuviamento, que as grandes potências procuram instalar. Nesse sentido, aliás, se compreende a proposta portuguesa para se criar em Portugal um centro dinamizador do diálogo Norte-Sul em que, como nação, estamos vitalmente interessados, entre outras razões, pelo excelente relacionamento que temos vindo a desenvolver com os países africanos de expressão oficial portuguesa.

Estabilidade e desenvolvimento não valem por sós

«Estabilidade e desenvolvimento têm sido duas preocupações constantes, ou melhor, duas ideias – força que tenho procurado insuflar na nossa vida colectiva e que durante o meu mandato têm ganho incontestável impulso. É bom que assim tenha acontecimento, nos anos iniciais da nossa integração na Comunidade Europeia, para que Portugal possa tirar a maior vantagem das ajudas comunitárias e, assim, se preparar da melhor forma possível para o choque que necessariamente o espera com o grande Mercado Único Europeu, de 1992.

«No entanto, tenho-o dito igualmente, estabilidade e desenvolvimento são conceitos instrumentais, isto é, não valem por si sós. A estabilidade, por exemplo, não deve ser entendida como ausência de debate político nem, muito menos, como hegemonização da vida política por um só partido, ainda que com a legitimidade de ser maoritário. Não há democracia sem livre escolha, sem diversidade autência e sem pluripartidarismo vivo, sendo no entrechoque das diversas concepções, livremente expressas, por pessoas, grupos e partidos, que podem – e devem – perfilar-se as diferentes alternativas políticas, sociais, económicas, culturais, e não só de poder, oferecidas à livre escolha dos cidadãos.

«Por outro lado, o desenvolvimento, numa sociedade que se pretende de progresso, não só material mas também espiritual, não pode deixar de ter uma dimensão social, de justiça social, e também cultural. Lato sensu. Não basta criar riqueza e produzir cada vez mais e melhor com atenção às exigências da competitividade externa. É necessário mas não suficiente. Importa saber redistribuir socialmente a riqueza criada, a fim de evitar aquele tipo de sociedade dualista, tão comum aos países do Terceiro Mundo, em que a riqueza, e mesmo a opulência ostensiva, coexistem com a mais atroz miséria. Portugal, país europeu, para ter jus ao prestígio de que goza, como interlocutor privilegiado do Terceiro Mundo, e para ser social e politicamente equilibrado, tem de ser capaz de erradicar as manchas de pobreza – e de intolerável miséria – que ainda existem na nossa sociedade e que, infelizmente, continuam a estigmatizar, como uma vergonha nacional, a paisagem urbana que circunda as nossas grandes cidades de Lisboa, Porto e Setúbal.

«Pecisamos de nos convencer todos – Estado, sociedade, empresários – de que o dinamismo económico não é incompatível com o progresso cial, e cultural das populações. Bem pelo contrário: é estimulado por ele e, a longo prazo, sua condição. Só as sociedades evoluídas, social e culturalmente, estão aptas a manter um dinamismo económico, sem graves crises de crescimento. Daí a importância que hoje assumem, nas sociedades democráticas e pluralistas, a concertação social e o estabelecimento, em termos globais, de verdadeiros contratos de progresso. Não só para defesa daqueles que trabalham e que justamente reclamam melhoria das condições de trabalho e aumento dos salários reais; mas também para defesa dos que não têem trabalho, casa, nem formação profissional ou que foram, de alguma forma, marginalizados pelo progresso: os pobres, os inadaptados, os doentes, os deficientes, os idosos, os pensionistas, os reformados.

Liberdade, justiça e bem-estar para todos

«As sociedades de progresso, como a que estamos empenhados em construir em Portugal, têm necessariamente de ser sociedades de liberdade, de justiça e de bem-estar – para todos os cidadãos e não só para alguns.

Importa

O direito à diferença
felicidade individua
pessoal, têm como f
de oportunidades pa
da, o respeito pelos
ral de tolerância, a q
ternidade.

«Porém, nenhum
viver em abastracto
les depende, para su
nível do desenvolvim
sociedades, em que
gram e para o enriqu
balham. Importa, po
sa das grandes causa
mo, sobretudo nas
que as sociedades nã
mo extremo e no pur
de valores, que Lech
denunciou como um
incorrer as sociedade

«As profundas tr
estão a dar em Portu
bilizar as energias c
ses, na perspectiva d
ver com os agentes e
dernização das infr
aspecto material das
das pessoas. O prote
as fronteiras vão fica

Importa estimular o debate interno e a coesão social

O direito à diferença e o direito à busca da felicidade individual, à plena realização pessoal, têm como fundamento a igualdade de oportunidades para todos, criada à partida, o respeito pelos outros e um sentido geral de tolerância, a que gosto de chamar fraternidade.

«Porém, nenhum destes direitos se pode viver em abastracto – ou seja: qualquer deles depende, para sua plena realização, do nível do desenvolvimento em concreto das sociedades, em que os indivíduos se integram e para o enriquecimento das quais trabalham. Importa, por isso, estimular a defesa das grandes causas e alimentar o idealismo, sobretudo nas camadas jovens, para que as sociedades não caiam no consumismo extremo e no puro egoísmo, desprovido de valores, que Lech Walesa recentemente denunciou como um risco em que estão a incorrer as sociedades ocidentais.

«As profundas transformações que se estão a dar em Portugal – e que devem mobilizar as energias criadoras dos portugueses, na perspectiva de 1992 – não têm só a ver com os agentes económicos, com a modernização das infra-estruturas, com o aspecto material das coisas e o bem-estar das pessoas. O proteccionismo vai acabar e as fronteiras vão ficar abertas à livre circulação dos homens, das mercadorias e dos capitais, no interior do grande espaço único europeu. A livre concorrência será sempre a regra. Portugal tem de saber preservar o seu espírito próprio – a índole e o génio do seu povo. Para tanto, como tenho insistido, não interessa tão só pormo-nos de acordo quanto à estratégia do nosso próprio desenvolvimento, no quadro europeu. Temos de nos preocupar com as componentes social e cultural desse desenvolvimento, conferindo-lhe o sentido humanista próprio da nossa maneira de ser e de estar no mundo.

Comunidade científica e criadores de cultura

«Tenho insistido na importância da educação, da formação profissional, do ensino básico alargado e da generalização da cultura como factores essenciais do nosso desenvolvimento. Tenho procurado animar a autonomia universitária e estimular as universidades, como centros insubstituíveis de formação científica, tecnológica e de investigação. Na vedade, o Estado e as empresas devem compreender que sem uma comunidade científica motivada, dotada dos meios necessários e em intercâmbio fecundo com o que de melhor existe entre as instituições homólogas estrangeiras, não podemos avançar. Da mesma forma, havemos de considerar e entender o trabalho dos criadores de cultura – escritores, jornalistas, artistas plásticos, cineastas, músicos, críticos, homens de teatro e de espectáculo – no pluralismo das suas posições político-ideológicas diferenciadas – e ainda bem – visto que todas são necessárias para desenvolver uma cultura própria, multifacetada, original e criativa. Sinto ser, igualmente, meu dever acarinhar as diferentes classes profissionais e estimulá-las no reconhecimento dos seus direitos e pergaminhos, uma vez que, em grande parte, representam o espelho do nosso próprio desenvolvimento. Bem como dizer uma palavra de compreensão a magistrados e militares, colunas essenciais para a construção de uma República moderna – cuja dignificação constitui, portanto, um verdadeiro imperativo nacional – e que não podemos deixar, por distracção ou indiferença nossa, que se enquistem em posições meramente corporativas.»

«Numa fase de desenvolvimento que tem de ser tanto quanto possível acelerado, a pensar em 1992, mas igualmente atento a certos indispensáveis constrangimentos, para evitar novos e perigosos desequilíbrios financeiros, importa estimular o debate interno e a coesão social, por forma a consciencializar os portugueses ao redor dos grandes objectivos nacionais, que a todos dizem respeito: o ordenamento do território, a melhoria da qualidade de vida das populações, a identidade cultural, a defesa do património e do meio-ambiente, tão degradados, a descentralização, uma maior participação dos cidadãos na vida política, a todos os níveis.»

«Neste aspecto, a Comunicação Social – cujos trabalhadores saúdo – pode e deve desempenhar um papel de decisiva importância, sobretudo a televisão, ao chamar a atenção para os grandes temas da actualidade nacional e procurando tratá-los com seriedade, isenção e pluralismo. Vivemos na era do audiovisual em que a livre concorrência e o contraste de opiniões diferentes são cada vez mais a regra inelutável e factor insubstituível de progresso. Assim, a organização sistemática de debates – enquanto não surgem televisões concorrentes e reaparecem as rádios-livres – representa uma contribuição inestimável para reanimar a vida cívica, intelectual e o espírito crítico dos portugueses que carecem – como todos reconhecemos – de um maior dinamismo e participação.

Contribuir e não apenas receber ajudas

«Portugal é hoje um país de referência, em muitas áreas do mundo, e goza de um prestígio e aceitação internacionais de que nos devemos orgulhar.

«Integrados na Comunidade Europeia, temos aí uma contribuição a dar – e não só ajudas a receber – como país de acentuada vocação universalista e com uma experiência ímpar de contactos fecundos com povos, raças e civilizações diferentes. O empenhamento na nossa política africana, que tem um significado nacional e, por isso, merece o consenso de todos os partidos, passa também por aí e tem como porta a cooperação, realizada no respeito mútuo, na igualdade e na reciprocidade de vantagens. Os encorajantes passos dados, nos últimos tempos, têm que ser prosseguidos com tenacidade, espírito de abertura e coerência, não só a nível dos diferentes órgãos de soberania mas com a activa participação da própria sociedade civil.

«Portugal tem ainda, como todos sabemos, muitas carências, dificuldades e bloqueamentos. Constituindo uma sociedade aberta, desenvolvida e, portanto, complexa, vive conflitos e contradições que não devem ser dramatizados porque são naturais, em qualquer sociedade democrática. Importa, sim, que tenhamos a coragem e a capacidade para os ultrapassar, pelos métodos democráticos normais, do debate livre e do voto. No ano que hoje começa, realizar-se-ão eleições para o Parlamento Europeu, em Junho, e para as autarquias, em Dezembro. São dois importantes momentos eleitorais que haveremos de abordar – uma vez mais – em total liberdade e com o máximo sentido de responsabilidade colectiva.

«Termino como comecei: desejo a todos os portugueses, onde quer que se encontrem, residentes em Portugal ou no estrangeiro, um feliz Ano Novo. Estou certo de que o iremos viver, com o orgulho de sermos portugueses, confiantes no nosso destino nacional e no progresso da nossa terra – ao serviço de todos – em convivência solidária, em liberdade e em paz.»

* Subtítulos da responsabilidade do «DL»

Homilias de Ano Novo "unidas" na temática

PAPA E BISPOS DEFENDEM DIREITOS DAS MINORIAS

Os direitos das minorias, a atitude dos grupos terroristas e as novas perspectivas que a este respeito os ventos de desanuviamento abrem no Mundo constituiram os principais temas abordados por hierarcas católicos nas homilias de Ano Novo, pelo Papa e vários bispos portugueses. É a paz, cujo Dia Mundial foi ontem celebrado, que está, afinal, em jogo em 1989. Hoje como ontem...

Coube a João Paulo II «dar o mote», na sua qualidade de figura cimeira da Igreja Católica. A defesa dos direitos políticos, económicos e culturais das minorias étnicas constituiu o tema central das homilias que proferiu a propósito do Dia Mundial da Paz, ontem assinalado, e durante a missa de Ano Novo, celebrada como habitualmente na Praça de São Pedro, em Roma.

O Sumo Pontífice defendeu que «garantir a participação das minorias na vida pública é sintoma de progresso e honra os países onde todos os cidadãos têm garantida tal participação num clima de verdadeira liberdade», evitando, na linha da tradição papal, referir-se em concreto a qualquer país. João Paulo II exprimiu «esperança e preocupação» por quantos vivem num contexto cultural e religioso diferente do seu, afirmando ter rezado para que os homens de todos os países encontrem a sua própria identidade.

«Esperamos que este ano seja de paz, justiça e crescente solidariedade e dedicação de uns para os outros e para todos. Que a paz, a justiça e a solidariedade cresçam e se fortifiquem no coração dos homens», desejou a primeira figura da hierarquia da Igreja Católica na homilia dedicada ao Dia Mundial da Paz.

Na oração do Meio-Dia de ontem, que se prolongou por hora e meia, João Paulo II glosou o tema do terrorismo, fazendo apelo às «consciências» de todos os raptores para que libertem as suas vítimas, porque «Deus é o único dono da vida dos homens». Em intervenção da janela do seu gabinete particular, ouvida pelos presentes e transmitida pela televisão e rádio, incitou os fiéis a terem em conta o valor da «paz interior», sustentáculo de qualquer paz, que sem ela não passa de «precária, ilusória ou insatisfatória».

Desanuviamento e minorias

A temática das minorias ocupou igualmente grande parte das homilias de Ano Novo de hierarcas católicos portugueses. O bispo do Porto considerou que a situação de desanuviamento político que se vive no Mundo abre boas perspectivas. «Mediações e acordos permitem entrever possíveis soluções em benefício dos povos vítimas de conflitos sangrentos», disse D. Júlio Tavares Rebimbas, que considerou dever merecer, por isso, o problema das minorias «atenta reflexão», não apenas da parte de dirigentes políticos mas de «todos os homens de boa vontade».

«Nenhum cristão pode, conscientemente, encorajar ou apoiar estruturas e atitudes que dividem as pessoas das outras e os grupos dos outros», alertou o prelado, depois de se referir aos grupos terroristas «que se arrogam indevidamente o direito exclusivo de falar em nome das minorias». «Atacar e matar inocentes e levar a cabo represálias sangrentas não favorece de modo algum a solução dos problemas das minorias. Não é justo, nem cristão, nem humano».

Para o Bispo do Porto, trata-se, fundamentalmente de preservar dois «princípios impossíveis de abolir»: a «inalienável dignidade» e a «unidade da espécie humana». O Estado de Direito tem imensas responsabilidades, na sua opinião, na manutenção desses princípios. Uma das suas finalidades é que «todos os cidadãos possam gozar de idênticas igualdade e dignidade perante a lei, muito embora a existência de minorias, como grupos identificáveis no seio de um país, levante a questão dos direitos e deveres específicos», considerou D. Júlio Rebimbas.

Na mesma linha se pronunciou D. Augusto César, Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco, ao afirmar que «os grupos minoritários necessitam de diálogo e devem promovê-lo sempre».

«A vantagem dos grupos minoritários não reside na sua pequenez, mas sim na consciência de contar para o bem comum e de fazer dele uma reflexão para si e para os outros», disse o bispo, que, admitindo que os grupos minoritários possam reivindicar direitos, chamou a atenção para a necessidade de, ao fazê-lo, não esquecerem «os sem pão e sem trabalho, pois esses estão antes de qualquer reivindicação e acima das modas. Cada pessoa vale uma vida e supõe uma família.»

Bispo de Setúbal contra seitas

O Bispo de Setúbal, conhecido pela sua frontalidade na tomada de posições, pronunciou-se por seu turno na homilia de Ano Novo contra as seitas religiosas que, em seu entender, proliferam no nosso País. D. Manuel da Silva Martins disse que «na sociedade em que vivemos, as maiorias pretendem sempre impôr-se. Por isso, o reconhecimento das minorias inclui as religiosas. Mas sem serem seitas.»

O bispo manifestou a sua preocupação pelo incremento de grupos que «de religião só têm a capa para enganar as pessoas», como as Testemunhas de Jeová, os Mormons, a Igreja da Unificação e outros. «Temos de ter pena das pessoas fracas que se deixam enganar por essas seitas de objectivos duvidosos e que encontram na bondade a fácil receptividade de parte do nosso povo um campo para manobras que nada têm de transparentes», considera D. Manuel da Silva Martins.

O prelado sadino completou a sua intervenção com referências à situação económica do distrito, afirmando que «poderíamos ter aproveitado melhor o ano que hoje termina, pois o próximo é negro nas perspectivas». Reconheceu terem sido dados no ano findo «passos importantes», salvaguardando, porém, que o distrito não ultrapassou ainda a crise, pelo que «vamos continuar a ajudar quem precisa de nós, do nosso dinheiro e do nosso sorriso».

Outro dos bispos católicos a focalizar a sua intervenção desta quadra nos problemas regionais foi o responsável pela Diocese de Coimbra. Em mensagem publicada no «Diário de Coimbra», D. Júlio Alves analisou a situação nestes termos: «Apesar do esforço realizado na região conimbricense, há problemas que se eternizam, situações que se degradam e apelos ao crescimento e desenvolvimento que continuam a não ser encontrados».

Na sua óptica, não se trata apenas de potenciar os recursos económicos, mas também de dinamizar uma «atitude positiva dos cidadãos», estando a Igreja local («que anda a braços com o problema do desenvolvimento integral dos seus membros») aberta à colaboração na solução dos problemas regionais, «desde que esteja em questão o verdadeiro serviço da pessoas humana».

Noutro passo da sua mensagem, D. Júlio Alves realçou o «inestimável valor» da vida, sublinhando que «na verdade, é bom viver». «Se o Ano Novo o é apenas de nome, demonstra-se então que não se tem o verdadeiro sentido da vida, nem da profissão, nem do serviço».

Fronteiras de Timor-Leste foram abertas

— Indonésios mais complacentes no novo ano

O novo ano começou bem para os timorenses. Ontem viram abertas as fronteiras do seu país, podendo sair e entrar livremente sem autorização especial, o mesmo acontecendo aos indonésios que queiram visitar Timor-Leste. O levantamento das restrições de viagem de e para aquele território sob ocupação da Indonésia foi decidido em Conselho de Ministros e já tinha sido anunciado, a 20 de Dezembro em Jacarta, pelo ministro indonésio para as questões políticas, Sudomo. Decisão que tinha sido acatada com alguma reserva na comunidade maubere.

Uma fonte do Governo indonésio afirmou que a abertura contempla todos os 13 distritos de Timor-Leste e não apenas os oito referidos por Jacarta em Novembro. Recorde-se que, depois da sua invasão em Dezembro de 1975, Jacarta integrou Timor-Leste como província da Indonésia, fechando todas as fronteiras e restringindo ao máximo as deslocação de e para o território. As Nações Unidas, que nunca reconheceram a anexação daquele país e continuam a considerar que ele se encontra sob a soberania de Portugal, têm vindo a pressionar as autoridades indonésias para que dêem a autodeterminação ao povo maubere.

"Não devemos ter grandes expectativas na presidência espanhola da CEE"

— afirmou ontem João de Deus Pinheiro na rádio

O ministro dos Negócios Estrangeiros começou o ano com um vatícinio sobre a nova presidência espanhola da Comunidade Europeia e as consequências que isso trará para Portugal. «A presidência espanhola será muito difícil», afirmou João de Deus Pinheiro, ao ser entrevistado ontem no programa «Entre Nós» da Rádio Comercial, acrescentando que isso se deve ao facto de ela «ir sofrer os primeiros grandes impactos da implementação das resoluções sobre o Mercado Único». Pelo que, o ministro entende que «não devemos ter grandes expectativas nessa presidência»

De uma forma mais positiva considerou a posição portuguesa como medianeiras nas relações da CEE com a América Latina. «Portugal está a liderar essa questão e não a Espanha. Foi o nosso país que deu a pedrada no charco na reunião da Comunidade com o «grupo dos oito», alertando para a necessidade de se alterarem a natureza e o estilo das relações», frisou Deus Pinheiro.

O líder da diplomacia portuguesa afirmou ainda que foi Portugal quem chamou à atenção para o facto de alguns países da América Latina deixarem de ser em breve, pela ordem natural das coisas, países preferênciais, o que pode criar-lhes extraordinárias dificuldades. «Os 'oito' do 'grupo do rio' têm tido constactos regulares comigo para darem a conhecer o andamento das suas iniciativas para melhor organização do grupo», acentuou.

Reiterando a ideia de que a diplomacia portuguesa foi bastanter activa antes e durante as conversações quadripartidas para a paz em Angola, Deus Pinheiro disse que «as orientações e prespectivas aprovadas pelas quadripartidas coincidem, quase na totalidade , com as propostas e cenários desenhados por Cavaco Silva em Fevereiro, em Washington.

Segundo aquele responsável governamental, «O plano para o desenvolvimento de Angola no período da paz, o chamado mini plano Marshal, do qual Portugal é dinamizador, conta com o apoio político e financeiro, faltando apenas garantir o enquadramento técnico e organizacional».

Conferência da paz para o Médio Oriente

Na óptica do ministro dos Negócios Estrangeiros só existe uma via para pôr termo ao conflito do Médio Oriente: através de uma conferência internacional de paz, envolvendo as partes em conflito e realizada com o apoio das superpotências. «A OLP pôs a bola no lado dos EUA e de Israel. Washington já deu os sinais positivos e esperamos que Israel faça o mesmo para desenvolver o processo negocial», disse o ministro.

Afirmando que Portugal apoia a criação do Estado palestiniano, João de Deus Pinheiro referiu que «no entanto, é nossa tradição não reconhecer Estados que não tenham definição de fronteiras e poder político definido».

Questionado sobre as negociações sobre a Base das Lages, o chefe da diplomacia portuguesa utilizou o ditado popular «amigos, amigos, negócios à parte» para responder. Segundo as suas palavras, «estamos ainda longe do prazo final para as negociações, que têm por limite Agosto. A única coisa que digo é que não gosto de perder nem um berlinde e deixo esta nota para as vossas conclusões...»

A morte do diplomata Sérgio Moutinho mereceu-lhe também algumas considerações. «Nesta fase do processo uma das hipóteses para que as autoridades turcas apontam é a do delito comum. O nosso diplomata mostrava padrões de vida que destoam da média dos turcos e isso poderá ter originado cobiças», comentou João de Deus Pinheiro.

Concluiu a entrevista ao pronunciar-se sobre o livro de Sá Machado e a candidatura falhada desta personalidade à UNESCO. Para o líder da diplomacia portuguesa, «o candidato espanhol não tinha o apoio do seu Governo, que só lhe deu à última hora. Uma candidatura para certas instâncias não depende tanto dos Governos ou de movimentos diplomáticos, mas da personalidade dos candidatos e do apoio que ele consegue na máquina da própria organização, Só assim se compreende que um candidato que não tinha o apoio do seu Governo tenha ganho a eleição na UNESCO».

Pedro Canavarro critica política face à Comunidade

O secretário-geral do PRD criticou a política portuguesa referente à CEE. «Os portugueses estão muito afastados de 1992 e do Mercado Único, porque não há ainda a alma e o sentir do projecto europeu», afirmou Pedro Canavarro, numa entrevista no programa «Edição Especial», da Rádio Renascença.

Segundo aquele renovador, «a preocupação de arrumar a casa, prioritáriamente para o Governo do PSD, é importante mas tem uma marca excessivamente tecnológica».

O que é previsível para este novo ano acabadinho de chegar tem aspectos um tanto carregados ou pelo menos recheados de dúvidas a vários níveis. O que há de concreto também não augura uma qualidade de vida invejável. Assim, as dúvidas principais, referem-se aos valores e formas de funcionamento, na prática, do imposto único que veio para substituir sete outros, entre os quais o complementar, o profissional, o de capitais e as contribuições industrial e predial. Será que cada um de nós fica a pagar pelo menos o mesmo que já tinha de descontar ou os resultados finais serão de nova «rapina» nos rendimentos do cidadão? Serão as empresas capazes de responder de forma prática e imediata ao regulamento do imposto, dada a sua divulgação tardia, ou tudo correrá como o optimismo dos governantes faz supor? Certo, certo, é que hoje já toda a gente teve de cobrir os novos preços dos bens essenciais determinados pelo Governo: a carcacinha e o copo de leite da manhã já estavam de acordo com as novas tabelas, logo ao pequeno almoço, o passe ou o bilhete do transporte também já trazia o agravamento, tal como o gás e a água do chuveiro matinal (depois queixem-se de que sobe de «tom» o cheirinho dos trannsportes públicos...), a carta de cumprimentos pelo novo ano, o telefonema a um amigo, a portagem da ponte ou da auto-estrada, a viagem às ilhas, o seguro do carro. E agora é esperar pelo que há-de vir na propagação em cadeia que estes aumentos sempre implicam. Depois temos que quem for tirar passaporte já se sentirá mais europeu: no bolso pode levar uns pindéricos escudos mas a capa do dito reconhecer-lhe-á a qualidade de cidadão do Velho Continente, na íntegra. Bom, e o novo ano traz a curiosidade de, além de ter de pagar mais pela chamada telefónica, se tornar cada vez mais difícil fazer uma ligação de uma cabina pública. É que as moedas de cinco escudos de cuproníquel deixaram ontem de circular e os sistemas continuam, e continuarão por alguns meses, preparados exactamente para essas moedas. Quem quiser que use as de 25 escudos... e o aumento ainda é maior.

"MAIS CARO" COMEÇOU PELO ESSENCIAL

O aumento do seguro de responsabilidade civil automóvel é o mais pesado de quantos este Governo nos trouxe no «sapatinho», afectando cerca de 60 por cento dos portugueses. Não sofrerá, contudo, qualquer outro aumento este ano, assim como o seguro automóvel de danos próprios. O agravamento é de 15 por cento, o maior e mais significativo de todos os que Cavaco Silva nos reservou para 1989. Manterá, aindo no próximo ano, o limite mínimo obrigatório de vinte mil contos.

O custo médio do prémio de responsabilidade civil foi de onze mil escudos em 1988. Um seguro novo, sem agravamento, custa cerca de catorze mil escudos.

A grande taxa de sinistralidade, como nesta edição se refere a propósito do movimento no último fim-de-semana do ano, levou as seguradoras a solicitarem o aumento da responsabilidade civil automóvel, alegando com prejuízos incomportáveis na sua actividade por via disso. A sua revisão e aumento foram preconizadas por aquelas como única forma de reduzir os prejuízos daí decorrentes. As seguradoras argumentaram, com efeito, que esses prejuízos aumentam de ano para ano devido à taxa de sinistralidade.

A revisão do preço do seguro de responsabilidade civil do ramo automóvel foi solicitado em meados do ano findo ao Instituto Nacional de Seguros de Portugal, com taxas de agravamento muito superiores às que vieram a ser adoptadas, apurou o «Diário de Lisboa». Os 15 por cento aprovados são de longe inferiores à subida pretendida por muitas companhias de seguros.

A Associação Portuguesa de Seguradores, que agrupa a maior parte das companhias do sector, calcula que os prejuízos de exploração do ramo automóvel tenham atingido os dezasseis milhões de contos em 1988.

O custo médio por sinistro este ano rondou os 120 mil contos, contribuindo para isso os aumentos constantes dos preços das peças e e da mão - de-obra que em 1987, relativamente a 1986, registaram agravamentos de 30 por cento (peças) e entre 50 e 70 por cento (mão-de-obra).

Mas nem só de seguros se fala, quanto a aumentos, neste momento, em Portugal. Bens essenciais aumentaram também, em particular o pão, cujos novos preços passaram a oscilar entre os 102$50 e os 119$00, respectivamente o pão do tipo «115» com mais de 333 gramas (que custava 99 escudos) e o pão do tipo «75» até 333 gramas (119 escudos).

O gás não se ficou para trás: o butano e o propano em garrafa de mais de três quilos, que custava 68$5O/kg, passou a custar 74#5O. O gás de cidade, que custava 24$5O por metro cúbico, subiu para 26$50.

O eufemismo das actualizações

O Governo chama-lhes actualizações, aos aumentos decretados a seu tempo e que ontem entraram em vigor. Em vez de aumentos, subidas ou agravamentos (do custo de vida), usa maliflua e eufemisticamente aquela designação.

As referidas «actualizações» foram decididas em 15 do passado mês de Dezembro, incluindo a descida das taxas de televisão a cores (menos 39 por cento) e dos telefonemas internacionais (menos 15 por cento), como também já noticiamos. Aliás, o mesmo se passa em relação à água de Lisboa - outro bem essencial -, que sofreu um aumento de 5,1 por cento, ao passo que a taxa de 167 escudos para 180, caso o consumo de electricidade seja superior a 270 KW/h.

Quem viajou nas (poucas deficientes) autoestradas portuguesas no último fim-de-semana sentiu já o aumento das tarifas das portagens. De facto, pagou um determinado valor na ida e outro, obviamente mais engano nem nada que se lhe pareça: o que acontece é que viajar em autoestrada é mais caro. E, depois, com as estradas que temos, ainda há quem se surpreenda com o número e dramatismo dos acidentes rodoviários que ocorrem de Norte a Sul.

Os novos preços das portagens variam entre os 35 escudos (taxa que se mantem) e os 360 escudos, que é o valor da ligação Mealhada-Aveiro (Sul) para pesados. Apenas se mantêm inalteráveis os troços entre Condeixa-Coimbra (35 escudos), Vila Franca de Xira-Carregado (45$0C) e Combra/Sul-Coimbra/Norte.

Carta 2$00 mais cara

No que respeita aos correios e telefones apenas aumenta o porte mínimo de carta rodoviária nacional, um outro eufemismo deste conjunto de agravamentos de preços e custo de vida. Mandar carta à família, à namorada/o ou amigo, é dois escudos mais caro. E se os impulsos telefónicos não sobem, a verdade é que o preço da assinatura mensal, que era de 1 200 escudos, passou para 1 260$00. Um aumento de 5 por cento.

A maioria dos leitores já sabe que no próximo fim-de-semana pagará os semanários mais caros quinze escudos e que, se os diários não sobem por ora, o mesmo não sucede com a diária nos hospitais, que também subiu. É, na opinião dos observadores, entre todos os aumentos -rol que não é assim tão pequeno parece -, o mais desconcertante dos aumentos , ou pelo menos a sua referência.

Continua na pág. 6

Novos preços em vários bens essenciais

Continuação da pág. 5

Subiram também os preços das viagens aéreas entre Lisboa e as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, mais caras entre 5,9 e 6,9 por cento. Os novos preços oscilam, no último caso, entre 17 contos (estudante) e setenta mil escudos , viagem de ida e volta. A tarifa «pex» fica por 31 contos, o residente paga 25 por uma viagem e a tarifa especial vai de 23 500$00 (simples) a 47 contos (ida e volta).

No tocante à Madeira vão (os bilhetes de avião) de dezassete mil escudos (estudante) e os 41 400$00(ida e volta). O simples sem qualquer desconto é de 20 700$00, a tarifa especial custa 14 750#00 o simples e 29 500$00 (ida e volta). O «pex» foi fixado em 19 contos (ida e volta) e o de residente em 15 500$00.

Transportes também mais caros

Transportes ainda, mas em Lisboa e Porto, de cujos preços para o ano que ontem começou damos aqui alguns exemplos, sem avançar, contudo, que os novos preços dos comboios quer da Rodoviária Nacional.

Assim, em Lisboa, os passes intermodais passaram a custar 2 195 (L), o L1 mais 165 escudos que até sábado (915$00), 3 500$00 o L2 e 3 965$00 o L3.

Os passes combinados passaram de 4 360 para 4 620 escudos o L/CP (Lisboa-Cascais), de 4 490 escudos para 4 760 escudos o LC/F entre Lisboa e Vila Franca de Xira, o L/RN e operadores privados (oito quilómetros) de 2 985$00 para 3 170 escudos e o passe da Transtejo de mil e 305 escudos para 1 385$OO.

Quanto à Região do Porto, o mais caro de todos os passes é o da STCP/operadores privados, que aumentou de 2 815 escudos para 2 990, ao passo que o da rede geral (ABC) passou de 2 985$00 para 3 165 escudos.

Os outros passes da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP) do Porto subiram de 1 870 para 1 985$00 (cidade-A), de 2 500 para 2 650$00 (periferia Norte -B)e de 1 870 (também) para 1 985 escudos (Vila Nova de Gaia-C).

Uma última informação acerca de agravamentos neste sector: o transporte de aluguer com ou sem distintivo (táxis a outros) registou um aumento médio de seis por cento.

IRS, IRC e Contribuição Autárquica

"REFORMA FISCAL" SOBRE O RENDIMENTO JÁ ESTÁ EM VIGOR

A tão falada «reforma fiscal» sobre rendimento está completa, com a entrada ontem em vigor dos três novos códigos: IRS, IRC e contribuição autárquica, ao mesmo tempo são abolidos sete dos anteriores impostos - o profissional, complementar, contribuição industrial, imposto de capitais, contribuição predial, imposto sobre a industria agrícola e imposto de mais-valia, além de mais uma parte do imposto de selo. O IVA mantém-se, mas o Governo promete revê-lo durante este ano.

Depois de longas discussões entre Governo e Oposição, defendendo o primeiro que a carga fiscal não aumenta, e os segundos fazendo contas e dizendo que sim, no final deste mês quem paga vai «tirar teimas».

A primeira diferença prática do novo modelo fiscal foi já sentida pelos trabalhadores por conta de outrém, ao preencherem uma declaração com o essencial da situação pessoal e familiar.

Nesta, cada trabalhador tem de declarar se é casado ou não, se tem filhos ou dependentes inaptos para o trabalho, e outros elementos susceptíveis de lhe minorar a carga tributiva. Se o não fizer, a «sanção» é simples: será tributado como não casado e sem filhos, ou seja, a situação mais gravosa para o indivíduo.

Os efeitos da aplicação desta declaração só se farão sentir no fim de Janeiro, com a retenção na fonte do IRS, a partir das tabelas práticas entretanto aprovadas e publicadas no jornal oficial. Aí se prevêm algumas diferenças ao nível de descontos legais, consoante a situação familiar.

A maioria dos trabalhadores sentirá que está a pagar «mais» todos os meses relativamente ao devido por imposto profissional, mas a contrapartida é o desaparecimento do imposto complementar... no próximo ano.

Trabalhadores independentes: retenção também na fonte

Para os trabalhadores independentes, está desde hoje à disposição o novo modelo de início de actividade. A grande diferença será o pagamento de 16 por cento de IRS através da dedução feita pela entidade pagadora, contrariamente ao que se passava até agora, em que não havia retenção na fonte.

O IRS tem por taxas uma tabela mais pequena do que a dos impostos abolidos, aplicável após as operações de deduções, abatimentos e 'splitting', havendo mesmo deduções directas à colecta.

Até 450 contos, os rendimentos são tributados em 16 por cento, sendo os quatro escalões seguintes taxados a 20 por cento (de 450 a 850 contos), 27,5 por cento (de 850 a 1250 contos), 35 por cento (de 1250 a 3000 contos) e 40 por cento (mais de 3000 contos).

A lei excepciona os juros de depósitos bancários, os rendimentos de títulos, os ganhos de jogo, lotarias e apostas mútuas, bem como rendimentos do trabalho e pensões de não residentes, que beneficiam de taxas liberatórias, nunca pagando mais de 20 ou 25 por cento, consoante os casos.

As empresas e outras pessoas colectivas passam a dever IRC relativamente a todos os seus rendimentos. Destaque para os lucros, onde se consagra a teoria do incremento patrimonial.

A taxa única do IRC é de 36,5 por cento, após dedução de todos os encargos legalmente admitidos, excepção para os rendimentos de entidades sem sede ou direcção efectiva em Portugal, casos em que não passa de 25 por cento.

Contribuição autárquica: nova fonte de rendimento das autarquias

O terceiro dos novos impostos já em vigor é a contribuição autárquica, nova fonte de financiamento das autarquias locais.

Este imposto municipal agora criado incide sobre o valor tributável dos prédios existentes no município, quer sejam rústicos ou urbanos.

As taxas legalmente fixadas são de 0,8 por cento, anualmente, para os prédios rústicos, e de 1,1 a 1,3 por cento para os prédios urbanos.

A Assembleia Municipal define, todos os anos, a taxa aplicável aos prédios urbanos. Quando a autarquia não tomar posição, aplica-se a taxa mínima.

Fora dos três novos códigos ficou a matéria relacionada com os benefícios fiscais, que o Governo entendeu agrupar em legislação própria.

O estatuto dos benefícios fiscais, já aprovado pelo Conselho de Ministros, virá prosseguir a tendência de restrição neste domínio, aliás bem anunciada nos dois últimos Orçamentos de Estado.

Em articulação com a contribuição autárquica, mas tendo também relevância em sede de imposto sucessório e sisa, prepara a Administração Fiscal propostas para um novo código das avaliações prediais, considerando-se generalizadamente que o actual sistema se encontra de há muito ultrapassado.

"Grupo de amigos" vai crescendo

Adeptos do banho do ano insistiram em Carcavelos

A tradição, já com 43 anos, voltou ontem a cumprir-se na praia de Carcavelos, onde um grupo de amigos comemora anualmente a entrada do novo ano com um banho de mar.

O grupo, que entra na água exactamente ao meio-dia («foi a essa hora que esta brincadeira começou»), tem aumentado de ano para ano, surgindo sempre novos elementos que se juntam aos sete fundadores.

A brincadeira começou em 1946, com um grupo de jogadores do CIF a decidir dar um mergulho em Carcavelos, depois de um jogo de futebol na praia. Desde então, ao meio-dia do primeiro dia de cada ano, o grupo vai à praia de Carcavelos para o banho de mar, sendo, no entanto, actualmente mais os espectadores do que os banhistas.

A televisão e a Imprensa popularizaram esta aventura, e ontem eram dezenas os banhistas na praia de Carcavelos, gozando o esplêndio dia de sol, apesar do ar frio. Cá fora, centenas de pessoas assistiam ao que se passava na praia.

O almoço de convívio que se realizava habitualmente após o banho de mar não se fez este ano: «Começaram a registar-se muitos abusos, e o grupo aumentava cada vez mais, chegando alguns a trazer a família toda, porque era de borla».

«No entanto, a rapaziada da velha guarda continua a reunir-se num almoço de confraternização», disse à Lusa o «sócio fundador» do grupo de banhistas, Gastão Machado.

Além deste, o grupo de fundadores integra Armando Oliveira, Alberto Morais, Henrique Fonseca, Armando Silva, José Lage, Humberto Ferreira, Vítor Lima, José Grilo, António Silva e a única mulher, Maria Leonor, que aderiu há quatro anos.

Passaporte europeu começou ontem...

O novo passaporte europeu entrou ontem em vigor em Portugal, passando a sua validade para 5 ou 10 anos consoante o titular menos ou mais de 25 anos.

O novo passaporte, de cor encarnada e formato mais pequeno que o antigo, apresenta na parte superior da capa as palavras «Comunidade Europeia», a inscrição «República Portuguesa» e o escudo nacional.

A falsificação do passaporte europeu é praticamente impossível, devido ao papel especial de que é feito e que requer uma leitura computadorizada.

Segundo informação do Ministério da Administração Interna, a informatização de todo o sistema de emissão de passaportes permitirá a redução dos prazos de entrega para uma semana, ou até um dia se for um caso urgente.

Os passaportes verdes emitidos até hoje mantêm-se em vigor até à data limite da sua validade, podendo a sua substituição ser requerida por quem o desejar.

O novo passaporte está a ser adoptado por todos os países da CEE.

...e deixam de circular as moedas de cinco escudos em cuproníquel

As moedas de 5 escudos em cuproníquel deixaram de circular desde ontem, podendo ser só trocadas no Banco de Portugal.

Lançadas há 25 anos, a retirada destas moedas justifica-se pela necessidade de pôr termo ao inconveniente de manter em circulação duas moedas com o mesmo valor após o lançamento do novo sistema.

A troca das moedas pode ser feita no Banco de Portugal até 31 de Março.

crescendo

no

elos

zando o esplêndio dia
apesar do ar frio. Cá
ntenas de pessoas as-
ao que se passava na

noço de convívio que
lizava habitualmente
anho de mar não se fez
: «Começaram a regis-
uitos abusos, e o gru-
entava cada vez mais,
lo alguns a trazer a fa-
da, porque era de bor-

ntanto, a rapaziada da
uarda continua a reu-
um almoço de confra-
ão», disse à Lusa o
undador» do grupo de
s, Gastão Machado.
deste, o grupo de fun-
integra Armando Oli-
lberto Morais, Henri-
seca, Armando Silva,
ge, Humberto Ferrei-
or Lima, José Grilo,
Silva e a única mu-
aria Leonor, que ade-
uatro anos.

ou ontem...

tem em vigor em Portu-
0 anos consoante o titu-

e formato mais pequeno
ior da capa as palavras
República Portuguesa» e

é praticamente impossí-
feito e que requer uma

Administração Interna,
emissão de passaportes
ga para uma semana, ou

oje mantêm-se em vigor
do a sua substituição ser

o por todos os países da

moedas

oníquel

proníquel deixaram de
ó trocadas no Banco de

destas moedas justifi-
o ao inconveniente de
s com o mesmo valor

ita no Banco de Portu-

UM ANO DE CONVITE À POUPANÇA DEPOIS DE TRÊS DE DECRÉSCIMO

Luísa Silveira
Lusa/«DL»

A tradicional propensão para o aforro que é uso atribuir aos portugueses registou uma quebra nos últimos três anos, tendo a taxa de poupança dos particulares descido 6,5 pontos face ao Produto Interno, entre 1985 e 1988.

O ano que findou foi marcado por novo decréscimo da taxa de poupança dos particulares.

De acordo com as últimas estimativas do Banco de Portugal, a taxa foi equivalente a 20,3 por cento do PIB, o que representa uma redução de 1,4 pontos face aos valores de 1987.

Os dois anos precedentes já haviam sido marcados por reduções da tendência para o aforro. Em 1986, a taxa de poupança dos particulares, em percentagem do PIB, situara-se 3,7 pontos abaixo dos valores de 1985 e em 1987 voltou a descer 1,4 pontos face a 1986.

Entre 1985 e 1988 passou de 26,8 para 20,3 por cento do PIB.

Apesar desta tendência dos particulares, a evolução global da poupança interna tem sido no sentido da subida. Entre 1985 e 1988 a poupança interna subiu constantemente, face ao produto interno, tendo passado de 23,4 por cento do PIB para 29,2, ou seja, subiu 5,2 pontos percentuais.

As empresas foram, segundo os dados do Banco de Portugal, as principais responsáveis pelo crescimento da poupança no período em análise, tendo esta passado de 2,9 por cento do PIB, em 1985, para 11,5 em 1988.

Mais dívida pública que educação e saúde

Só os juros da dívida pública vão custar ao Orçamento de Estado do próximo ano 582,5 milhões de contos, isto é, mais do que as verbas consagradas no mesmo orçamento aos Ministérios da Educação e da Saúde e que somam 571,1 milhões de contos.

Aqui, o gabinete de Miguel Cadilhe poderá continuar a apresentar os argumentos que mais salvaguardam a sua imagem: «assumimos os encargos crescentes de uma dívida contraída por outros governos e passámos a pagá-la aos preços de mercado».

O argumento será quase verdadeiro. Só o será completamente quando deixar de existir qualquer benefício fiscal para os títulos da dívida pública, o que está previsto na Reforma Fiscal mas que ainda não deverá acontecer em 1989.

Segundo fonte da Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, os títulos de dívida pública que forem emitidos em 1989 deverão ficar sujeitos a uma situação transitória de redução gradual dos benefícios até à sua completa extinção, em 1992.

Referida a forma sedutora de captação de poupança, anotem-se agora as versões menos atraentes: fisco e previsão da inflação.

Começando pelo último aspecto, as previsões de 6 por cento para a inflação em 1989 são contestadas aos mais diversos níveis – OCDE, partidos da oposição, sindicatos.

Menos consumismo queiramos ou não

Quanto aos particulares, tudo indica que, em 1989, serão forçados a inverter a recente tendência para os prazeres consumistas e retomar os velhos costumes que se pautam pelo, também velho, ditado: «no poupar é que está o ganho».

A previsão fundamenta-se nas medidas que o executivo está empenhado em levar por diante em matéria de contenção de pressões inflacionistas, por um lado, e de solucionar os problemas relacionados com a dívida pública, por outro.

No gabinete de Miguel Cadilhe dois grandes desafios continuarão a reunir em 1989 os esforços das equipas dos vários secretários de Estado: reduzir a inflação para níveis comunitários, até 1992, e fazer face aos encargos com os juros da dívida interna.

Convencer os particulares a poupar, voluntária ou involutariamente, constitui, assim, um dos vectores primordiais da política do executivo.

Parte desta política poderá ou terá mesmo de ser conduzida com o recurso às mais simpáticas técnicas de «marketing» e publicidade.

Estarão neste caso os previsíveis apelos à subscrição de títulos de dívida pública com o devido relevo às também quase certas e apetecíveis taxas face aos instrumentos financeiros concorrentes.

Cadilhe aposta em menos dois pontos que a OCDE

Na OCDE aponta-se como plausível uma taxa de 8 por cento, mas Miguel Cadilhe não abdica das suas projecções dois pontos abaixo. A teimosia é compreensível, mas coloca o Governo numa posição antipática.

Com efeito, depois de um 1988 em que um acordo de rendimentos e preços foi denunciado por não cumprimento das metas da inflação, seria difícil acreditar que os objectivos de 6 por cento, a serem aceites como base de negociação, nomeadamente por parte dos sindicatos, não implicariam uma efectiva perda de poder de compra, ou seja, uma «poupança forçada».

Mas neste caso, para o Governo, não se pode dizer que a previsão de uma inflação «óptima» seja inimiga de uma inflação «boa», pelo contrário. O combate à inflação passa pela redução do consumo, pelo que é desejável que não haja, pelo menos, aumento do poder de compra.

O sacrifício que se pede nesta matéria aos portugueses tem mais uma vez em 1992 por argumento, desta feita a integração de Portugal no Sistema Monetário Europeu, o que implica que a inflação portuguesa se aproxime da média comunitária.

A tarefa não é fácil: em 1988 o diferencial entre a inflação portuguesa e a média comunitária foi da ordem dos 6 pontos percentuais.

O cumprimento de tal meta tem levado o Executivo a conduzir campannhas de sensibilização em torno do objectivo, nomeadamente ao nível dos parceiros da concertação social.

Já no final de Dezembro, Miguel Cadilhe apresentou uma proposta de trabalho no âmbito da Concertação Social cujo objectivo é a desinflação até 1992. Aos sindicatos foi pedido moderação nas negociações salariais, aos empresários que evitem estratégias que conduzam a aumentos de preços.

A outra dimensão da «poupança forçada» é o fisco. O Orçamento do Estado para 1989 prevê receitas de 1 426,6 milhões de contos, um acréscimo de 18,63 por cento face às receitas orçamentadas em 1988 e que se cifravam em 1 202,6 milhões de contos.

Pondo de parte a discussão sobre se a Reforma Fiscal trará ou não uma maior justiça fiscal, em matéria de impostos directos (IRS, IRC, Imposto de Sucessões e Doações, e outros), o que é certo é que o grosso do aumento das previsões de cobrança diz respeito aos impostos indirectos, os que incidem sobre os produtos de consumo e não sobre os rendimentos.

São os números do Governo que o indicam. As previsões de cobrança cifram-se em 1 438,6 milhões de contos, das quais 466,9 referentes a impostos directos (de que se exclui as receitas do profissional e complementar a liquidar em 1989 e que se destinam ao Fundo Autónomo da Segurança Social) e 971,7 de impostos indirectos.

Para 1988 as estimativas de cobrança tinham sido de 1 284,4 milhões de contos, sendo 418,1 milhões de contos de impostos directos e 866,3 de impostos indirectos.

MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

MAIS JUSTIÇA SOCIAL

AUMENTO DAS PRESTAÇÕES FAMILIARES

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO

Um dos objectivos fundamentais do Programa do Governo consiste na efectiva melhoria das condições de vida das camadas da população mais desfavorecida e no aumento da protecção social das famílias portuguesas em especial das crianças e dos jovens.
Coerentemente com este objectivo e prosseguindo a sua política de maior justiça social e de incremento dos níveis de bem estar das famílias, o Governo decidiu actualizar os quantitativos das prestações sociais que têm por finalidade garantir rendimentos substitutivos de salários e compensar encargos familiares.
Após o recente aumento do valor das pensões, que beneficiou cerca de 2,1 milhões de pensionistas, este adicional esforço de actualização vem melhorar os quantitativos dos abonos de família e suas prestações complementares com maior expressão nas prestações que contribuam para a melhoria das condições de vida e da reabilitação e integração social dos deficientes.

PRESTAÇÕES	Valores anteriores			Novos Valores	
	Janeiro 1986	Janeiro 1987	Janeiro 1988	Janeiro 1989	Aumento %
1. ABONO DE FAMÍLIA					
1 descendente	1 000$00	1 120$00	1 250$00	1 375$00	10,0%
2 descendentes	2 000$00	2 240$00	2 500$00	2 750$00	10,0%
3 descendentes e seguintes	1 400$00 a)	1 680$00 a)	1 880$00 a)	2 070$00 a)	10,1%
2. ABONO COMPLEMENTAR A CRIANÇAS E JOVENS DEFICIENTES					
Até aos 14 anos de idade	1 850$00	2 800$00	3 150$00	3 530$00	12,1%
Até aos 18 anos de idade	2 750$00	4 100$00	4 620$00	5 175$00	12,0%
Até aos 24 anos de idade	3 650$00	5 500$00	6 190$00	6 930$00	12,0%
3. SUBSÍDIO MENSAL VITALÍCIO A DEFICIENTES	4 580$00	7 500$00	8 600$00	9 700$00	12,8%
4. SUBSÍDIO DE NASCIMENTO	10 250$00	12 000$00	13 350$00	14 700$00	10,1%
5. SUBSÍDIO DE ALEITAÇÃO	1 950$00	2 200$00	2 450$00	2 700$00	10,2%
6. SUBSÍDIO DE CASAMENTO	8 800$00	10 000$00	11 150$00	12 270$00	10,0%
7. SUBSÍDIO DE FUNERAL	12 450$00	14 000$00	15 600$00	17 150$00	10,0%

SÃO BENEFICIÁRIOS CERCA DE DOIS MILHÕES E MEIO DE PORTUGUESES

a) Valor por descendente, tratando-se de agregados familiares cujos rendimentos líquidos mensais sejam inferiores a uma vez e meia a remuneração mínima garantida à generalidade dos trabalhadores.

EM VIGOR A PARTIR DE 1 DE JANEIRO

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Vila Franca de Xira e Cascais ligadas por estrada

O Governo autorizou hoje o arranque das formalidades necessárias para a construção de uma estrada que ligará directamente os municípios de Cascais, Loures, Mafra, Sintra e Vila Franca de Xira.

A autorização que dá luz verde à construção da que será a via de cintura da área metropilitana de Lisboa-Norte está contida num despacho normativo do Ministério do Planeamento e da Administração do Território, publicado no «Diário da República».

O diploma autoriza a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, a firmar com as câmaras dos municípios envolvidos no projecto um protocolo de cooperação e a proceder à abertura de concursos e adjudicação de trabalhos.

O custo da obra, estimado em 1 800 000 contos, será suportado pelas autarquias, que beneficiarão de um co-financiamento.

O movimento rodoviário nas estradas que dão acesso á fronteira de Vilar Formoso foi reduzido neste último fim de ano – disse uma fonte da Brigada de Trânsito da GNR da cidade da Guarda.

Bancos de nevoeiro e fortes formações de geada afectam alguns troços das estradas da zona devido às baixas temperaturas que têm assolado a região da Guarda e serra da Estrela.

Segundo a mesma fonte da GNR, o movimento de entradas e saídas do País através da fronteira de Vilar Formoso foi normal durante a manhã de sábado, aumentando de intensidade de tráfego nos dois sentidos para o fim da tarde, devido à deslocação de pessoas para fazerem a passagem do ano nos dois lados da fronteira.

O gelo tomou conta das estradas na região de Bragança, onde a temperatura baixou a quase 5 graus negativos, quer na relva quer no ar — disseram os Serviços de Meteorologia.

Os campos estão cobertos por fortes camadas de geada e regista-se um nevoeiro intenso.

«Com estradas vidradas, nevoeiro até ao pé da porta e dia frio, é mesmo uma aventura circular por certas estradas que ligam a Bragança», disse, por seu lado, um porta-voz da GNR.

Agentes da PSP e da GNR podem, a partir de agora, viajar gratuitamente nos autocarros ou comboios das empresas de transportes colectivos de passageiros para fiscalizarem a respectiva actividade.

Nos termos e uma portaria hoje publicada no Diário da República, se os agentes não se encontrarem devidamente fardados, terão de identificar-se com um cartão de fiscalização não nominal passado pelo Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

Apesar do Natal sangrento

ESTE ANO MORREU-SE MENOS NAS ESTRADAS

Houve este ano menos dez casos fatais nos acidentes registados nas estradas portuguesas do que no ano passado, embora os números elevados da sinistralidade durante o período de Natal fizessem crer que seria atingido o maior índice de sempre.

Segundo estatísticas fornecidas pelas duas instituições que mantêm a segurança no tráfego das estradas e vias urbanas, GNR e PSP, o ano findo registou 2312 mortos, contra 2325 no ano de 1987, apesar de o parque automóvel ter aumentado em 200 mil unidades durante o último ano.

Também diminuiu o número de condutores encontrados a conduzir com elevada taxa de alcoolemia, que passou de 10 419 há dois anos para 10 061 em 1988.

No entanto os números de acidentes e as suas graves consequências ocorridas durante a campanha que a GNR iniciou em 15 de Dezembro, em que mobilizou os 1500 elementos da Brigada de Trânsito, reforçados ainda pela quase totalidade das Unidades Territoriais, provocaram um certo desânimo nos responsáveis por aquela iniciativa. Eles esperavam uma redução substancial na sinistralidade, a corresponder ao esforço desenvolvido na acção denominada «Ajude-nos a cuidar de si».

Porém nada garante, e, pelo contrário, tudo aponta para a hipótese de não ter sido mais sangrenta a quadra festiva devido precisamente à intensa e prolongada acção de vigilância e controlo da circulação rodoviária por parte da GNR.

Números comparados

O tenente Rosa da Brigada de Trânsito da GNR informaria esta manhã o «DL» que no período de passagem do ano o número de acidentes verificados, apenas nas estradas, foi de 346, de que resultaram 11 mortos, tendo no mesmo período do ano anterior sido de 360 acidentes com 12 mortos.

O conjunto de Natal e Ano Novo foi de 916 acidentes com 54 mortos, contra 773 acidentes e 35 mortos na quadra de 87 para 88.

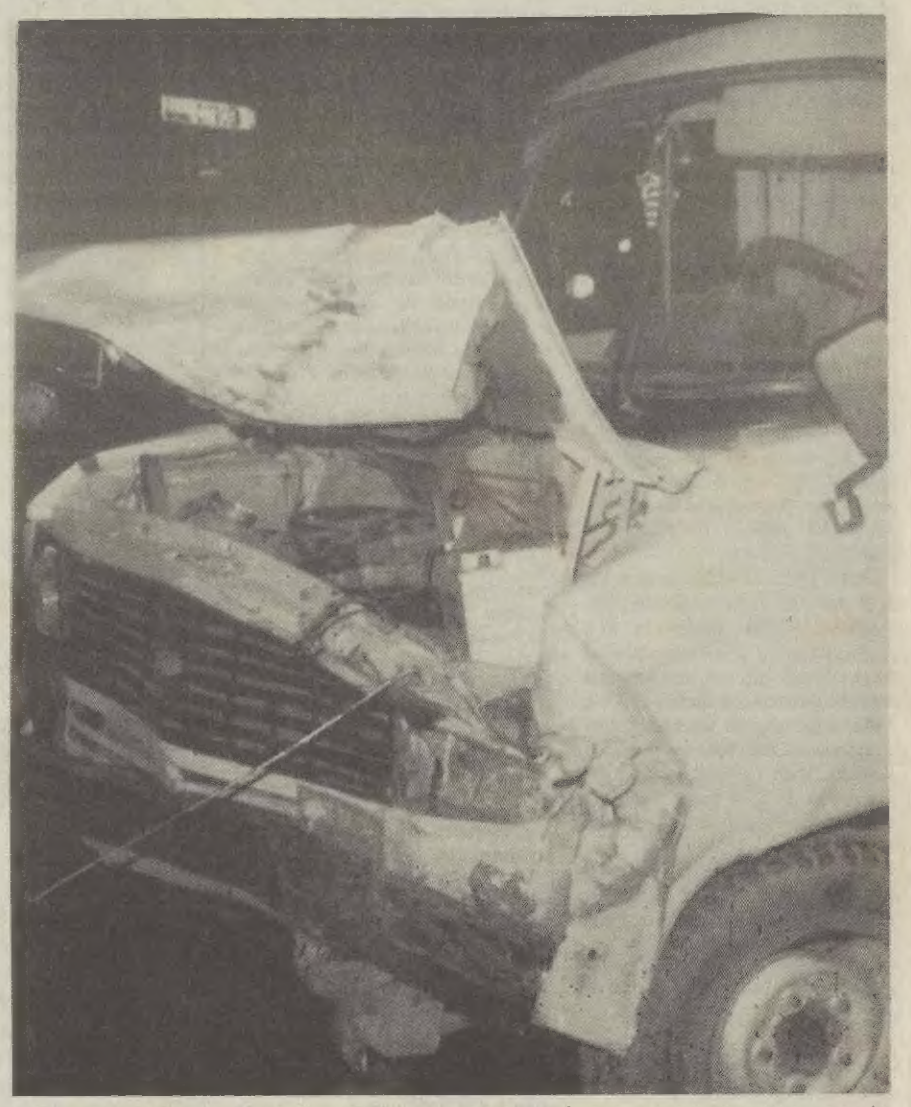
Os elementos da Brigada de Trânsito têm colocado neste período da campanha, que terminará a 8 do corrente mês, 100 patrulhas permanentemente na estrada, composta por 200 homens, por períodos de oito horas e, contrariamente ao que aconteceu no Natal, estão a dar mais atenção às rodovias do Litoral e do Sul, e menos para o Norte. A prática ensinou que no Natal é maior a intensidade de trânsito na direcção do Norte do País enquanto no período de Ano Novo, o tráfico inflecte para o Sul em especial para o Algarve.

A Brigada de Trânsito tem sob a sua alçada a vigilância das estradas principais estando as outras a cargo do restante dispositivo da GNR, em especial as unidades espalhadas pelo País.

Grande parte das patrulhas da BT, circulam em automóveis «normalizados» ou seja sem qualquer indicação especial, tripuladas por agentes à paisana. Estes elementos, com cuidada formação técnica, pertencem aos grupos de Acção Conjunta e destinam-se a detectar em flagrante os condutores em infracção às normas de trânsito; pondo em risco as suas e as vidas dos restantes utentes das estradas.

O sangue na estrada

Na passagem do ano, mais precisamente no período de 24 horas que findou ao meio-dia de ontem, dia primeiro de Janeiro, registaram-se nas estradas e zonas urbanas do País, neste segundo caso incluindo as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, 225 acidentes de viação de que resultaram 10 mortos e 178 feridos dos quais 37 em estado grave.



Um dos casos fatais vitimou o septuagenário Joaquim Mendes da Mota, que residia em Ponte da Rainha, Pombal, que foi atropelado por um automóvel ligeiro na Estrada Nacional n.º 1, em Venda da Cruz, próximo da sua residência.

O automóvel envolvido no acidente era conduzido por Fernando Manuel Fino.

Também na região de Pombal um jovem aparentando 30 anos, foi ontem de madrugada atropelado mortalmente. O sinistrado ainda por identificar foi colhido pelo automóvel de um emigrante identificado como sendo José António Patrício Cordeiro.

O corpo encontra-se na casa mortuária de Pombal a aguardar identificação.

Três rapazes ficaram ontem feridos em consequência do despiste do automóvel em que seguiam, na curva do Loreto em Coimbra.

Todos residentes em S. Martinho da Cortiça, Coimbra, sofreram lesões diferentes de que receberam tratamento hospitalar e obrigou ao internamento de um deles.

O acidente ocorreu às quatro e vinte da madrugada e o automóvel em que viajavam ao despistar-se embateu contra o muro da fábrica de cerveja, ficando bastante destruída.

O motociclista, Altino Ferreira Dias, morreu ontem, ao princípio da tarde, ao tentar ultrapassar um automóvel ligeiro, que seguia no mesmo sentido, numa Rua da Maia no concelho do Porto, informou fonte policial.

Altino Dias, 32 anos, mecânico, não se apercebeu que no momento em que ia iniciar a ultrapassagem do automóvel, este, fazia operação idêntica relativamente a outro que se encontrava estacionado na berma da estrada.

Na sequência disto, a motorizada despistou-se, bateu numa série de carros, acabando por cair numa valeta depois de uma série de cambalhotas.

Segundo a Polícia, Altino Ferreira Dias, natural de Gondim, Maia, chegou já morto ao Hospital de S. João.

Quatro feridos, três dos quais em estado grave, é o balanço de um acidente de viação ocorrido no início da noite de ontem, na segunda circular, em Benfica.

O acidente, registado às 19h00, foi provocado por um veículo ligeiro de mercadorias que seguia no sentido Benfica-Aeroporto e que, transpondo o separador entre as duas vias, foi colidir com outro veículo ligeiro misto que circulava no sentido oposto.

Os ocupantes do automóvel misto — Manuel Vítor Esteves da Silva, Maria Eugénia Teodoro da Silva e Vítor Miguel Teodoro da Silva — estão internados no Hospital de Santa Maria, em estado considerado grave, segundo a PSP.

O ligeiro de mercadorias era conduzido por Bharti Otamshande, de nacionalidade indiana, que sofreu ferimentos ligeiros e recebeu igualmente assistência médica em Santa Maria.

Mais dois mortos e um ferido grave é o balanço de quatro acidentes de viação ocorrido sábado à tarde perto de Pegões — informou a Brigada de Trânsito da GNR.

O acidente ocorreu às 17h15, entre a Marateca e Pegões, quando um veículo ligeiro em que seguiam quatro ocupantes se despistou e saiu para fora da estrada.

PERDEU A PACIÊNCIA E MATOU A MULHER E O ENTEADO

Um indivíduo de 49 anos assassinou sábado a mulher e o filho, quando ambos se encontravam a descansar na residência familiar, em Ribeira, Castelões, Vila Nova de Famalicão, disse uma fonte da GNR.

Leonel Martins Guerreiro sacou da sua espingarda caçadeira e começou por atingir, com vários disparos, a mulher, Maria de Fátima Simões de Sousa, 45 anos, dirigindo-se depois para o quarto do enteado Diamantino Carlos Simões de Sousa, 24 anos, que também assassinou no leito, acrescentou a mesma fonte.

O homicida ameaçou ainda a empregada doméstica, Rosa Maria Ferreira Machado, 21 anos, gritando-lhe que tinha acabado de matar os dois familiares e que lhe faria o mesmo, caso esta fizesse alguma pergunta.

Leonel Martins Guerreiro dirigiu-se depois ao posto de Famalicão da Guarda Nacional Republicana, onde espontaneamente confessou o duplo homicídio, justificando que «perdi a paciência», disse ainda a fonte da GNR.

Os bombeiros voluntários de Famalicão actuaram de imediato, mas ao chegarem ao local do crime duplo depararam com ambas as vítimas, mãe e filho, já sem vida.

O homicida foi presente ao Tribunal Judicial de Vila Nova de Famalicão, que após ouvir a versão dos acontecimentos determinou a sua prisão preventiva.

Leonel Guerreiro que estivera 20 anos emigrado em França tinha uma situação económica desafogada mas uma vida familiar bastante instável, em especial nos últimos seis meses.

Por tal motivo pernoitava na garagem da habitação e foi a partir daqui que se dirigiu pelas seis e meia à residência onde se travou discussão com a mulher. Depois voltou à garagem e munindo-se da espingarda caçadeira regressou para com seis disparos de zagalotes, pôr fim à vida da mulher e do filho desta e por si perfilhado.

momento em que ia
gem do automóvel,
o idêntica relativa-
encontrava estacio-
trada.
o, a motorizada des-
ma série de carros,
ma valeta depois de
hotas.
ia, Altino Ferreira
ndim, Maia, chegou
de S. João.

s dos quais em estado
e um acidente de via-
o da noite de ontem,
em Benfica.
do às 19h00, foi pro-
o ligeiro de mercado-
o sentido Benfica-
nspondo o separador
oi colidir com outro
que circulava no sen-

automóvel misto —
s da Silva, Maria Eu-
ilva e Vítor Miguel
estão internados no
ria, em estado consi-
lo a PSP.
dorias era conduzido
de, de nacionalidade
ferimentos ligeiros e
ssistência médica em

e um ferido grave é o
acidentes de viação
de perto de Pegões —
le Trânsito da GNR.
u às 17h15, entre a
quando um veículo li-
n quatro ocupantes se
fora da estrada.

Diplomata assassinado na Turquia vai a enterrar em Vila Real

O diplomata português Sérgio Moutinho, assassinado na véspera de Natal na Turquia, foi sábado sepultado no Cemitério de Santa Iria, em Vila Real, na presença de muitos amigos e alguns membros do corpo diplomático.

O Governo fez-se representar por um membro do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tendo igualmente estado presentes antigos embaixadores portugueses na Turquia, no Iraque e outros elementos do corpo diplomático.

O assassínio de Sérgio Moutinho continua por esclarecer pelas autoridades turcas, tendo o representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmado que «se continua à espera de obter qualquer dado esclarecedor que possa conduzir às motivações do crime e aos autores».

«O diplomata Sérgio Moutinho era um excelente profissional que, apesar da curta carreira, ajudou a estabelecer laços da melhor cooperação nos sítios onde esteve, como o Iraque, a Turquia e a Missão Diplomática Portuguesa junto da Comunidade em Bruxelas» – acrescentou.

Nevoeiro obriga a desviar aviões

O nevoeiro cerrado que se registou esta manhã no aeroporto de Lisboa já obrigou ao desvio para Faro e para o Porto de dois aviões procedentes de Nova Iorque e do Rio de Janeiro, respectivamente – informou hoje a ANA – Aeroportos de Navegação Aérea.

De acordo com a mesma fonte, o voo da TAP, procedente de Nova Iorque, e que devia ter chegado às 6h15, divergiu para Faro. Uma hora depois, era a vez de um aparelho da Varig procedente do Rio de Janeiro aterrar no Porto.

O nevoeiro está ainda a provocar atrasos noutros voos.

TAP cancelou voos na passagem do ano

As festa de passagem de ano estiveram na origem do cancelamento de diversos voos que habitualmente se efectuam ao sábado, disse uma fonte do Aeroporto de Pedras Rubras, Porto.

Foi o caso dos voos S. Paulo/Rio de Janeiro/Lisboa/Porto, Lisboa/Porto/Milão, Lisboa/Porto/Caracas, Genebra/Zurique/Porto, Milão/Porto, Lisboa/Funchal/Porto, Lisboa/Porto e Porto/Caracas/Londres/Porto.

De acordo com um técnico de operações aeroportuárias de Pedras Rubras, estes voos foram cancelados, como em anos precedentes, «por motivos comerciais», porque a maioria das pessoas não viaja nesta quadra do ano.

Incêndio em fábrica de sabões

Um incêndio deflagrou cerca das 15.40 h, de ontem numa fábrica de sabão situada na zona de Marvila, em Lisboa — informou o coordenador de operações do Regimento de Bombeiros Sapadores.

Os bombeiros acorreram ao local e extinguiram o incêndio cerca de uma hora depois.

Segundo uma fonte da fábrica, os danos materiais não foram elevados porque o incêndio deflagrou apenas numa chaminé da secção de extracção de óleos.

Por enquanto desconhece-se a causa do fogo.

Soldado morreu por disparo de G-3

Um soldado morreu sábado no Hospital de Santo António, Porto, pouco depois de ali ter entrado, vítima do disparo de uma espingarda automática G-3, no Quartel-General da Região Militar Norte – informou uma fonte da PSP.

Rui Eleutério Rodrigues Teixeira, 21 anos, solteiro, que residia com os seus pais na Rua de Soares dos Reis, em Mafamude, Vila Nova de Gaia, foi transportado para o Instituto de Medicina Legal do Porto, a fim de ser autopsiado.

A Polícia Judiciária Militar investiga o caso, não tendo sido ainda determinado se o disparo foi efectuado pelo próprio, hipótese mais provável, ou se se tratou de homicídio, voluntário ou involuntário.

A bala da G-3 entrou por uma têmpora e trespassou o cérebro de Rui Teixeira, que morreu antes de se iniciar uma intervenção cirúrgica de emergência.

EDP admite cortar energia aos municípios em dívida

A EDP admite vir a cortar a electricidade às autarquias em dívida para com a empresa, caso não sejam cumpridos os pagamentos das facturas mensais de energia, segundo um porta-voz da empresa.

No entanto, a energia só será cortada se forem esgotadas todas as hipóteses de negociação, uma vez que a EDP «mantém contactos normais e regulares com todos os clientes em dívida para com a empresa», acrescentou o porta-voz.

Esses contactos «visam sobretudo encontrar uma solução de consenso para o pagamento das dívidas», frisou.

O porta-voz da EDP escusou-se, no entanto, a confirmar o envio de cartas às autarquias de todo o país, alertando-as para a necessidade de inscreverem nos seus orçamentos para 1989 verbas que lhes permitam pagar pontualmente os seus consumos de energia à empresa.

O secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, afirmou recentemente que esta medida da EDP entraria em vigor em 1 de Janeiro, sem afectar os munícipes com um eventual corte de electricidade, já que agora é a empresa pública que fornece a energia, e não os Serviços Municipalizados das Câmaras.

Nasceu ao primeiro minuto de 89 na Alfredo da Costa

Andreia se chama e estreou Janeiro

Chama-se Andreia Filipa, nasceu no primeiro minuto de 1989, pesa 3,870 gramas e é mais um dos «bébés do primeiro dia do ano».

Está deitada e dorme o «sono dos justos». Tem muito cabelo e uns olhos rasgados. O ar que se respira à sua volta é abafado, como que a substituir o quente em que ela se encontrava na barriga da sua mãe. É a «estrela» da Maternidade Alfredo da Costa, está deitada num pequeno berço ao lado da sua mãe e o quarto que partilha com outro «vizinho» de maternidade já tem flores. Ainda não dá entrevistas mas já apareceu nos jornais e na televisão.

A mãe, Maria Fernanda de Sousa da Silva Ferreira Gonçalves, de 26 anos, está visivelmente cansada do esforço dispendido. A Andreia é o seu segundo filho. Já tem o João Pedro, de 6 anos, que queria um irmãozinho, mas Maria Fernanda não se importa de não lhe ter feito a «vontade». «O que eu desejava é que viesse bem», diz-nos. A Andreia fazia parte dos planos dos pais há um certo tempo, «só estava à espera que a mãe perdesse o medo», informa-nos Maria Fernanda Gonçalves. Ela conta-nos que o seu primeiro parto não foi fácil e por isso estava receosa deste segundo.

Maria Fernanda e José João vivem na «outra banda», em Vale Figueira mas vieram até Lisboa para que a Andreia nascesse. Agora dentro de poucos dias (talvez já na quarta-feira), se tudo correr bem, Andreia e a mãe vão para casa.

Por ironia do destino, Andreia nasceu com os aumentos que já são uma constante em cada ano que começa. Os preços dos bens essenciais subiram, mas a bébé na sua inocência de recém-nascida ainda não sabe o que são as agruras da vida. A sua mãe, pelo contrário, bem consciente do que este facto representa, espera que a filha tenha uma vida melhor, ainda que tal seja difícil nos tempos que correm. Maria Fernanda refugia-se nesta consolação: «há pessoas que estão em pior situação...».

Andreia, que no ano 2000 terá 12 anos, posa agora para os jornais ainda sem saber porquê. Esperemos que tenha pela sua frente um futuro risonho e que seja feliz.

Coimbra ficou à frente

Também poucos segundos depois da meia-noite (ás 0.00 horas e 10 segundos) nasceu uma menina na Maternidade Bissaia Barreto, em Coimbra, a primeira de 1989. Os pais da bébé, residentes em Lisboa, tencionavam passar o fim do ano em Miranda do Corvo mas a «jovem» resolveu alterar-lhes os planos e chegou mais cedo do que esperavam. A menina, ainda sem nome, pesa 2,310 quilogramas e nasceu de parto prematuro ao fim de 33 semanas de gravidez. A mãe chama-se Fátima Francisco Lima e o pai, Mário Pereira Lopes.

O primeiro rapaz de 1989 nasceu no Porto, às 0.00 horas e 15 segundos na Maternidade Júlio Dinis, chama-se João Félix e pesa 3,3 quilogramas.

Corrida às rádios locais: há poucos concorrentes

Até às 11.45 de hoje haviam entrado na Direcção-Geral da Comunicação Social 33 propostas de candidatura à atribuição de frequências a rádios locais. A funcionar havia, no passado dia 24, quando todas se calaram, mais de setecentas. Se as centenas que faltavam, esta manhã, ainda quiserem entrar na corrida às frequências terão de entregar os seus documentos de candidatura até às 18.00 de amanhã, dia 3 ou depositarem-nos nos Correios até esse momento, de modo a que o carimbo postal prove ter sido respeitado o limite estabelecido.

Mas a verdade é que ainda esta manhã os juristas da Comissão da Rádio estavam a receber, pelo telefone, pedidos de esclarecimentos sobre os pormenores técnicos e outros que devem constar das candidaturas para que elas sejam válidas.

Ainda sobre a questão dos prazos uma dúvida se nos levantou e não nos pareceu completamente esclarecida, nem mesmo após consulta a um dos juristas da Comissão: atendendo a que os Correios nesta época do ano estão assoberbabos de serviço, incorrendo em atrasos por vezes prolongados, qual será a data limite para a recepção física das propostas-cartas na Direcção-Geral da Comunicação Sociual? Quer dizer, se uma proposta só entrar na Direcção-Geral daqui a uma semana ainda será aceite desde que mostre a data correcta no carimbo postal? Ou, por outro modo, qual será a data de abertura das propostas?

A informação que obtivemos aponta a adopção de uma presunção que o Código do Processo Civil recomenda para casos deste tipo: serão aceites as propostas que dêem entrada física no departamento adequado durante os três dias seguintes ao termo do prazo marcado, dentro das horas de serviço e incluindo sábados, domingos e feriados.

Quem desde já pode estar certa de ter sido pronta e célere é a Rádio Cidade, pois dela foi a primeira proposta entregue, ainda no passado dia 27.

Executivo PS/PSD

CM Setúbal repudia fecho das rádios locais

O presidente da Câmara Municipal de Setúbal exprimiu ontem o seu repúdio pelo silenciamento das rádios locais. Fê-lo, Manuel Mata Cáceres, em nome do Executivo, que é integrado por representantes do PS, PSD e CDU. Mata Cáceres preside a uma coligação PS/PSD. De notar o facto do silêncio das rádios locais ser uma iniciativa do Governo/PSD.

«As rádios locais são as irmãs gémeas do Poder Local e delas recebíamos sugestões e críticas que se traduziam numa verdadeira colaboração», sublinhou o presidente da Câmara Municipal de Setúbal numa declaração proferida na sessão pública do Executivo, ontem à tarde.

Mata Cáceres salientou, nesse âmbito, que o silenciamento, na véspera de Natal, das rádios locais, foi uma decisão «pouco feliz», pois a sua ausência «é uma lacuna que não se pode colmatar, dada a falta que nos fazem», acrescentou.

O presidente do Executivo Municipal sadino exprimiu a esperança de que a reabertura das rádios locais, há cerca de uma semana encerradas, ocorra o mais depressa possível. «Já não concebo Setúbal sem rádios locais», afirmou Mata Cáceres.

Além da «Rádio Azul», funcionavam, no concelho de Setúbal, a «Rádio Clube de Setúbal» e «Rádio Voz de Portugal».

Mais de cem milhões entre Janeiro e Novembro

ESTRANGEIROS INVESTEM CADA VEZ MAIS EM PORTUGAL

É verdade: os estrangeiros investem cada vez mais em Portugal. Com efeito, de acordo com dados tornados públicos em Lisboa pelo Instituto de Investimento Estrangeiro (IIE), o Investimento Directo Estrangeiro (IDE) em Portugal ascendeu a 107,584 milhões de contos de Janeiro a Novembro deste ano, revelando um acréscimo de 102,62 por cento face a idêntido período de 1987.

O valor registado nos primeiros 11 meses do ano em curso diz respeito a 1630 processos, contra 1049 em período idêntico de 1987 e um valor correspondente de 53,096 milhões de contos.

Em termos mensais, refira-se que o IDE atingiu em Novembro último o valor de 19,152 milhões de contos com 222 processos face a 143 processos em idêntico mês de 1987 e um valor de 9,253 milhões de contos, o que reflecte um aumento de 106,98 por cento.

Os países da Comunidade Económica Europeia continuaram em Novembro, em termos acumulados e mensais, a liderar o investimento em Portugal, com 64,524 e 9,315 milhões de contos, respectivamente, o que representa 59,98 por cento do total acumulado e 48,64 por cento do valor mensal.

De entre os países comunitários, o Reino Unido manteve-se à frente dos seus parceiros ao investir em Portugal nos primeiros 11 meses do ano 28,738 milhões de contos (um aumento de 113,86 por cento face a idêntico período de 1987), e 4,129 milhões de contos em Novembro: mais 39,30 por cento que em Novembro de 1987.

Em segundo lugar, e em termos acumulados, surgem os países que não CEE nem EFTA, com 32,017 milhões de contos e 288 processos, sendo de destacar os Estados Unidos da América que, por si só, investiram em Portugal 18,595 milhões de contos, dos quais 6,829 em Novembro.

Saliente-se, no entanto, que o investimento realizado pelos Estados Unidos em Portugal nos primeiros 11 meses do ano representa um acréscimo de 308,52 por cento relativamente a idêntico período de 1987.

Em termos mensais, este acréscimo é ainda mais visível com um aumento de 2836,35 por cento face aos 232,6 mil contos investidos pelos EUA em Novembro de 1987.

69 é uma referência

Nos países que não pertencem nem à CEE nem à EFTA, e exceptuando os EUA, há ainda 69 que em termos acumulados apenas investiram em Portugal 13,421 milhões de contos e 1,868 milhões de contos em Novembro último.

Por último, surgem países da EFTA com 11,042 e 1,138 milhões de contos, respectivamente de Janeiro a Novembro e apenas em Novembro.

No que se refere aos tipos de operação, manteve-se como mais importante, de Janeiro a Novembro, o investimento em empresas instaladas com 54,055 milhões de contos (ou 50,24 por cento do total), sendo de destacar os aumentos de capital de expansão, com 29,351 milhões de contos.

O investimento em novas empresas limitou-se, nos primeiros 11 meses, a 22,736 milhões de contos, sendo a parte mais importante – 18,839 milhões de contos – destinada à criação de empresas.

Refira-se, por último, que o investimento directo estrangeiro em Portugal de Janeiro a Novembro proporcionou 88,953 milhões de contos em divisas, um aumento de 98,61 por cento relativamente a idêntico período de 1987.

Em termos mensais o IDE proporcionou 11,287 milhões de contos em divisas contra 19,152 milhões de contos em Novembro de 1987.

Associação de Cegos

"LUIZ BRAILLE"

Lista dos Prémios do Sorteio realizado em 20/12/88

1.º Prémio	– Um automóvel OPEL KADETT	N.º	968 480
2.º	– Um automóvel OPEL KADETT		737 134
3.º	– Um automóvel OPEL CORSA		819 327
4.º	– Um automóvel OPEL CORSA		706 465
5.º	– Um compacto TV/VIDEO TVR6300 CTI, GRUNDIG		025 231
6.º	– Um aparelho de Alta Fidelidade, GRUNDIG		871 568
7.º	– Uma máquina de Lavar e Secar Roupa, CANDY		754 668
8.º	– Uma Máquina de Lavar Roupa, CANDY		922 744
9.º	– Um frigorífico CANDY		760 411
10.º	– Uma Máquina de Lavar Louça, CANDY		528 980
11.º	– Uma Máquina de Lavar Roupa, CANDY		007 378
12.º	– Um frigorífico CANDY, mod. GE 28 DP (280 l)		152 753
13.º	– Uma Máquina de Lavar Roupa, CANDY		863 897
14.º	– Um compacto de Alta Fidelidade, GRUNDIG		910 482
15.º	– Um Stéreo Cassette Deck, TOSHIBA		338 979

LISTA GRÁTIS
QUALQUER DONANTIVO, POR FAVOR SÓ NA SEDE

Todos os números cujos 5 algarismos finais sejam iguais aos dos 14 primeiros prémios serão contemplados com uma Máquina de Barbear GRUNDING, mod. BETA 1, no valor de Esc. 11 111$00.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$00	56$00
ALEMANHA FED. (marco)	81$65	82$85
ÁUSTRIA (xelim)	11$60	11$80
BÉLGICA (franco)	3$694	3$944
BRASIL (cruzado)	$089	$189
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121$50	124$00
(notas de 5 a 1000)	122$00	124$50
DINAMARCA (coroa)	21$10	21$50
ESPANHA (peseta)	1$244	1$364
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$05	148$55
(notas de 5 a 1000)	145$55	149$05
FINLÂNDIA (marka)	34$85	35$45
FRANÇA (franco)	23$90	24$60
HOLANDA (florim)	72$25	73$35
IRLANDA (libra)	219$05	223$05
ITÁLIA (lira)	1$101	1$116
JAPÃO (iene)	1$121	1$166
NORUEGA (coroa)	22$10	22$60
REINO UNIDO (libra)	263$30	267$80
SUÉCIA (coroa)	23$65	24$15
SUÍÇA (franco)	96$30	97$80
VENEZUELA (bolívar)	3$310	4$110

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

REFORMA FISCAL
IMPOSTO ÚNICO

Um livro com os 3 códigos e as tabelas de retenção na fonte do IRS. Em edição separada um livro só com as tabelas.

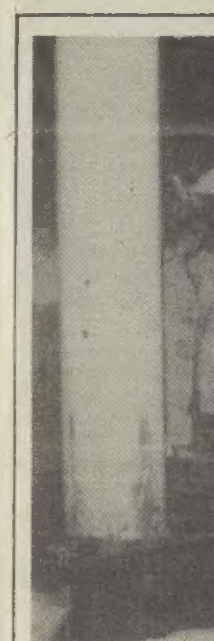
À venda no
REI DOS LIVROS

Rua dos Fanqueiros, 77/79 – 1100 Lisboa
Telefs. 87 97 55-87 91 88

AOS CONDUTORES

"Diminue a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Uma lancha c
ocorrido na baía
(notícia na págin

Estudantes afr
continuarão a

Os estudantes afric
apesar da violência
Nanquim e Hangzho
diplomatas africanos
que a formação de té
desenvolvimento dos
nuariam a ir para a C
a ajudar. Um diplom
representantes de vár
Nanquim, esta semar
conduziram à violên
amigos para resolver
e positiva com a Chi
estudantes, apesar da
ta. A violência racial
abandonar, na semar
culdades da Universi
ta-feira numa estalag
africanos foram desa
obrigou a regressar à

Avião da Pan
Thatcher opõe

A primeira-ministr
que não deve ser leva
de 21 de Dezembro c
mortos. «Não creio q
por olho, dente por d
a indignação de form
entrevista ao canal in
importante que há a
as nações para locali
justiça» – acrescento
naram já que uma bo
e despenhar-se sobre
as 259 pessoas a bor
tas várias reivindicaç
pos, os «Guardiões d
na sexta-feira, ameaç
a facção dissidente p
mento, o líder líbio,
origem criminosa do
e Síria não têm nada

Reagan e o cas

A Casa Branca e o
forma legal de anula
actual e o futuro pre
rem em tribunal no â
«New York Times».
sáveis da Administraç
do, George Shultz, o
director da CIA, Wil
der no julgamento do
ração. Funcionários
«New York Times» c
ções judiciais foi tom
-feira à tarde no Depa
nal, os funcionários
uma anulação das ci
Constituição protege
podem ser obrigados

Uma lancha chega ao cais transportando dezenas de corpos de vítimas do naufrágio ocorrido na baía de Copacabana, no Rio de Janeiro, e que provocou mais de 100 mortos (notícia na página 12).

O antigo Primeiro-Ministro britânico Harold MacMilan encobriu um acidente nuclear que em 1957 contaminou mais de 300 propriedades do noroeste da Grã-Bretanha, afirma o semanário londrino "Observer" na sua edição de ontem. Documentos secretos, agora divulgados devido a uma lei inglesa que permite que sejam tornados públicos 30 anos depois, provam que não foram tomadas quaisquer medidas para evitar a venda de leite produzido na área afectada. O leite encontrava-se contaminado por altos índices de estronium 90, substância altamente tóxica presente nas poeiras radioactivas, e foi vendido ao público sem qualquer intervenção das autoridades. MacMillan receava que a divulgação do desastre pudesse afectar a opinião pública sobre a opção nuclear.

O ancião Kenji Muramatsu, de 90 anos, assina o livro de visitas do imperador, desejando-lhe o restabelecimento da saúde. O imperador, cujo estado grave se mantém estável, não apareceu em público pela primeira vez em 21 anos, no segundo dia do ano.

Estudantes africanos continuarão a estudar na China

Os estudantes africanos deverão continuar a estudar na China, apesar da violência e das tensões raciais nas universidades de Nanquim e Hangzhou, disseram hoje funcionários chineses e diplomatas africanos. Os diplomatas africanos consideraram que a formação de técnicos a baixo custo era importante para o desenvolvimento dos seus países, pelo que os estudantes continuariam a ir para a China, enquanto este país estivesse disposto a ajudar. Um diplomata que pediu o anonimato acrescentou que representantes de várias embaixadas africanas em Pequim irão a Nanquim, esta semana, para ajudar a resolver os problemas que conduziram à violência. «Temos de trabalhar com os nossos amigos para resolver os problemas. Temos uma cooperação boa e positiva com a China que dá excelentes condições aos nossos estudantes, apesar da sua elevada população», disse o diplomata. A violência racial levou mais de 130 estudantes africanos a abandonar, na semana passada, os seus dormitórios em três faculdades da Universidade de Nanquim. Barricados desde quarta-feira numa estalagem, nos arredores da cidade, os estudantes africanos foram desalojados ontem pela Polícia chinesa, que os obrigou a regressar à universidade.

Avião da Pan Am: Thatcher opõe-se à vingança

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, afirmou que não deve ser levada a cabo qualquer vingança pelo atentado de 21 de Dezembro contra o avião da Pan Am, que causou 270 mortos. «Não creio que seja sempre válido o princípio do 'olho por olho, dente por dente'. Compreendo a indignação, sentimos a indignação de forma muito profunda» – disse Thatcher, numa entrevista ao canal independente de televisão TV-Am. «O mais importante que há a fazer é tentar obter a cooperação de todas as nações para localizar essas pessoas e levá-las à presença da justiça» – acrescentou. Os investigadores do desastre determinaram já que uma bomba fez explodir o avião, um Boeing 747, e despenhar-se sobre a aldeia escocesa de Lockerbie, matando as 259 pessoas a bordo e mais 11 no solo. Até agora foram feitas várias reivindicações de autoria do atentado e um dos grupos, os «Guardiões da Revolução Islâmica», voltaram a fazê-lo na sexta-feira, ameaçando perpetrar um novo ataque. Enquanto a facção dissidente palestiniana Fatha nega qualquer envolvimento, o líder líbio, Muammar Kadahfi afirma ter a certeza da origem criminosa do desastre, mas acrescenta que a Líbia, Irão e Síria não têm nada a ver com o atentado.

Reagan e o caso Irão - "Contras"

A Casa Branca e o Departamento de Justiça estão a estudar a forma legal de anular as intimações judiciais que obrigam o actual e o futuro presidente dos Estados Unidos a comparecerem em tribunal no âmbito do caso «Irão-Contras» – revelou o «New York Times». O jornal também refere que outros responsáveis da Administração Reagan, incluindo o secretário de Estado, George Shultz, o antigo procurador-geral Edwin Meese e o director da CIA, William Webster, vão ser intimados a responder no julgamento do coronel Oliver North, acusado de conspiração. Funcionários da Administração Reagan citados pelo «New York Times» disseram que a decisão de resistir às intimações judiciais foi tomada antes de estas serem entregues sexta-feira à tarde no Departamento de Justiça. De acordo com o jornal, os funcionários parecem confiantes na possibilidade de uma anulação das citações, com base no argumento de que a Constituição protege o Executivo e que nem Reagan nem Bush podem ser obrigados a comparecer em tribunal.

Espanha assumiu a presidência da CEE

TREZE BANDEIRAS EUROPEIAS SOBRE A "PUERTA DEL SOL"

Mario Sampaio
Correspondente «DL»

A Espanha assumiu ontem, pela primeira vez, a presidência da CEE. Em Julho será a vez da França. O ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Francisco Fernandez Ordoñez, encontra-se hoje em Paris para coordenar o que promete vir a ser um ano de presidência franco-espanhola.

Foi ontem à meia-noite que as bandeiras da CEE e dos doze países membros foram hasteadas sobre a Puerta del Sol, onde os madrilenos vão tradicionalmente festejar a chegada do novo ano. Nas suas declarações à televisão, o presidente do governo, Felipe Gonzalez afirmou que a presidência espanhola seria um sucesso se se avançasse sobre a via do desenvolvimento do Mercado Único de 1992. «Mas a construção da Europa – acrescentou – não é somente um problema de mercado, é igualmente um problema de pessoas... a criação dum espaço económico e monetário deverá fazer-se acompanhar da criação dum espaço humano».

Numa entrevista concedida em Paris ao jornal «International Herald Tribune» e publicada esta manhã, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Francisco Fernandez Ordoñez, é bem mais «terra a terra» quando diz que até agora se têm realizado progressos sobre as questões fáceis.

A presidência espanhola vai ser a ocasião para se lidar com as questões de primeira importância tais como a união monetária, a harmonização fiscal, as barreiras físicas contra um Mercado Único, a dimensão social do mercado, as relações externas da Comunidade, e as suas políticas sobre a alimentação e a televisão».

Para lá do exagero aparente desta «espanholada», quando se conhecem os inúmeros obstáculos e atrasos a que é preciso se submeter na CEE antes de se efectuar um progresso por vezes menor, aparece contudo a vontade de Madrid de deixar a sua marca na construção europeia. A presidência francesa, que irá ocorrer a partir de Julho, não poderá senão favorecer as ambições espanholas em virtude da sintonia perfeita que parece existir entre as duas capitais em matéria europeia. A Espanha pode assim prever a sua acção na presidência da CEE sobre um período de 12 meses.

Cimeira e bailes populares

Será no próximo sábado que a presidência espanhola será inaugurada solenemente com um grande concerto ao qual assistirão o rei Juan Carlos e a rainha Sofia, Jacques Delors, o presidente da comissão e um naipe completo de personalidades vindas de todos os cantos da Europa. Actuarão neste concerto algumas das vozes mais célebres da Espanha como Victoria de Los Angeles e Montserrat Caballã.

A primeira cimeira europeia sob presidência espanhola decorrerá depois das eleições europeias, a 26 e 27 de Junho em Madrid, ao mesmo tempo que se realizará na capital espanhola uma grande feira europeia durante toda a última semana de Junho, no Parque do Retiro, em pleno centro da cidade, e na Casa de Campo, no exterior da capital. Haverá «casetas», como em todas as feiras espanholas, bailes populares, concertos e um festival de rock.

A administração espanhola tem estado a preparar-se para esta grande ocasião desde há dois anos e meio. Equipas de trabalho duma meia dúzia de especialistas foram enviadas a todos os países da CEE que já exerceram a presidência durante essa época do ano: Holanda, Bélgica, Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Grécia. Intérpretes e peritos foram especialmente preparados para esta ocasião. «Nós estamos ao mesmo tempo felizes e preocupados, diz-se na Secretaria para os Assuntos Europeus espanhola. É preciso que nos saiamos bem, tanto na organização como nos resultados políticos, porque estes seis meses vão servir de teste, e toda a Europa vai querer saber se a nossa administração é boa ou má».

Uma economia a marchas forçadas

A Espanha chegou ao fim do ano com uma taxa de crescimento da ordem dos cinco por cento, a taxa mais elevada que se deverá ter registado em toda a CEE. Já em 1987 essa taxa fora de 5,5 por cento. Mas a taxa de desemprego é igualmente muito elevada, à volta de 19,5 por cento, e segundo a OCDE daqui a dois anos ainda haverá 18 por cento de espanhóis que não terão trabalho. Esforços têm sido feitos no sentido de fazer diminuir a intensidade desse flagelo, e nos últimos três anos perto dum milhão de novos postos de trabalho teriam sido criados.

A procura interna nunca esteve tão dinâmica, com um aumento de 6,75 por cento no ano passado. O défice público tende a diminuir, mas a balança de pagamentos, tal como acontece em Portugal, após uma fase de excedentes (em 1987), vê agora o seu défice aumentar rapidamente.

As importações têm estado a aumentar mais rapidamente do que as exportações, o que é normal em fase de modernização.

A inflação, tal como em Portugal também, manifestou ultimamente a tendência para derrapar para além das previsões governamentais, tendo terminado o ano passado com uma taxa anual de pouco mais de cinco por cento.

FMI contra sindicatos

O dinamismo da economia espanhola tem várias razões, a primeira das quais é o contexto internacional favorável, com o dólar e o petróleo na mó de baixo. A segunda razão terá sido o saneamento da economia, realizado de acordo com as fórmulas mais ortodoxas do Fundo Monetário Internacional: lenta desvalorização da moeda e controlo da política salarial. O reverso da medalha será a situação social, que muitos consideram como explosiva, com os sindicatos alinhados na sua quase totalidade contra o governo.

Finalmente, a adesão à CEE terá sido o catalisador, provocando um afluxo crescente de investimentos estrangeiros, essencialmente dos Estados Unidos, da França e da Alemanha Federal, que são os principais investidores.

A política actual do governo de Felipe Gonzalez tem como principal objectivo a consolidação da taxa de crescimento. As contas são simples: se a Espanha, com um PIB por habitante da ordem dos 6000 dólares, quiser atingir a média europeia, será preciso que a sua taxa de crescimento seja superior em 1,5 por cento ao que se verifica em média na CEE.

O ano de 1989 será assim para os governantes espanhóis um ano de consolidação dos investimentos e de continuação do esforço de modernização

Afeganistão

Najibullah rejeita demissão e ameaça rebeldes

O presidente Najibullah, do Afeganistão, disse que o seu Governo não se demitirá e ameaçou os rebeldes mujahideen de lhes dar uma lição se persistirem nos seus ataques, noticiou hoje a agência noticiosa afegã Bakhtar. «Algumas pessoas e círculos ainda irresponsáveis» julgam que a paz regressaria se o Partido Democrático do Povo abandonasse a cena, disse o presidente num discurso, ontem à noite, por ocasião da entrada em vigor do seu cessar-fogo unilateral, rejeitado aliás pelos rebeldes islâmicos.

«Não é assim. E essas pessoas e círculos cometem um erro», acrescentou.

Para Najibullah, o sangue continuaria a correr durante muito tempo, devido às rivalidades entre grupos rebeldes, «se o actual Estado da República do Afeganistão abandonasse a cena política.»

Reiterando um apelo aos rebeldes para que participem numa conferência de paz com o seu Governo, o presidente ameaçou-os, entretanto, de severas retaliações se insistirem na intensificação da guerra.

«Se os extremistas e os inimigos da paz continuarem a sua actividade e insistirem na intensificação da guerra e derramamento de sangue, pagar-lhes-emos na mesma moeda, com respostas que os esmagarão», frisou.

Najibullah concluiu o discurso com uma renovação da oferta de conversações com os rebeldes: «Estamos prontos a encontarmo-nos com todas as forças da oposição empenhadas numa conferência de paz como primeiro passo para um acordo compromisso.

«Estamos preparados para conversações com os oponentes, baseadas nas propostas apresentadas ou em outro plano razoável e objectivo, em qualquer lugar, momento e nível aceitáveis, a bem do povo e do futuro do país.»

Manifestantes ostentam cartazes do líder da OLP, Yasser Arafat, algures nos territórios ocupados durante uma cerimónia comemorativa da fundação da organização.

Enquanto a OLP zela pela sua nova imagem

ISRAEL EXPULSA 13 PALESTINIANOS PARA O LÍBANO

Israel expulsou ontem para o Líbano 13 palestinianos acusados de participarem no levantamento contra as autoridades israelitas nos territórios árabes ocupados – disseram fontes da segurança. Os 13 palestinianos foram transportados de helicóptero para o posto de controlo de Zumriya, no extremo norte da zona de segurança demarcada por Israel no Sul do Líbano.

Seguidamente, foram conduzidos em veículos libaneses para posições sírias no vale de Bekaa – acrescentaram as mesmas fontes.

O exército informou que mais dois palestinianos vão partir voluntariamente, na condição de poderem regressar daqui a cinco anos se não se envolverem em actividades anti-israelitas enquanto permanecerem no estrangeiro.

As expulsões, verificadas no 24.º aniversário da primeira operação da Fatah, a principal facção da Organização de Libertação da Palestina (OLP), foram as primeiras desde Agosto passado.

Israel deportou já 45 palestinianos desde que o levantamento anti-israelita começou nos territórios da faixa de Gaza e da margem ocidental do Jordão, em Dezembro de 1987.

Dos 13 palestinianos expulsos ontem sete são da margem ocidental e seis da faixa de Gaza.

Delegação de OLP nos EUA

A Organização de Libertação da Palestina (OLP) vai enviar uma delegação aos Estados Unidos com vista à sensibilização da opinião pública norte-americana para a causa palestiniana, anunciou a rádio oficial da OLP.

Segundo a Voz da Palestina, a delegação integrará cinco membros e será encabeçada pelo chefe dos Departamentos de Relações Políticas da OLP, Farouk Kaddoumi, e das Relações Internacionais, Mahmoud Abbas.

A delegação tem por principal missão informar a opinião pública norte-americana sobre os últimos desenvolvimentos em apoio da causa palestiniana e os objectivos do levantamento popular nos territórios árabes ocupados por Israel.

Os enviados da OLP têm liberdade para manter contactos em nome da OLP com personalidades políticas norte-americanas, quer se trate de encontros oficiais ou meramente informais.

Os Estados Unidos decidiram o mês passado iniciar o diálogo com a OLP depois de a organização de Yasser Arafat ter reconhecido o direito à existência do Estado de Israel e renunciado ao terrorismo.

Bandeira palestiniana em Embaixada

Ontem o presidente da OLP, Yasser Arafat, içou a bandeira na Embaixada da Palestina em Riade, numa cerimónia que coincidiu com o 24.º aniversário da Fatah, a principal facção da OLP.

«Viva a revolução palestiniana. Viva a Palestina. Viva Arafat» – gritou um grupo de cerca de 500 palestinianos quando Arafat beijou a bandeira palestiniana, que depois içou no edifício oferecido pela Arábia Saudita.

A Arábia Saudita anunciou na quarta-feira que decidira elevar o estatuto da representação da OLP em Riade, dando-lhe pleno estatuto diplomático e elevando o seu director, Rafik Natsheh, ao nível de embaixador.

A Arábia Saudita foi um dos primeiros países a reconhecer o Estado da Palestina, proclamado a 15 de Novembro pelo Conselho Nacional Palestiniano. Noventa países reconheceram até agora o novo Estado. A Argélia e o Iraque também concederam já estatuto de embaixada às representações da OLP.

Líbano: ano começou ao som da metralha

Os habitantes dos subúrbios de Beirute começaram o novo ano refugiados em suas casas ao som de explosões e trocas de tiro entre milícias xiitas rivais.

Segundo fontes policiais, os combates registados nos subúrbios de Madi, Hajjad e Chiyan, onde vivem cerca de 500 000 xiitas, foram protagonizados por membros do Hezbollah (Partido de Deus, pró-iraniano) e das milícias Amal (pró-sírias).

A Polícia pensa que 17 dos cidadãos ocidentais sequestrados no Líbano se encontram detidos nas zonas onde ocorreram os confrontos.

Fontes ligadas às milícias rivais, que se acusam mutuamente da responsabilidade pelo início das hostilidades, disseram que os confrontos de sábado provocaram ferimentos em dois soldados duma patrulha síria e a morte de um membro do Hezbollah.

Acrescentaram que estão a decorrer conversações para pôr fim aos encontros, que pela segunda vez quebram o cessar-fogo estabelecido em Novembro com a intervenção do Irão e da Síria.

Perto de 1500 mortos

Quase 1500 pessoas morreram de forma violenta no Líbano em 1988, apesar de uma acalmia na guerra civil entre cristãos e muçulmanos – de acordo com fontes policiais, hospitalares e das milícias.

Este balanço, comparado com as 1415 mortes violentas registadas em 1987, verificou-se num ano em que a pior crise política do país paralisou o governo, mas em que os confrontos directos entre cristãos e muçulmanos foram poucos.

Pelo menos 580 pessoas morreram numa série de confrontos inconclusivos entre milícias pelo controlo da comunidade muçulmana xiita no sul e nos subúrbios meridionais de Beirute – disseram as mesmas fontes.

As restantes mortes verificaram-se em ataques contra a presença síria no Líbano, em confrontos junto da «linha verde» que separa os dois sectores de Beirute, em combates pelo controlo dos campos de refugiados palestinianos, em violência ocasional e em crimes individuais.

Mais de 100 mortos no Brasil

Alegrias e tragédias da passagem de ano

Enquanto os habitantes de Londres, Tóquio e Nova Iorque concentrados nas principais praças destas cidades recebiam com alegria ruidosa o novo ano, os do Rio de Janeiro e de Manila viviam horas de tragédia.

No Rio de Janeiro, um barco superlotado de passageiros que se dirigia para a praia de Copacabana, onde à meia-noite estava previsto um espectáculo de fogo-de-artifício, colidiu com um iate privado, matando mais de 100 pessoas e ferindo um número ainda não determinado.

De acordo com a rádio local, o barco, com uma lotação máxima de 100 pessoas, transportava 130 ou 150.

O chefe da Polícia do Rio de Janeiro, Irineu Barroso, disse que o navio ignorou uma ordem para regressar ao ponto de partida e que as pessoas afogadas pertencem a ambas as embarcações.

Em Manila, 11 pessoas morreram e perto de 2000 ficaram feridas durante as celebrações da passagem de ano, sobretudo devido a acidentes com fogo-de- artifício, apunhalamentos e balas perdidas.

Mais de 800 casas na capital filipina foram destruídas por incêndios, deixando sem lar cerca de 14 000 pessoas.

Em Lima, no Peru, metade dos habitantes foram obrigados pelo segundo ano consecutivo a celebrar a entrada do novo ano às escuras devido a uma falha de energia que se desconhece se foi ou não resultante de sabotagem de guerrilheiros esquerdistas.

Enquanto isto, os presidentes Ronald Reagan, dos Estados Unidos, e Mikhail Gorbachev, da União Soviética, trocavam mensagens de ano novo manifestando o desejo mútuo de que se estreitem as relações entre os dois países.

Ainda no plano político, o líder polaco Wojciech Jaruzelski afirmou neste início de ano que as conversações com a oposição são «cada vez mais urgentes», enquanto o presidente sul-coreno Roh Tae-Woo manifestava o desejo de estreitar relações com a Coreia do Norte.

Em Londres, perto de 100 000 pessoas celebraram em Trafalgar Square a chegada de 1989.

A Polícia londrina deteve 129 pessoas sob a acusação de comportamento desordeiro e embriaguês.

Os distúrbios registados provocaram 100 feridos, 14 dos quais receberam tratamento hospitalar.

Distúrbios ocorreram, também, na Holanda, onde um homem foi morto, dois ficaram feridos e 50 foram presos durante as celebrações da passagem do ano, que a Polícia considerou terem decorrido de forma «relativamente calma».

Em Nápoles, na Itália, 115 pessoas ficaram feridas na passagem do ano, celebrada durante 10 horas com o lançamento de foguetes e disparos de tiros para o ar.

Entre os feridos encontra-se uma jovem de 23 anos que levou um tiro num olho quando se encontrava na varanda de sua casa a observar os festejos. Outras cinco pessoas ficaram sem mãos devido ao rebentamento de foguetes.

Em Paris, três comediantes que se exibiam num restaurante de luxo tentaram roubar um colar a uma mulher da assistência, disparando depois sobre dois empregados que tentaram intervir.

«Pensávamos que era uma brincadeira, mas depois eles começaram a disparar» – disse um empregado do restaurante.

Thatcher: a guerra fria e as reformas na URSS

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, disse ontem que a guerra fria poderá terminar se o líder soviético, Mikhail Gorbachev, for bem sucedido nas suas reformas.

«Gorbachev é uma pessoa de grande visão, ousadia e coragem. Se conseguir realizar as suas reformas, a guerra fria chegará ao fim» – afirmou numa entrevista ao canal independente de televisão TV-AM, na qual abordou temas políticos e pessoais.

A chefe de governo britânica manifestou a sua admiração por Gorbachev, cuja visita a Londres, prevista para Dezembro, foi adiada devido ao terramoto na República soviética da Arménia.

«Tudo o que ele decidiu fazer fez. Estou satisfeita por pensar que se ele se empenhar em algo o fará o melhor possível» – salientou em resposta a uma pergunta do entrevistador sobre a confiança que tem no líder do Kremlin.

Thatcher considerou que as fronteiras da Europa não mudaram e que a NATO continua a opor-se ao Pacto de Varsóvia, mas salientou que as relações Leste-Oeste melhoraram até um ponto «em que o mundo está a tornar-se mais seguro».

«Isto aconteceu porque o Ocidente defendeu firmemente a liberdade e tem estado preparado para a defender sempre. Tem também persistido na sua paixão pela justiça e liberdade no campo do que poderemos chamar a luta das ideias. Tal luta foi levada até à União Soviética» – acrescentou.

Na sua opinião, o povo soviético compreendeu que não podia ter um nível de vida melhor sem mais liberdade e que não poderia ter mais liberdade num estado marxista.

Referindo-se ao seu relacionamento com o presidente Ronald Reagan, a primeira-ministra manifestou admiração por um homem que classificou de «grande comunicador».

A presidência de Reagan foi «notável e devolveu a confiança aos Estados Unidos» – frisou.

Castro e a revolução cubana

O presidente Fidel Castro disse que a revolução socialista cubana, que ontem completou 30 anos, durará pelo menos 100 anos. Falando na cidade de Santiago, da mesma varanda onde há 30 anos proclamou «a revolução começa agora», Castro reafirmou o carácter socialista e marxista-leninista de uma revolução que conseguiu sobreviver mesmo ao lado dos Estados Unidos. «Aqueles que sonham que a revolução pode ser derrotada, estão a iludir-se. Essa revolução durará 40, 50, 60 e mesmos 100 anos», disse.

Este nosso

ALTO

Alto aí! – gritou
teiro e notando que
sibilidade de ir anir
de toda a concorrên
dois momentos de
toda a instabilidade
com mais aquelas:
va e bem chancelad

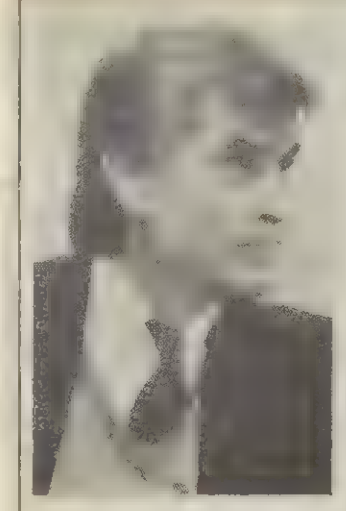
Antes (e como fic
reiros, a resistência
ricas) duas grandes
que deram tão gra
convicto resolveu n
no do jovem profes
explorar a fragilida
gem prévia) querem
e senhor.

Entendido, portar
também que a ausê
outros parceiros qu
isso tentassem com
nio público que, no
sões rubras estão fo
em que não acredit
pressa opulentamer
clube da Luz que n
parecendo tocada p
vão para os pupilos
Rocha tinha de con

Só que, boas con
pote de leite à cabe
ram pelo cano. E,
com os nervos à flo
o polegar, tinha (fo
veitasse ao sólido n
dois lances capitais
com muitas qualida
lhas, deverá culpar-
trária e, também in
nho Cascavel) por
to e companhia lim

Saltemos por cim
encerrou um ciclo p

*Alvalade: Franci
ter feito o mesm
«leões» teria de s*



Meirim pouco seguro em Loulé

Pág. 17

Diário de Lisboa

Este nosso futebol

ALTO LUXO, ALTA DÚVIDA, ALTO RISCO DE SUSTO

Neves de Sousa

Alto aí! – gritou bem aos ventos o dragão, vendo a proeza do parceiro boavisteiro e notando que passava, quase exclusivamente para a sua competência, a possibilidade de ir animando as hostes dando caça a uma **águia** que parecia zombar de toda a concorrência. Vai daí, valendo-se da súbita falência **verde-branca** em dois momentos de jogo sobre a relva que foram (afinal) puro e simples reflexo de toda a instabilidade que abana, do chão ao topo, o edifício de Alvalade, não esteve com mais aquelas: e retirou de Lisboa fechando o ano com a entrega solene de nova e bem chancelada candidatura à revalidação do trono.

Antes (e como ficou escrito nos céus) o Nacional madeirense esbatera, nos Barreiros, a resistência bracarense. Depois, foram aquelas bem escusadas (mas categóricas) duas grandes penalidades cometidas pelo bloco de Toni no relvado da Maia que deram tão grande alegria ao **major galopante** que logo ali o também **leão** convicto resolveu mais abrir os cordões à bolsa e premiar com 150 notas cada aluno do jovem professor Raul Águas, que bem soubera habilmente, matreiramente, explorar a fragilidade de Fonseca, o jovem a quem (subitamente e quase sem rodagem prévia) querem já entregar o posto que legitimamente tem Álvaro como dono e senhor.

Entendido, portanto, o desaire benfiquista ante os axadrezados, verificando-se também que a ausência de Magnusson e Lima não conseguiu ser colmatada por outros parceiros que atirassem soberanamente à baliza contrária ou (pelo menos) isso tentassem com um prévio mínimo de pontaria, tornando-se do absoluto domínio público que, no meio-campo, os dois melhores esquematizadores de progressões rubras estão fora do melhor momento (Diamantino atirado para uma posição em que não acredita, Valdo embrulhado em contas do rosário particular, tão depressa opulentamente rutilante como logo abúlico e perturbado), que restaria ao clube da Luz que não fosse (perante uma arbitragem que também não lhe estava parecendo tocada pela sorte) deixar correr o marfim e esperar por um celestial travão para os pupilos de Artur Jorge, no tal duelo que fechava o ciclo em que Pedro Rocha tinha de conquistar pontos que garantissem manutenção de postos?

Só que, boas contas fazia a rapariguinha que ia a caminho do mercado com o pote de leite à cabeça: quando o barro ficou em cacos, todas as encomendas entraram pelo cano. E, no rectângulo da Alameda das Linhas de Torres, vivendo-se com os nervos à flor da pele, a moldura cercadora tão capaz de erguer como baixar o polegar, tinha (forçosamente) de haver um ponto qualquer de ruptura que aproveitasse ao sólido moral que viajara da **capital do trabalho**. E, amigos, naqueles dois lances capitais em que Vital falhou, mais do que censurar-se um guarda-redes com muitas qualidades, mas pouco atirado para a frente ao longo de outras guerrilhas, deverá culpar-se toda uma equipa que não atira um par de vezes à baliza contrária e, também inexplicavelmente, substitui o seu melhor concretizador (Paulinho Cascavel) por um parceiro que nada adiantou em matéria de susto para Zé Beto e companhia limitada.

Saltemos por cima de todo o lamentável clima de violência que, em Alvalade, encerrou um ciclo para censura e fixemos a surpresa maior de toda a rodada: o êxito (especialmente em matéria numérica) de leixonenses, numa Amadora que se preparava euforicamente para São Silvestre em inteira beleza. Será que João Alves minimizou o oponente, repousou demasiado na confiança que conquistou depois de eliminar os matosinhenses da Taça ou, pelo conrário, a sabidona capacidade de António Morais para modificar posições aparentemente desvantajosas terá vindo ao de cima, simultaneamente com súbita falência atacante dos «estrelinhas»?

Alvalade: Francisco Silva mostra o «icterícia» a Jorge Plácido depois de ter feito o mesmo a Branco. Mais tarde, o pai do «camisa onze» dos «leões» teria de suportar o mau feitio do substituto de Inácio

Maia: Elói acaba de concretizar a primeira grande penalidade que ajudou a derrubar a invencibilidade do Benfica. Num círculo de boavisteiros, o «maestro» axadrezado era a pura expressão de incontida alegria

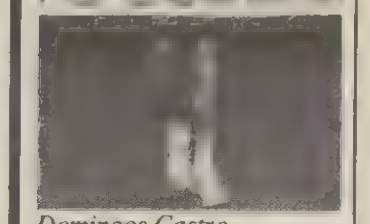
Empates em terreno adverso são sempre conquistas para festejar: que o digam Belenenses, Marítimo e Académico de Viseu: Mortimore apenas medianamente audacioso e justamente temendo o vigor penafidelense, maritimistas preparados para continuarem vida cómoda e serena (obrigando Guimarães a abrandar na corrida) visienses que, comandados por Fernando Cabrita, deram novo piparote na ponta do queixo de portimonenses que não conseguem (mesmo depois de discutida «chicotada psicológica») acertar com a sua carruagem nos carris e continuam implantados (talvez no lamaçal) na zona do pântano que não perdoa.

Por margem tranquila o Sporting de Espinho desembaraçou-se da outra equipa algarvia que continua viajando com o credo na boca: e, aqui, espanta, quase dá motivo para séria análise, a falta de produtividade de um extenso lote de «reforços» arregimentados pelo presidente Fernando Barata em todos os mercados possíveis e imaginários.

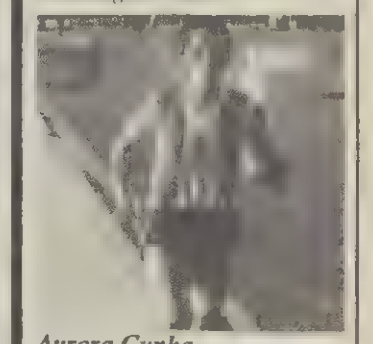
Por um só golo, Chaves conseguiu conter a briosa embaixada fafense, tal e qual como sucedeu com os setubalenses no atendimento a um Beira Mar que vinha da cidade de Gilberto e Domingos Nunes disposto a perder o respeito aos remoçados vitorianos. Só que, enquanto Fafe continua a debater-se com o mais negro dos espectros e os flavienses desfilam serenamente até à sua terra prometida, o Beira Mar não logrou beliscar o clube de Fernando Oliveira, Rui Salas e Manuel Fernandes que, pé-ante-pé, está dando razão a quantos acabam de verificar que, com **aquilo** que muito depreciativamente se dizia (em Alvalade) serem **«saldos em fins de estação»** marcha agora, risonho e franco, perfeitamente ao lado de um Sporting superconstelado de vedetas em trânsito para outros laboratórios: e diferentes espectáculos.

Abre o ano com dois candidatos muito sérios à coroa de soberano, logo depois com 14 emblemas aglutinados em apenas seis degraus. Isto diz bem como estão preparados os vários ringues: de alto luxo, de alta dúvida, de alto risco e não menor arrepio na espinha.

Albertina Machado



Domingos Castro



Aurora Cunha

A dar ao pé ninguém nos agarra!

Pág. 17

Nossos juniores levaram a Israel futebol de 1.ª

Pág. 17

projecto
móveis e equipamentos para escritório
Av. João XXI, 64-A — Lisboa

Nomes e números da jornada

Portimonense, 1 - Ac.Viseu, 1

Jogo no Estádio do Portimonense, em Portimão.
Árbitro: Manuel Nogueira (3), coadjuvado por José Ribeiro e Neves da Silva, equipa do CAAF do Porto.
PORTIMONENSE — Sérgio; Nivaldo; José Carlos, Aurélio e Chico Zé; Skoda; José Pedro, Vado e António Luís; Mazola e Zé Tó.
Substituições: Magno, aos 46 minutos, surgiu no lugar de Mazola, e Floris, aos 68 minutos, sucedeu a António Luís.
A. VISEU — Paulo Renato; Leal; Morgado, Alexandre Alhinho e Kapa; Nogueira, Amaral e Rui; Diallo e João Manuel; Abel.
Substituições: Delgado, aos 46 minutos, apareceu no lugar de Amaral, e Nelito, aos 49 minutos, rendeu Paulo Renato.
(Acção disciplinar: cartão amarelo a Mazola (43 m), Nogueira (58 m) a Diallo (59 m).
Golos: Chico Zé (29 m) e Abel (41 m).

V.Setúbal, 2 - Beira Mar, 1

Estádio do Bonfim.
Árbitro: Miranda de Sousa (2), do Porto, auxiliado por José Ferreira e por Alfredo Manuel.
V. Setúbal: Meszaros; Crisanto, Edmundo, Eurico e Quim; Jorge Ferreira, Cadete, Roçadas (cap.) e Flávio; Jordão e Aparício.
Substituições: Mendes apareceu no lugar de Eurico, aos 45 m e Vítor Madeira rendeu Aparício, aos 68 m.
Beira Mar: Miguel; Costeado, Ivan, Dinis e João Gouveia e Redondo (cap.); Dreiffus, Abdel Ghany, Simões e Freitas; Alain.
Substituições: Bugre e Jarbas entraram para os lugares de João Gouveia e de Freitas, aos 70 m.
Acção disciplinar: cartão amarelo para João Gouveia (19 m), por entrada violenta sobre Cadete, para Crisanto (20 m), por derrube a Simões e para Flávio (88 m), por demora na marcação de um pontapé de canto.
Golos: Jordão (24 m), Abdel Ghany (45) e Mendes (49).

Chaves, 1 - Fafe, 0

Jogo no Estádio Municipal de Chaves.
Árbitro: Ezequiel Feijão (4) do CA de Setúbal, auxiliado por Hélio Pereira e Neto Afonso.
Chaves: Padrão; Vicente, Figueira, Jorginho e Cerqueira; Júlio Sérgio, Gilberto, Celso Maciel, Radi e David; Slavkov.
Substituições: aos 79 minutos, Eurico rendeu Celso Maciel e aos 86, Jorge Silvério entrou para o lugar de Júlio Sérgio.
Fafe: Quim; Perduv, Camilo, Figueiredo, Cláudio e Grosso; Gomes; Mário, Célio e Gospadinov; Padinha.
Substituições: após o intervalo, José Albano rendeu Célio e aos 79 minutos, Rogério entrou para o lugar de Padinha.
Acção disciplinar: cartão amarelo mostrado a Slavkov (50 m), Perduv (55 m), Figueiredo (57 m) e a Gospadinov (69 m).
Golo: Radi (40 m).

Espinho, 3 - Farense, 1

Jogo no Estádio Comendador Manuel de Oliveira Violas, em Espinho
Árbitro: José Silvano, de Vila Real, auxiliado por Sebastião Campos e António Guedes.
Espinho: Silvino; Nené; Eliseu, Sousa e Barriga; Nelo; Luís Manuel, Pingo e Marcos António; Zezé Gomes; Ivan.
Substituições: Rui Filipe, aos 56m, rendeu Zezé Gomes e, aos 79m, foi a vez de Luís Manuel ceder o seu lugar a Aziz.
Farense: Celso; Eugénio, Orlando, Luisão e Pereirinha; Ademar, Ribeiro e Brito; Pitico e Hajry; Ricardo.
Substituições: aos 45m, Danov e Fernando Cruz ocuparam os lugares de Orlando e Ribeiro.
Acção disciplinar: cartão amarelo para Orlando, aos 29m, Pitico e Sousa, aos 31m, Eugénio e Marcos António, aos 76m e Hajry, aos 84m.
Golos: Marcos António (8m), Ivan (63 e 77) e Pitico (71).

Penafiel, 1 - Belenenses, 1

Jogo no Estádio 25 de Abril, em Penafiel.
Árbitro: Bento Marques, auxiliado por António Figo e António Manuel, de Évora.
Penafiel: Cerqueira; Bio, Vasco, Manuel Correia e Artur; China, Elias; Rui Manuel e Caetano; Amâncio e Djão.
Substituições: Tó Portela rendeu Elias, e Paulo Henriques substituiu Caetano, ambos aos 50 minutos.
Belenenses: Jorge Martins; Galo, Sobrinho, José António, Teixeira e José Mário; Paulo Monteiro, Juanico, Dudu e Adão; Chico Faria.
Substituições: Chiquinho entrou para o lugar de Adão (69m) e Baidek substituiu Teixeira (75m).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Caetano (15m), José António (31m), Juanico (75m) e Paulo Monteiro (78m).
Golos: José Mário (38m) e Paulo Henriques (89).

V.Guimarães, 1 - Marítimo, 1

Jogo no Estádio Municipal de Guimarães.
Árbitro: Raul Ribeiro (5), auxiliado por João Abrantes e Álvaro Rocha, de Aveiro.
V. GUIMARÃES — Neno; Nando, Germano, Bené e Vítor Santos; N'Dinga, Nascimento (cap.), René e João Baptista; Silvinho e Chiquinho.
Substituições: aos 45 minutos, Carvalho rendeu N'Dinga, e aos 70 minutos saiu René, entrando para o seu lugar Décio António.
MARÍTIMO — Everton; Rui Vieira, Carlos Jorge, Oliveira (cap.) e Nunes Názaro; Artur Semedo, Adelino Nunes, Esquerdinha e Tozé; José Luís e Jorge Silva.
Substituições: aos 28 minutos, Tozé foi substituído por Paulo Ricardo; aos 55 minutos, entrou João Paulo para o lugar de Jorge Silva.
Acção disciplinar: cartão amarelo para Rui Vieira (21 minutos), Nascimento (80 minutos) e Esquerdinha (89 minutos).
Golos: João Baptista (2 m) e Esquerdinha (65 m).

E.Amadora, 0 - Leixões, 3

Jogo no Estádio do Estrela da Amadora.
Arbitro: Alder Dante (4), de Santarém, auxilhado por Fernando Vacas e João Bento.
ESTRELA DA AMADORA: Melo; Marlon Alves, Sessay, Barny e Caetano; Rebelo, Coelho, Jaime, Mário e Basaúla; Marlon Brandão.
Substituições: aos 23 minutos, N'Kama rendeu Sessay e no regresso, após o intervalo, Nélson Borges apareceu no lugar de Coelho.
LEIXÕES: Jesus; Abílio, Mauro, Amarildo e Barreto; Moreira de Sá, Tozé, Quinito e Ruben; Penteado e Makukula.
Substituições: aos 78 minutos, Osias rendeu Makukula e, aos 88, entrou José Augusto para o lugar de Penteado, que cedeu a braçadeira de capitão a Jesus.
Marcadores: 0-1, por Penteado, aos 10 minutos; 0-2, por Rebelo, na própria baliza, aos 25 minutos, e 0-3 por Makukula, aos 61.
Acção disciplinar: Cartão amarelo para N'Kama (49 m), Mário (58 m) e Caetano (63 m), no Estrela da Amadora. Barreto (49 m), Ruben (51 m) e Moreira de Sá (57 m), no Leixões. Cartão encarnado, aos 68 minutos, a Moreira de Sa, por acumulação de amarelos.

Toni para Raul Águas: «já em Chaves me lixaste um 'penalty'...»

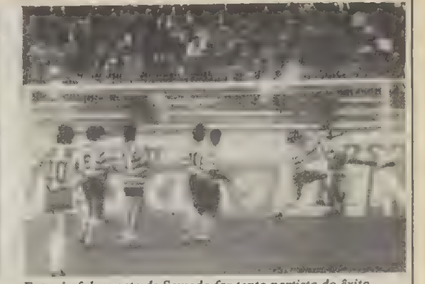
Maia: estreia brilhante de Raul Águas e Pina de Morais derruba benfiquistas que estavam invencíveis.

KIT-MARKET
Móveis e utilidades para a casa
1000 m² — Centro Comercial das Chaves

Geraldão e Carlos Xavier: tentativa de enfiar a bola no túnel

Jorge Plácido 'versus' João Pinto: o rato e o gato

Chico Silva para o «leão» derrubado: «fora da relva ou levante-se já!»



Entrada fulgurante de Semedo faz tento portista do êxito.

Porto vence em Alvalade: 2-1

SPORTING: UM JOGO PERDIDO NA TRIBUNA

Neves de Sousa

Há muitos anos que não lembrava um jogo de futebol com tantas e tão diferentes etapas: dentro e fora do palco verde, antes, durante e depois do combate pela posse da esferinha de couro.

Primeiro: a tremenda agitação que (inegavelmente) varre o Sporting, com reflexos que transitam da tesouraria para o espírito dos atletas, nada pode favorecer a recolha das conquistas. Em seguida, pode apontar-se a complicada guerra psicológica que, por causa de uma possível falha na estrutura de cimento do estádio verde-branco afastou de Alvalade, digam o que disserem, larga quota da multidão, que, normalmente, ali assistiria a um dos mais saborosos e desejados «clássicos» do autêntico futebol português que (óbviamente e para bem da tradição) se sobrepõe ao luso-brasileiro campeonato que está resultando em verdadeiro fracasso na conquista de golos, sal e sabor do espectáculo mais ampliado em todas as latitudes. Depois porque, criando nítidos sinais para discórdia e clivagem na massa de adeptos que são os autênticos patrões do clube, alguns dirigentes mais os atiçam em exércitos não convergentes, cada qual mais se interrogando sobre a razão de, numa casa, onde não há pão, se continuar discutindo o sexo dos anjos.

Lá chegaremos. Digamos, no entanto, que chocou diversos sportinguistas a honraria dada a Jorge Nuno Pinto da Costa na tribuna presidencial: ou é tudo uma farsa, nunca nada existiu de clivagem entre as duas directivas ou existe incrível hipocrisia entre alguns membros do desconjuntado areópago que Jorge Gonçalves ainda imagina estar sob pequeno controlo. Das duas, escolham uma: ou o Sporting acaba de vez com as beliscadelas ao elenco directivo dos «dragões», faz as pazes e o que seria bonito não se falava mais nisso ou, então, foi afronta pura o senhor presidente da assembleia geral de Alvalade ter chamado para o seu lado o chefe do rival que está de relações cortadas com o emblema que pai Abrantes Mendes sempre defendeu e agora lá do alto estará mirando, atónito, com lágrimas pelas faces e um triste sorriso de desespero pela sequência da sua continuidade, especialmente a partir do instante em que o ilustre filho publicamente veio ameaçar que arrazava este mundo e o outro se as duas ideias não prevalecessem. Um mau sinal para a democracia lusitana, realmente em perigo perante quem se atreve (com altas responsabilidades) a proferir ameaças deste estilo.

•

Mas, mesmo nada tendo com a vida interna de um clube que, como qualquer partido político de primeiro escalão, terá sempre de viver em edifício de paredes de vidro límpido, é fácil de imaginar as conversas que, mais de meio ano corrido sobre a última viagem a Alvalade, se escutavam em tudo o que era corredor, átrio, camarote, bancada ou simples cabeceira, especialmente tocando no «visor» brasileiro que, mal tocando terra onde buscou emprego logo ameaçava que iria despedir o treinador. O «visor» brasileiro que cria atritos com árbitros (a quem terá ameaçado da exclusão de jogos da FIFA e UEFA porque nisso quem mandava era ele. Um «visor» brasileiro que, não contente com a intromissão na vida benfiquista (casos com Ricardo e Valdo) ainda se permitiu estragar, de alto a baixo, um eventual regresso de Paulo Futre ao primeiro pátrio lar. Um «visor» brasileiro excursionista que, de cada vez que voa ao encontro do melhor patrão, apenas deixa por cá a família empregadinha e bem paga, graças a Deus.

Este foi, digam o que disserem, o primeiro sinal de fraqueza da direcção leonina presidida por Jorge Gonçalves: autorizar um empregado a julgar-se patrão e dono de toda a ciência da terra não lembrava nem a um gato, quanto mais a um escol de figuras que se afirmavam possuir na manga todas as mezinhas para sanar os problemas financeiros da colectividade e, infelizmente para quem confiou, cada dia mais ampliam o tal «buracão» herdado, em má hora, da gerência de Amado de Freitas que, por seu turno, também afirmava aos quatro ventos que já a recebeu de bandeja e pouco dela sabia, apesar de ter sido um braço autorizado do chefe que, neste momento, recebe pontaria baixa de muitos que o adularam ou em delírio ovacionaram as suas posições.

•

Simples sinais dos tempos que continuaram na tal euforia que foi «safanão para o Sporting» mas, bem vistas as coisas, está funcionando como uma espécie de pingue-pongue entre o leão e os Bancos, o leão e os artistas do seu património momentâneo, o leão e uma legião de credores que engrossa dia a dia. É que, sabendo-se de base que era necessário atravessar o deserto e assumir encargos elevados, pagar dívidas e abrir os bolsos para recrutamentos, a primeira medida proclamada por dirigentes recém-chegados ao trono, foi imediatamente tentar reforçar benefícios aos associados mais antigos e prestigiosos, como se eles (em lugar de muitas vezes terem acudido às naturais dificuldades do clube do seu coração) fossem culpados de Rajkjard nunca ter jogado pelo emblema que o negociou, que Eskilsson só sirva para jogos de reserva (pelo menos é esse o modo de entendimento que se faz em relação ao pensamento da douta e insigne Comissão Técnica do futebol sportinguista), que a vinda de Miguel tenha ficado por alto dispêndio e ainda a cedência de quatro jogadores para as hostes vimaranenses (um deles é Silvinho...), que o «passe» internacional de Ricardo tenha vindo a nado (ou à boleia) do Brasil, do país onde o «visor» garante que tudo comanda a capricho. Mais: que se tenha recrutado um guarda-redes estrangeiro em fim de carreira, provavelmente à preocura do lar da 3.ª idade, que até os excelentes valores que foi possível a Jorge Gonçalves reunir estejam (como toda a gente bem sabe) em atraso nos seus recebimentos: há quem, desde Setembro, ainda espere pela prestação das «luvas» ou, se não nos enganamos, continue aguardando que uns terrenos sejam abatidos ao património do Sporting para, em lugar de servirem para as instalações desportivas que determinaram a concessão, funcionarem como prédios de aluguer, hotel, auto-silo, hipermercado, central de camionagem, talvez mesmo para centro de repouso dos jogadores que, em trânsito passam por esta terra a caminho dos seus legítimos patrões.

•

Para os sportinguistas mais sensatos, não estaremos aqui contando qualquer novidade: aos mais frágeis de memória ou melhor acomodados à situação vigente é que desejamos alertar, porque essa deverá ser (sempre, incondicionalmente) a missão que cumpre a quem pode observar, num espelho não deformador de imagens, o que está arrastando para o caos um dos maiores clubes mundiais. Um emblema que se sujeita a isto: um «vice» reunir-se (na passada semana) com determinada figura bem conhecida e, durante lauto repasto num bom hotel da capital, ter dito o pior possível do presidente que o colocou na lista que venceu as últimas eleições sportinguistas. O mesmo «vice» que, de um instante para o outro, talvez porque esteja indicado para funções governamentais onde poderá decidir questões de milhões de contos, subitamente virou o bico ao prego e já se atira com dentes, mas poucas unhas ao dito cujo «visor» que até aqui protegeu com bem visível escudo.

E, desculpem se a torrente de factos que enreda o Sporting a isso obriga: a melhor coisa que está ao serviço do clube são os jogadores e as pobres bolinhas que saltitam consoante o impulso. Um dia destes (apareça quem desminta) chegou a acontecer um caso que parece verdadeira anedota. Vejamos como a contaram em largo círculo de importantes «leões»: um determinado comerciante foi junto de Jorge Gonçalves e de um outro director propondo fazer negócio com o Sporting, vender um autocarro ao clube. Entrou no gabinete do presidente e, subitamente, ali se ergueu em alta berraria a aparelhagem de som, ao que o candidato a negociante ripostou:

– Desculpem: eu não vim cá para me darem música. Quero apenas saber se estão interessados no autocarro...

Resposta de quem bem se entende:

– Isto tem que ser assim: anda aí malta pelos corredores a escutar o que a gente trata e não convém que ouçam nada...

Se não é «blague» dos respeitáveis (grandes) sportinguistas que nos contaram, está é mesmo de almanaque.

•

Aliás, como vai sendo a vida em Alvalade, perturbada por um imenso rolar de despesas incomportáveis para o seu orçamento mais ousado, cheques viajando na corda bamba, atletas e técnicos proclamando que não estão em dia com os recebimentos, o aglomerado de jogadores muito longe de formar qualquer bloco sólido e, pelo contrário, dividindo-se entre os que estão mais em dia ou maiores credores. Reconheça-se que não se pode, neste instante, exigir mais ao presidente Jorge Gonçalves, que até dá a cara em todas as emergências, como se tivesse nascido para ser apóstolo predilecto de Cristo, uma espécie de porta-voz para os desabafos nas horas de infelicidade. Parece-nos, pelo pouco conhecimento que temos do chefe do executivo verde-branco, que se trata de um homem bem intencionado que, num ápice, foi enrolado numa manta por quem tinha o dever de a seu lado compartilhar desditas e amarguras. Já terá pouco tempo para tomar conta do pêndulo do relógio. O afastamento de competições europeias, a ausência de rentáveis contratos para exibição no estrangeiro (a ida ao Médio Oriente funciona a preço de uva mijona...) e, especialmente, a quebra de posição ante a promessa que fizera à sua directa clientela de dar uma grande varredela no futebol se não conseguisse seis pontinhos no lote de jogos em que apenas subiu um estreito degrau, parece porém, afirmar que estamos perante uma personalidade que, como o «vice» Catela, viaja entre dois pólos, consoante as situações e conveniências de opinião. O constante **«disse, não disse»** pode garantir-se que altamente está influindo na carreira (anormalmente deficitária) da mais representativa turma de futebol **verde-branco** que, como bem se sabe, é o barómetro de toda a vida do clube que foi de Jorge Vieira e continuará sendo de Jaime Duarte, ainda que a tal legião de fiéis amigos, cortadas pela raiz algumas benesses conquistadas ao longo dos tempos, agora feche os olhos (e os livros de cheques) perante todos os cataclismos que mais possam ainda cair em casa da sua bandeira de coração.

Poderia aqui falar exclusivamente do desaire leonino ante o Porto, mas está já focado em múltiplos aspectos, ainda que seja forçoso trazer à linha de água que vários factores contribuíram para o sucesso dos «dragões».

Vejam se concordam: a incrível (e acreditamos que única) pouca sorte do guarda-redes Vital nos dois **galinhaços** que autorizou, nomeadamente naquele pontapé lá da esquina da lua desferido por Geraldão, que lhe bateu na mão esquerda e desceu suavemente para o viveiro, ainda que igualmente a mesma mão canhota tivesse traído os seus melhores intentos quando nada mais conseguiu que, ao «livre» de Branco, dar um toquezinho para o domínio de Semedo. Mais: a inexplicável troca de Paulinho Cascavel por Forbs e, difícil também de entender, o apelo a Maside para funcionar como uma espécie de ponta-de-lança, ele que nunca foi além de um bom artista a meio do palco. E, depois, na sequência de erros próprios, de golos inacreditavelmente consentidos em lances de bola parada, veio aquele percalço que foi rubricado por Francisco Silva, decididamente o árbitro (categorizado e tecnicamente perfeito, diga-se desde já) menos indicado para um jogo-chave da equipa portista, do «onze» com quem manteve largo contencioso com o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa, ainda mal sanado e pouco esclarecido. Francisco Silva caiu do alto da sua sempre apregoada verticalidade quando não expulsou do «show» o brasileiro Geraldão que, já tendo visto o cartão **ictericia**, entrou a Jorge Plácido como se estivesse ceifando o inimigo mais de peito. Não há qualquer atenuante para ter continuado em jogo e foi pena que ontem, no areópago do «Domingo Desportivo», ninguém tivesse perguntado ao juiz algarvio porque motivo não fizera respeitar o que está preceituado em matéria de disciplina: segundo cartão amarelo seria automático afastamento de Geraldão, a alongada quezília entre Octávio e Carlos Manuel ou vice-versa provocava «suspense» na bancada mas o árbitro parecia que estava a léguas de distância, naqueles sopapos bem trocados por Branco e Jorge Plácido logo a seguir ao 1-0 ficaram-se **(pacatamente)** pelo «amarelo», em diversas entradas de pé em riste estava a olhar para o cronómetro, outras tantas rasteiras aconteceram quando espreitava a cor do céu, no lance em que travou a descida de Jorge Plácido para uma baliza desguarnecida certamente que andaria procurando o boletim do totobola para saber como iam as coisas por outras áreas.

•

É isso: de vez em quando, eu e o Sporting temos um azar dos diabos, porque Francisco Silva, desde aquela célebre tarde de uma «supertaça» no Lumiar (em que o antes «suspenso» Manuel Fernandes atirou três para o viveiro e o Sporting de Braga perdeu por 2-6) nunca mais conseguiu, nas viagens a Alvalade, manter ao nível habitual a bitola das suas interpretações em quase todos os outros estádios, ficando sem se saber se é complexo adquirido ou, no caso mais actual, o desejo de não avivar problemas com o Porto ajudou a contemporizar com a autorização para Geraldão fazer o que lhe apetecesse até cair o sol.

Será de inteira obrigação (e necessidade absoluta) acrescentar que o bom do Chico Silva retirou para o banheiro mal tocou a unir e, portanto, dirá agora que desconheceu totalmente o crepitar de lume que principiou quando o brasileiro Branco agrediu (verbal e fisicamente) o pai de Jorge Plácido e uma pequena multidão estava de palanque nas entradas de túneis para os balneários quando (afinal) havia tanto lugar livre na arquibancada...

O árbitro de Portimão, que estivera tecnicamente certinho até ao tal momento em que vendou os olhos para perdoar Geraldão, caiu logo num poço fundo, autorizando momentos de autentico «catch», permitindo agrupamentos e ameaças que não eram apenas de boca, autorizando uma confrangedora perda de pulso consoante o tempo corria e ele, frágil no meio daquele maralhal, parecia liana batida pelo vento forte.

Coloquemos como pedra branca no seu interior trabalho o ter ajuizado perfeitamente no lance em que Dito cometeu grande penalidade sobre Cascavel, afugentando-o de uma bola que vinha endossada do flanco direito da defensiva portista: foi (talvez) o instante em que acreditámos que ia mudar o rumo da agulha e, linearmente, passar a agir como mandam os códigos. Afinal, foi apenas um raio de luz que logo se escapuliu.

•

Palmas, muitas e sinceras, para um lote de bons artistas: Semedo e Bandeirinha, Jorge Plácido e Silas, Branco e Geraldão, Carlos Manuel e Morato, André e João Pinto, Venâncio e Paulinho Cascavel, Vermelhinho e Douglas. O melhor guarda-redes do Sporting estava na lateral (Vítor Damas, pois claro) e o seu substituto teve falência vital em dois momentos onde tudo parecia propício para a tranquilidade.

Quanto ao que se passou no fim do espectáculo sobre a relva, nada me compete adiantar ao que já está por aí escarrapachado. Uma vergonha que bem vistas as coisas, é o tal fruto de, em casa sem pão, todos andarem ao pontapé por uma sardinha. Foi pena e fiquei triste: meio ano depois de ter deixado Alvalade fora de qualquer passeio, ainda tive de estar umas horas a explicar aos meus filhos que as pedras que eles tinham visto atirar contra o autocarro do Porto eram apenas rosas, que as palavras vergonhosas que se dispararam a torto e a direito em diferentes fronteiras do estádio eram somente expressões em esperanto, indecifráveis pelo mortal comum.

Realmente, pelo que toca ao Sporting, apenas resta uma esperança: que chegue depressa o dilúvio ou a fada benfazeja e tudo renasça a partir da estaca zero.

Dois óptimos fiscais de linha (Rui Silva e Arménio Estorninho) não tiveram no chefe (o árbitro «internacional» Francisco Silva, de Faro) o juiz certeiro da partida, especialmente a partir do instante em que «autorizou» a continuidade em jogo do portista Geraldão. As turmas:

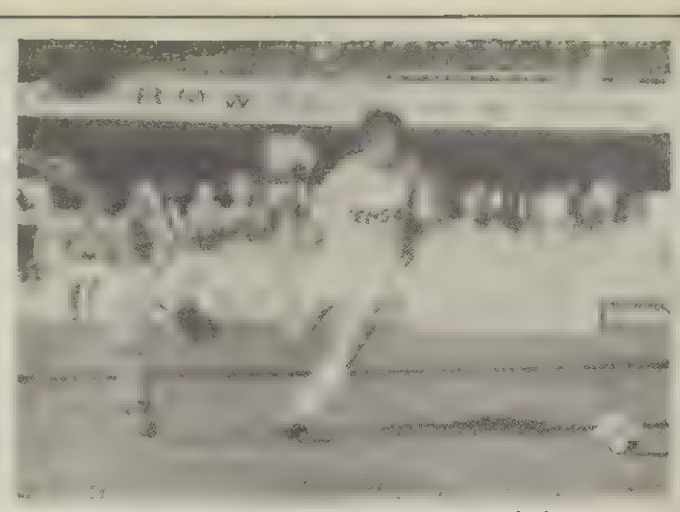
Sporting: Vital; João Luís, Venâncio, Morato e Fernando Mendes (Maside, aos 77 minutos); Douglas, Silas, Carlos Manuel e Carlos Xavier; Paulinho Cascavel (Forbs, 66) e Jorge Plácido.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Geraldão, Dito e Branco; André, Semedo (Rui Manuel, 91), Bandeirinha e Sousa; Madjer (Carvalhal, 89) e Vermelhinho.

Golos: Geraldão (35 m), Cascavel (51, de grande penalidade) e Semedo (89). Cartão amarelo para Geraldão, Silas, Branco, Plácido e Fernando Mendes.

Penafiel: Adão e Elias (nomes mitológicos) disputam a esfera

Amadora: má «estrelinha» do Estrela perante leixonenses matreiros



Guimarães: funchalenses do Marítimo cambalearam mas não caíram

Futebol nacional

"Águia" ou "Dragão": eis a dúvida

Ao «virar da folha», muitas foram as surpresas da ronda que encerrou a primeira volta deste «nacional». Foi o Benfica a ver a invencibilidade quebrada ao perder no Bessa, na noite da passada sexta-feira, foi o Sporting a baquear uma vez mais e desta vez a despedir-se dos seus parceiros da luta pelo título, foi o Leixões a vencer, de forma categórica, o Estrela da Amadora no palco da Reboleira e foram ainda o Marítimo e o Académico de Viseu a regressarem ao seu burgo com um ponto no bornal amealhado em campo alheio.

Marcadores

Vata e Jorge Andrade, com a marcação de um golo, isolaram-se no comando dos mais certeiros rematadores com 9 golos seguindo-se Jordão, Jorge Silva e Aparício com 8.

Próxima Jornada (20.ª) – Nacional-Chaves, V. Setúbal-Sp. Braga, E. Amadora-Beira Mar, Sporting-Leixões, Boavista-FC Porto, Penafiel-Benfica, Espinho-Belenenses, V. Guimarães-Farense, Portimonense-Marítimo e A. Viseu-Fafe.

ZONA NORTE: Bragança, 0-Moreirense, 2; Varzim, 0-Tirsense, 1; Freamunde, 2-G. Vicente, 0; Trofense, 1-Marco, 1; Salgueiros, 2-Joane, 2; Amarante, 1-Paredes, 1; Santa Maria, 1-P. Ferreira, 1; Felgueiras, 4-Rio Ave, 0; Vizela, 0-Aves, 0.

	J	V	E	D	G	P
TIRSENSE	15	8	5	2	23-9	21
Desp Aves	15	7	6	2	28-13	20
Vizela	15	6	8	1	18-10	20
Varzim	15	6	7	2	24-13	19
Freamunde	15	7	5	3	22-13	19
Felgueiras	15	6	6	3	21-12	18
Rio Ave	15	7	4	4	25-18	18
Gil Vicente	15	6	4	5	16-15	16
Joane	15	5	5	5	18-20	15
Marco	15	5	5	5	13-16	15
Trofense	15	4	6	5	11-19	14
Paredes	15	4	5	6	11-16	13
Bragança	15	3	7	5	9-14	13
Salgueiros	15	3	7	5	7-12	13
P. Ferreira	15	4	3	8	15-24	11
Amarante	15	2	5	8	13-24	9
Santa Maria	15	2	4	9	12-25	8
Moreirense	15	2	4	9	8-21	8

Próxima jornada (16.ª): Vizela-Moreirense; Tirsense-Bragança; G. Vicente-Varzim; Marco-Freamunde; Joane-Trofense; Paredes-Salgueiros; P. Ferreira-Amarante; Rio Ave-Santa Maria e Aves-Felgueiras.

ZONA CENTRO: Marialvas, 0-Luso, 1; U. Leiria, 1-Águeda, 0; Caldas, 2-Covilhã, 0; Estarreja, 2-Est. Portalegre, 2; U. Lamas, 1-Feirense, 1; Portalegrense, 3-Lousanense, 1; Ol. Bairro, 1-Peniche, 1; Académica, 2-Marinhense, 0; Mealhada, 1-Mangualde, 0.

	J	V	E	D	G	P
FEIRENSE	15	11	4	0	37-5	26
U.Lamas	15	7	6	2	19-11	20
Academica	15	6	8	1	18-10	20
«Os Marialvas»	15	7	5	3	23-12	19
Caldas	15	7	4	4	30-19	18
Agueda	15	5	8	2	14-9	18
Portalegrense	15	7	4	4	23-19	18
Oliv. do Bairro	15	6	6	3	11-11	18
Sp. Covilhã	15	7	2	6	26-13	16
Peniche	15	4	7	4	15-19	15
U. Leiria	15	4	5	6	18-22	13
Luso	15	4	5	6	14-19	13
Lousanense	15	4	3	8	18-26	11
Mealhada	15	3	5	7	14-23	11
Mangualde	15	3	4	8	9-18	10
Marinhense	15	2	5	8	8-32	9
Est. Portalegre	15	1	6	8	8-18	8
Estarreja	15	2	3	10	13-32	7

Próxima jornada (16.ª): — Mealhada-Luso; Águeda-Marialvas; Covilhã-U. Leiria; Est. Portalegre-Caldas; Feirense-Estarreja; Lousanense-U. Lamas; Peniche-Portalegrense; Marinhense-Ol. Bairro e Mangualde-Académica.

Zona SUL: Torreense, 2-Elvas, 0; Alverca, 6-Montijo, 1; Juventude, 1-U. Santiago, 2; Estoril, 2-Oriental, 1; Ol. Moscavide, 0-Sacavenense, 1; Barreirense, 0-União, 1; Atlético, 1-Lusitano, 0; Olhanense, 5-Louletano, 1; Silves, 0-Esp. Lagos, 0.

	J	V	E	D	G	P
ESTORIL	15	9	2	4	19-9	20
Olhanense	15	8	3	4	27-16	19
Elvas	15	8	3	4	19-14	19
Torreense	15	7	4	4	23-15	18
Louletano	15	6	6	3	19-12	18
União	14	7	3	4	16-11	17
Alverca	15	7	3	5	23-15	17
Atlético	14	4	7	3	18-16	15
O. Moscavide	15	6	3	6	17-23	15
Lus. Évora	15	5	4	6	12-11	14
Silves	15	3	8	4	16-21	14
Juventude	15	4	5	6	17-15	13
Oriental	15	5	3	7	15-19	13
Barreirense	15	4	5	6	16-24	13
Esp. Lagos	15	5	2	8	12-18	12
Montijo	15	4	3	8	18-26	11
U. Santiago	15	4	3	8	16-24	11
Sacavenense	15	2	5	8	13-27	9

Próxima jornada (16.ª): Silves-Elvas; Montijo-Torreense; U. Santiago-Alverca; Oriental-Juventude; Sacavenense-Estoril; União-Ol. Moscavide; Lusitano-Barreirense; Louletano-Atlético e Esp. Lagos-Olhanense.

Divisão III

Série A: Ponte da Barca - Prado, 2-1; Delães - Celoricense, 1-0; Esposende - Valdevez, 3-1; Lanheses - Maria Fonte, 3-2; Valenciano - Mac. Cavaleiros, 7-1; Mirandês - Vianense, 1-1; Neves - Vinhais, 2-0; Vila Pouca - Valpaços, 1-1 e Vieira - Famalicão, 0-2.

Próxima jornada: (16.ª) – Neves - Valpaços; Vianense - Vila Pouca; Prado - Mirandês; Famalicão - Ponte da Barca; Celoricense - Vieira, Maria da Fonte - Delães; Valdevez - Lanheses; Mac. Cavaleiros - Esposende e Vinhais - Valenciano.

Série B: Aliados Lordelo - Ermesinde, 0-0; Infesta - Pedrouços, 1-0; Leça - Lourosa, 0-0; Lousada - Paivense, 1-0; Maia - Torre Moncorvo, 3-0; Oli. Douro - Régua, 2-1; Ovarense - Sandinenses, 1-0; Valonguense - Lixa, 5-0 e Vila Real - Vilanovense, 3-0.

Próxima jornada (16.ª) – Vila Real - Régua; Lixa - Ol. Douro; Lourosa - Valonguense; Ermesinde - Leça; Pedrouços - Lordelo; T. Moncorvo - Infesta; Paivense - Maia; Sandinense - Lousada e Vilanovense - Ovarense.

Série C: AD Valonguense - Mortágua, 3-3; Alba - Santacombadense, 3-0; Gouveia - Argus, 4-0; Ol. Hospital - Valecambrense, 3-0; Oliveirense - U. Coimbra, 1-0; Pessegueirense - Anadia, 1-3; Oliveirinha - Seia, 0-0; S. Romão - Paço, 0-2 e Viseu e Benfica - Guarda, 1-1.

Próxima jornada (16.ª) – V. Benfica - Acad. Paço; U. Coimbra - São Romão; Santacombadense - Oliveirense; Seia - Alba, Anadia - Oliveirinha; Argus - Pessegueirense; Mortágua - Gouveia; Valecambrense - Valonguense e Guarda - Ol. Hospital.

Série D: 22 Junho/Amor - Alcanenense, 1-3; Atouguiense - Naval, 0-4; Benf. C. Branco - Marrazes, 2-1; Beneditense - Mirense, 1-3; Bombarralense -Sertanense, 3-0; Castelo Vide - Mirandense, 0-0; CD Fátima - U. Tomar, 0-0; Ferrel - Alcobaça, 1-2 e «Os Nazarenos» - Usseira, 0-0.

Próxima jornada (16.ª) – C. Vide - Alcanenense; Sertanense - 22 de Junho; Alcobaça - Bombarralense; Naval - Ferrel; U. Tomar - Atouguiense; Usseira - D. Fátima; Mirense - Nazarenos; Marrazes - Beneditense; Mirandense - Benf. C. Branco.

Série E: U. Almeirim - Futebol Benfica, 1-1; Campomaiorense - Praiense, 0-2; SL Cartaxo - Cacém, 1-1; Santa Clara - Vialonga, 2-0; Fanhões - U. Santarém, 0-0; Lusitânia - Arraiolense, 1-1; Portosantense - SL Olivais, 1-1; Samora Correia - Pêro Pinheiro, 2-1 e Sintrense - Vilafranquense, 3-1.

Próxima jornada (16.ª) – Campomaiorense - Arraiolense; Pêro Pinheiro - Lusitânia; Futebol Benfica - Samora Correia; Cacém - Almeirim; SL Olivais - Cartaxo; Vialonga - Portosantense; U. Santarém - Santa Clara; Vilafranquense - SL Fanhões e Praiense - Sintrense.

Série F: Amora - Quimigal, 1-0; Banheirense - Lusitano V.R., 0-0; Imortal - Almacilense, 1-0; Moura - Est. V. Novas, 0-0; C. Piedade - Alvorense, 2-0; Quarteirense - Palmelense, 1-1; Sesimbra - C. Caparica, 1-0; U. Montemor - Ferreirense, 1-1 e Vasco da Gama - Seixal, 1-1.

Próxima jornada (16.ª) – C. Piedade - Costa Caparica; Palmelense -Sesimbra; Quimigal - Quarteirense; Ferreirense - Amora, Lusitano de V.R. - U. Montemor; Estrela - Banheirense; Seixal - Moura; Almansilense - V. Gama e Alvorense - Imortal.

ibérico
HIPERMERCADO

TOTOBOLA

ACHAVE

Concurso n.º 53/88

1 Boavista-Benfica	2
2 Sporting-Porto	2
3 Portimonense-A. Viseu	X
4 Guimarães-Marítimo	X
5 Espinho-Farense	1
6 Penafiel-Belenenses	X
7 E. Amadora-Leixões	2
8 Setúbal-Beira Mar	1
9 Chaves-Fafe	1
10 Varzim-Tirsense	2
11 Vizela-Aves	X
12 U. Lamas-Feirense	X
13 Olhanense-Louletano	1

a) Obtido por sorteio

A NOSSA APOSTA

Concurso n.º 01 (08.1.89)

1 Penafiel-Benfica	2
2 Boavista-Porto	2
3 Nacional-Chaves	X
4 Setúbal-Braga	1
5 E. Amadora-Beira Mar	1
6 Sporting-Leixões	1
7 Espinho-Belenenses	X
8 Guimarães-Farense	1
9 Portimonense-Marítimo	1
10 A. Viseu-Fafe	1
11 Gil Vicente-Varzim	2
12 Mangualde-Académica	X
13 Silves-Elvas	2

ibérico
HIPERMERCADO
Paço do Lumiar — 1600 LISBOA
Telef.: 758 00 19 — Autocarros 3 e 4

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças - Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

	J	V	E	D	G	P
BENFICA	19	12	6	1	28-8	30
FC Porto	19	10	8	1	21-7	28
V. Setúbal	19	9	4	6	27-20	22
Sporting	19	7	8	4	23-16	22
Boavista	19	8	5	6	24-16	21
Penafiel	19	7	7	5	19-14	21
Desp. Chaves	19	7	6	6	15-11	20
Beira Mar	19	6	8	5	15-13	20
Nacional	19	7	6	6	27-26	20
V. Guimarães	19	7	6	6	16-15	20
Marítimo	19	5	9	5	21-20	19
Belenenses	19	5	8	6	19-17	18
Sp. Espinho	19	6	5	8	26-26	17
Sp. Braga	19	5	7	7	17-19	17
Leixões	19	6	5	8	14-20	17
Est. Amadora	19	7	3	9	17-26	17
Farense	19	5	5	9	14-25	15
Acad. Viseu	19	3	7	9	11-24	13
Fafe	19	3	6	10	10-29	12
Portimonense	19	3	5	11	9-21	11

...mbalearam mas

...Alcobaça - Bom-...aval - Ferrel; U. ...guiense; Usseira - ...ense - Nazarenos; ...neditense; Miran-...C. Branco.

...Almeirim - Fute-...-1; Campomaio-...e, 0-2; SL Carta-...-1; Santa Clara - ...0); Fanhões - U. ...-0; Lusitânia - ...1; Portosantense - ...1; Samora Correia ..., 2-1 e Sintrense - ..., 3-1.

...rnada (16.ª) – ...ase - Arraiolense; ... - Lusitânia; Fute- ... Samora Correia; ...irim; SL Olivais - ...onga - Portosan-...urém - Santa Cla-...ense - SL Fanhões ...ntrense.

...nora - Quimigal, ...ense - Lusitano ...ortal - Almacilen- ... - Est. V. Novas, ...de - Alvorense, ...nse - Palmelense, ...a - C. Caparica, ...mor - Ferreirense, ...a Gama - Seixal,

...rnada (16.ª) – C. ...ta Caparica; Pal-...mbra; Quimigal - ... Ferreirense - ...no de V.R. - U. ...rela - Banheiren-...ura; Almansilen-...n e Alvorense -

ULT

& FILHOS, LDA
ombarda, 26
Lisboa
Portais - Telha
BO

D	G	P
1	28- 8	30
1	21- 7	28
6	27-20	22
4	23-16	22
6	24-16	21
5	19-14	21
6	15-11	20
5	15-13	20
6	27-26	20
6	16-15	20
5	21-20	19
6	19-17	18
8	26-26	17
7	17-19	17
8	14-20	17
9	17-26	17
9	14-25	15
9	11-24	13
0	10-29	12
1	9-21	11

PONTA ESQUERDA

Nossos juniores em Israel

Hoje: "AA" jogam com a Irlanda

Amanhã: "BB" presentes na final

Mais uma vez as nossas selecções de juniores (AA e BB) confirmam supremacia sobre toda a concorrência já que, no torneio internacional de Israel, os «BB» estarão amanhã presentes na final com a turma representativa do país organizador em encontro marcado para as 11,45 horas em Herzlia (perto de Telavive) e os «AA» jogarão esta tarde com a República da Irlanda e, caso o triunfo pertença à nossa representação, bastará que a Roménia empate com Israel para nova presença lusa no final.

No passado fim-de-semana as nossas equipas repousaram, tendo aproveitado para a recuperação dos muitos jogadores lesionados pela violência utilizada pelos seus anteriores opositores e para as visitas «obrigatórias» a Jerusalém, Nazaré e ao Vale do Jordão.

Os técnicos portugueses Carlos Queirós e Nelo Vingada, estão confiantes nos resultados, de hoje e de amanhã, naturalmente fincados nas exibições realizadas nos jogos já efectuados em que o comportamento dos nossos jovens foi muito positivo e prometedor.

Meirim na corda bamba

A continuação do técnico Joaquim Meirim à frente do Louletano apresenta-se duvidosa, após a volumosa derrota sofrida pela sua equipa, sábado, em Olhão, seguida de declarações muito irónicas do presidente do clube algarvio.

Em causa estão as afirmações produzidas pelo treinador, antes do jogo à Comunicação Social, pelas quais considerava como razões limitativas do objectivo de subida à primeira divisão **«a juventude e inexperiência»** da direcção do Louletano.

Terminado o encontro, Daniel do Adro assumiu com ironia o peso da derrota, afirmando aos microfones da Rádio Algarve que **«a juventude da direcção do Louletano, demasiadamente jovem e inexperiente, acabar de perder este jogo».**

O presidente da colectividade de Loulé, face à fraca prestação da sua equipa, acrescentou: **«até parecia que foi a juventude directiva quem deu a táctica para o jogo, realizou o mesmo e sofreu os golos».**

Agastado com as declarações de «um empregado do clube», o dirigente do clube algarvio declarou: **«isto tem que levar uma grande volta».** «Como dirigente, pouco tenho a aprender com o treinador, já que estou habituado a dirigir empresas com maior envergura do que o Louletano, cuja juventude directiva falhou esta semana, sem que alguém mais experiente tenha dado a necessária serenidade à equipa» afirmou Daniel do Adro.

Futebol lá fora

"Barça" vence Atlético (de Futre)

O Atlético de Madrid, perdeu em casa 1-3 com o Barcelona, em jogo da 16.ª jornada do campeonato de Espanha.

O Atlético marcou primeiro, aos 20 minutos, de grande penalidade. transformada por Baltasar de Morais; Roberto Fernandez igualou para o Barcelona, aos 53 minutos, e o inglês Gary Lineker colocou os catalães em vantagem, aos 64 minutos; José Maria Baquero, de cabeça, aos 86 minutos, fixou o resultado final.

Com esta derrota o Atlético madrileno desceu à 5.ª posição, enquanto o Sevilha, que bateu o Murça por 3-0, ascendeu ao 3.º lugar.

O Real Madrid, que também derrotou o Espanhol, no recinto deste, por 4-1, continua a liderar a classificação com 27 pontos, mais dois do que o Barcelona, que é segundo.

Resultados globais da décima sexta jornada: Espanhol-Real Madrid, 1-4; Atlético de Bilbau-Celta, 2-0; Sevilha-Múrcia, 3-0; Oviedo-Logrones, 1-1; Málaga-Saragoça, 1-3; Osasuna-Gijon, 0-0; Cadiz-Valladolid, 1-1; Atlétco de Madrid-Barcelona, 1-3; Valência-Real Sociedade, 1-0 e Elche-Bétis, 0-0.

Itália:
Nápoles cede terreno

O Nápoles (de Maradona) perdeu em Roma por 1-0 e viu aumentada a sua desvantagem sobre o líder Inter de Milão que foi ao campo do Lecce vencer por 3-0 em encontro do campeonato italiano.

O Inter mantém o 1.º lugar com 20 pontos em 11 jornadas, seguido do Nápoles, agora a três pontos e da Sampdoria a cinco pontos, depois de ter empatado, sem golos, no terreno do Ac Milão, dos holandeses Rijkaard, Van Basten e Gullit.

Em Roma, o golo da vitória dos locais foi obtido pelo alemão-federal Rudi Voeller a três minutos do fim.

A Juventus venceu em casa o Torino por 1-0, n «derby» de Turim que apenas contou com a presença do português Rui Barros durante os últimos 14 minutos, quando o técnico Zoff decidiu tirá-lo do «banco» para entrar para o lugar do soviético Zavarov.

Atletismo

PORTUGUESES COM PÉ LIGEIRO NAS CORRIDAS DE S. SILVESTRE

- *Domingos e Albertina Machado bisam na Amadora*
- *Aurora e Albertina Dias vencem lá fora*
- *Canário foi 2.º em Itália*

O equatoriano **Rolando Vera** e a portuguesa **Aurora Cunha** foram os vencedores da 64.ª corrida de S. Silvestre, disputada sábado à noite na capital paulista.

Vera, de 23 anos, 51 quilos e 1.59 metros de altura, venceu a prova pela terceira vez consecutiva e voltou a bater o mexicano Dionisio ceron, 2.º classificado a 21 segundos. Na edição de 1987 fora também o segundo a cortar a meta.

Na corrida feminina, a atleta portuguesa Aurora Cunha venceu sem problemas, cortando a meta com mais de um minuto de vantagem da 2.ª classificada, a inglesa Wendy Sly.

Aurora Cunha, de 29 anos, que foi 7.ª classificada na S. Silvestre de 1980, foi a atleta mais aplaudida ao longo de todo o percurso de 12,6 quilómetros.

Participaram na corrida mais de 10 000 concorrentes, entre os quais algumas celebridades brasileiras e políticos, estes em homenagem ao líder ecologista Francisco Mendes, assassinado na Amazónia há cerca de duas semanas.

Dois dos grandes favoritos, os quenianos Peter Koech e Ibrahim Hussein, vencedor da maratona de Boston, não conseguiram um lugar entre os dez primeiros classificados.

Classificação, homens: 1.º, Rolando Vera (Equador), 36.24,77 minutos; 2.º, Dionísio Ceron (México), 36.46,42; 3.º, Adauto Domingues (Brasil), 37.12,63; 4.º, Arthur Freitas Castro (Brasil), 37.14,68; 5.º, Omar Aguillar (Chile), 37.23,68; 6.º, Francisco Pacheco (México), 37.27,64; 7.º, Damião Maciel Silva (Brasil), 37.32,82; 8.º, Geraldo Francisco Assis (Brasil), 37.33,87; 9.º, Múcio D. Capanema (Brasil), 37.37,39; e 10.º, Juan Pablo Juarez (Argentina), 37.39,78.

Tina, São e Rosa: domínio nortenho na Amadora

Mulheres: 1.ª, Aurora Cunha (Portugal), 42,12 minutos; **2.ª**, Wendy Sly (Inglaterra), 43,28; **3.ª**, Carmen Souza (Brasil), 43,41; **4.ª**, Angélica Almeida (Brasil), 43,49; **5.ª**, Wanda Panfill (Polónia), 44,29; **6.ª**, Martha Tenório (Equador), 44,36; **7.ª**, Maria Trujillo (México), 44,48; **8.ª**, Teresa Paular (Equador), 45,27; **9.ª**, Risoneide Wanderlei (Brasil), 45,30; e **10.ª**, Sandra Ruales (Equador), 45,38.

Amadora:
Domingos e Albertina repetem triunfo

Domingos Castro, do Sporting, triunfou na XIV edição da corrida de S. Silvestre da Amadora, com o tempo de 22.26 minutos para 8500 metros do percurso.

No sector feminino a vitória foi para **Albertina Machado,** do Sporting de Braga (25.54 minutos) com a campeã olímpica e mundial da maratona, Rosa Mota, na 2.ª posição, com mais seis segundos (26.00).

Atletas do Sporting conquistaram os três primeiros lugares do sector masculino desta edição da mais popular corrida de S. Silvestre de Portugal, classificando-se Dionísio Castro no 2.º posto, com 22.30 minutos, e Fernando Couto no 3.º, com 22.37 minutos.

Henrique Crisóstomo, do Benfica, foi 4.º com 22.40 minutos, e António Pinto do mesmo clube, cortou a meta em 5.º lugar, com 22.43 minutos.

O 3.º lugar da corrida feminina foi para Conceição Ferreira, também do Sporting de Braga, cronometrada com 26.51 minutos.

No final da sua prova Domingos Castro teve de receber assistência médica no posto dos bombeiros locais, devido a uma quebra de tensão.

Luanda:
Albertina Dias confirma «alto nível»

Albertina Dias venceu a S. Silvestre de Luanda, designada de «Demosthenes de Almeida», com o tempo de 29,34 minutos para os 9800 metros do percurso.

Na corrida masculina o vencedor foi o etíope **Feyessa Melesse,** que estabeleceu novo recorde da prova com 25,29 minutos. O anterior recorde pertencia ao português Manuel Matias com 25,43 minutos.

Na 2.ª posição ficou o português **Juvenal Ribeiro,** com 26 minutos, seguido do angolano Pedro Luciano, com 26,09 minutos.

Nas posições imediatas ficaram Diosdado Martin (Cuba) com 26,21, Bigboy Goromonssi (Zimbabwe) 26,37 e Wilson Teleso (Botswaua) com 26,39.

No escalão femininbo Albertina Dias venceu destacada, cobrindo o percurso em 29,34 minutos, seguida da italiana Alessandra Oliveira com 32,29 e da angolana Maria Tomás, da Huíla, com 33,48.

Bolzano:
Canário no pódio

Ezequiel Canário, do Imortal de Albufeira, classificou-se em 2.º lugar na corrida de Bolzano, ganha pelo italiano Salvatore Antibo.

A prova, possui dez quilómetros de extensão que o vencedor Antibo percorreu no tempo de 28.33,07 minutos e Ezequiel Canário em 28.50,08 minutos, com o atleta português a acusar a grande velocidade imposta logo no início.

Na 3.ª posição classificou-se o alemão-federal Martin Gruening com o tempo de 28.56,00 minutos.

A prova feminina, com cinco quilómetros, foi ganha pela italiana Maria Curatolo com o tempo de 15:53,06 minutos.

Hoilles: Matias no 7.º posto

Manuel Matias, do Benfica, classificou-se no 7.º lugar da XVII Corrida de Houilles (França), que foi ganha pelo marroquino Khali Skah, num percurso de 9,6 km. A classificação final: 1.º, Khalid Skah (MAR), 26.35; 2.º, Jean-Louis Prianon (FRA), 26.41; 3.º, Mohamad Ezzher (FRA), 26.42; 4.º, Harmou Routayeb (MAR), 26.46; 5.º, Marti Tenkate (P.B), 26.47; 7.º, Pter Doenens (BEL), 27.19; 7.º, Manuel Matias (POR), 27.23.

Rali Paris-Dakar

ICKX/Vatanen: coligação bem firmada

O francês Raymondis, em Range Rover, surpreendeu os especialistas do Rali Paris-Dacar ao vencer a 3.ª etapa disputada entre Sabha e Tumu, na distância de 620 quilómetros.

Outra das surpresas aconteceu na disciplina de motos, com o espanhol Carlos Mas a perder a liderança, ao cortar a meta na 21.º posição, deixando o 1.º lugar na geral para o francês Peterhansel.

Em carros, o finlandês Ari Vatanen foi 2.º, mas o belga Jackie Ickx manteve a primeira posição na geral ao chegar a Tumu na 4.ª posição com o mesmo tempo do vencedor, pelo que foram cronometrados com o tempo de zero.

O finlandês **Ari Vatanen** venceu a quarta etapa entre Toummo, na fronteira da Lfbia, e Dirkou, no Níger, na distância de 577 km.

O belga **Jacky Ickx** companheiro de Vatanen na equipa da «Peugeot», cortou a meta em 2.º lugar, mas continua na liderança da classificação geral da prova.

Na etapa de hoje os concorrentes tiveram de enfrentar ventos bastante fortes e devido a dificuldades de abastecimento a etapa foi anulada na variante de motos.

Um camião de combustível, que deveria encontrar-se estacionado a 150 km de Dirkou, faltou ao encontro com os motociclistas concorrentes, o que obrigou à anulação da etapa.

A decisão do júri provocou a ira do francês Cyril, Neveu, que liderava na altura a corrida de motos, bem à frente dos italianos Franco Pico e Edi Orioli.

Classificações

Após a 4.ª etapa a classificação geral dos cinco primeiros ficou assim ordenada:

Carros; 1.º Jacky Ickx / Christian Tarin (Bélgica / «Peugeot»), 3.56,27 horas; **2.º Ari Vatanen / Bruno Berglund** (Finlândia / «Peugeot»), a 06.00; **3.º Patrick Zaniroli / Jean Marc Andrie** (França / «Range Rover»), a 1.51,50; **4.º Henri Pescarolo / Patrick Fourtico** (França / «Land Rover»), a 1.54,22 e **5.º Patrick Tambay / Dominique Lemoyne** (França / «Mitsubishi»), a 2.11,00.

Motos (a mesma do dia anterior, uma vez que a 4.ª etapa foi anulada nesta variante): **1.º Stephane Peterhansel** (França / «Yamaha»), 11.22,47 horas; **2.º Gilles Lalay** (França / «Honda»), a 01.46; **3.º Franco Picco** «Itália / «Yamaha»), a 09.36; **4.º Cyril Neveu** (França / «Yamaha»), a 10.25 e **5.º Carlos Mas** (Espanha / «Yamaha»), 27.23.

HÁ 20 ANOS

Um futuro melhor
no ano que entra
- confia o PR

«Novo ano surgiu no calendário actual da vida da humanidade e mais uma vez ainda, no seu primeiro dia, eu cumpro o dever, que me é gratíssimo, de dirigir uma mensagem a todos os portugueses espalhados pelo Mundo. Mensagem em que lhes comunico o meu pensamento e a minha simpatia, que naturalmente reflecte as tristezas do ano que passou e procura animar-se com as esperanças que o futuro que o futuro tem sempre e felizmente o condão de criar, mesmo nos espíritos mais desalentados pelas desgraças, pelas injustiças e pelas desilusões» - estas as palavras do Presidente da República, na sua mensagem de Ano Novo, dirigida a todos os portugueses.

Brasil: evitada
a guerra
civil

O Presidente do Brasil, Artur da Costa e Silva, disse ao povo brasileiro que assumiu poderes excepcionais para salvar o país de uma situação que o levaria à guerra civil. Numa mensagem dirigida à Nação na véspera do Ano Novo através da Rádio e da Televisão, o marechal, que conta 66 anos, declarou: «Não tínhamos outra alternativa.» Um novo acto institucional proclamado no dia 13 não foi apenas a melhor solução, mas a única, afirmou o Presidente.

António Sérgio

No Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa continua internado o dr. António Sérgio que experimentou algumas melhoras, embora o seu estado não tenha deixado de inspirar cuidados. Muitas foram as pessoas que nos dois últimos dias ali foram informar-se da evolução da doença do grande pensador e democrata, antigo ministro da República.

EFEMÉRIDES

1932 É proclamada a República da Manchuria.

1933 Iniciam-se as sublevações de anarquistas e sindicalistas em Barcelona.

1937 É assinado o acordo anglo-italiano sobre o Mediterrâneo.

1942 Os japoneses capturam Manila no decurso da Segunda Guerra Mundial.
- A designação «Nações Unidas» é utilizada pela primeira vez num documento oficial.

1943 As forças alemãs iniciam a retirada do Caucaso.

1955 Morre o generral Norton de Matos, administrador ultramarino e fundador da cidade de Nova Lisboa em Angola.

1959 A União Soviética lança o foguete «Lunik», o primeiro dirigido para a Lua.

1965 Ayub Khan vence as eleições presidenciais no Paquistão.

1975 Morre, em Évora, o escritor Hernani Cidade.

1976 A União Soviética endurece a sua posição sobre a emigração, apesar de ter assinado os acordos de Helsinquia, que previam uma maior liberdade de pessoas e ideias na Europa.

1978 Na Espanha, o Governo aprova o regime autonomo do País Basco.

1979 O Xá do Irão constitui um Governo civil, numa última tentativa para fazer abortar a revolução iraniana.

1980 O presidente Ramalho Eanes visita os Açores para avaliar a extensão dos prejuizos causados pelo sismo de 1 de Janeiro na Ilha Terceira, Graciosa e São Jorge.
- O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, inicia conversações com as autoridades iranianas com vista à libertação dos presos norte-americanos.

1981 Seis cubanos, a quem os Estados Unidos recusaram o Estatuto de refugiados pedem asilo político a Portugal.
- James Carter, presidente dos Estados Unidos, decide prolongar por mais dois meses o embargo da venda de cereais à União Soviética.

1983 O presidente francês, François Mitterrand, afirma que o seu país não reduzira o número dos misseis nucleares e considera que as conversações EUA-URSS constituem um assunto que não nos diz respeito».

1984 O novo dirigente nigeriano, general Mohammed Buhari, convoca uma reunião do novo Conselho Militar Supremo, que substitui o Governo civil derrubado no golpe de Estado.

1986 O ministro das Finanças explica, na televisão, as razões que levaram à introdução do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), em vigor desde a véspera.

EM PORTUGAL

	Lisb	Min	Max	Asp
Bragança ..	-5	-5		P nub
V. Castelo	-2	-2	0.0	Neblina
Vila Real	-4	-4	0.0	Nevoeiro
Porto	2	2	0.0	Limpo
Coimbra	2	2	0.0	Neblina
C. Carvoeiro ..	8	8	0.0	Limpo
C. Branco	3	2	0.0	P nub
Portalegre	9	9	0.0	P nub
Lisboa	3	3	0.0	Nevoeiro
Évora	8	6	0.0	Neblina
Beja	-	-	0.0	P nub
Faro	8	8	0.0	M nub
Sagres	-	-	0.0	P nub
P. Delgada	17	17	0.0	Aguac
Horta	17	16	0.0	M nub
Funchal	16	15	0.0	M. nub

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 13, Porto 14, Faro 16, Ponta Delgada 19, Funchal 19.

NA EUROPA

	Mín	Lisb	As 18 h
Madrid	-2	5	Limpo
Londres	7	6	Encoberto
Paris	4	4	Muito nub
Bruxelas	5	5	Neblina
Amesterdão	6	5	Neblina
Genebra	0	0	Neblina
Roma	1	1	Neblina
Oslo	-1	-1	Neblina
Copenhaga	4	4	Muito nub
Estocolmo	0	-2	Muito nub
Berlim	5	5	Neblina
Viena	2	2	Chuva
Varsovia		-	—
Atenas	8	8	Muito nub
Moscovo	-		—

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín	Máx	As 18 h
Caracas	18	23	Nublado
Joanesburgo	16	24	Nublado
Los Angeles	6	19	Nublado
Montreal	10	4	Limpo
Nova Del	6	23	Limpo
Nova Iorque	0	6	Nublado
R. de Janeiro	18	33	Nublado
S. Francisco ...	-	11	Limpo
São Paulo	19	22	Nublado
Toquio	6	12	Nublado

TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado por nuvens altas nas regiões do Centro e Sul. Vento geralmente fraco de leste e neblina ou nevoeiros em Trás-os-Montes e na Beira Alta. Mar encrespado com ondulação noroeste de uma dois metros na costa Ocidental e ondulação sueste com um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento fraco moderado a forte de sudoeste, rodando para noroeste, a partir da manhã. Períodos de chuva, passando a aguaceiros.
Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros.
Grupos Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento moderado a forte de sudoeste, rodando para noroeste, a partir da tarde. Períodos de chuva, passando a aguaceiros.
Grupo Oriental: Ceu muito nublado. Vento sul moderado. Períodos de chuva.
Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de três a quatro metros.
Na Madeira:

Céu muito nublado. Vento moderado de sueste. Aguaceiros pouco frequentes.
Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros.
Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de sueste de um a dois metros.

AMANHA

Céu limpo ou pouco nublado. Vento em geral fraco predominando do quadrante Leste. Ocorrência de geada, em especial nas regioes do Interior e neblina ou nevoeiro nos vales e terras baixas.

DEPOIS

Regiões do Norte: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal. Formação de geada e pequena subida da temperatura minima.
Regiões do Centro e Sul: Céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de leste e formaçao de geada.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Manuel Ferreira: "Que futuro para a língua portuguesa?"

O VERBO DA NOSSA GESTA

Pedro Alvim

«Qual o futuro do português como língua literária?» -esta foi a pergunta, endereçada a alguns intelectuais, dias após o 25 de Abril, por Jacinto Prado Coelho, então director da "Colóquio/Letras". Pergunta pertinente, sem dúvida, uma vez que a descolonização seria um facto dentro de breve tempo. Seria que o português, na verdade, se esvaneceria das colónias africanas tornadas independentes...?

Num pequeno livro recentemente publicado, da autoria de Manuel Ferreira (Edições A Preto & Branco), sob o título *Que futuro para a língua portuguesa em África?*, aquela interrogação de Jacinto Prado Coelho é tomada em devida conta por um intelectual que, desde há muito, se familiarizou com a problamática literária e cultural das terras africanas em que nos mantivemos durante muito e muito tempo.

Ora, sabedor do assunto em questão, Manuel Ferreira escreve, aludindo a contrariadas previsões de prestigiados sociolinguistas:

«Porque sendo a língua portuguesa, para a generalidade das populações libertadas, a língua do colono, a língua estrangeira, a sua utilização não era fácil e, por outro lado, não poucos eram os da opinião que ela constituía o meio de comunicação não inteiramente afeiçoado à expressão clara do pensamento africano. Daí que logo após a independência nacional, quando os quatro partidos da Revolução - o MPLA, a Frelimo, o PAIGC, o MLSTP - deliberaram tornar a língua portuguesa língua oficial, muitos se interrogaram e o espanto deuse, inclusivamente, fora das fronteiras africanas. O caso, por exemplo, do prof. Tavani, crítico e sociolinguista italiano, que num importante ensaio, intitulado "Problemas da expressão linguístico-literária nos países africanos de independência recente", punha em causa a pertinência, científica e ideológica, de uma eventual decisão no sentido de se conferir à língua portuguesa um estatuto privilegiado. Aduzindo razões de ordem cultural, política e linguística, tudo parecia estar certíssimo nas palavras do prof. Taviani. Mas...»

Mas tal previsão, no entanto, não veio a verificar-se. Fugindo agora ao livro a que nos estamos a referir, não é sem um certo orgulho, e uma subida satisfação, que nos vamos dando conta de que a classe política, quadros, intelectuais, etc., se entendem em português com as mais altas autoridades e individualidades daqueles longínquos países. Não raro, no "écran" da nossa Televisão, surge um diplomata africano (e não só), expressando-se na língua que há séculos transplantámos para essas regiões, por itinerários diversos e intenções várias. Terminado que foi o período da ocupação, ficou em África o nosso verbo, na contingência de sofrer (tal como aconteceu no Brasil) uma evolução e um enriquecimento posteriores. Este, em suma, o nosso triunfo - um triunfo grande, uma vez que assenta no campo intelectual e moral. Mais ainda: nesses países africanos de expressão oficial portuguesa, muitos são os escritores (ficcionistas, ensaístas e poetas) que utilizam o Português como material com que modelam as suas criações e dissertações. No entanto...

No entanto, e tem vindo noticiado nos jornais, países há (como, por exemplo, a França) que se vão introduzindo em culturas nossas, através das suas línguas próprias. Se não estamos em erro, é o caso da Guiné-Bissau por influência, sem dúvida, da Guiné-Connacry. Se há 500 anos executámos um gesto de largo voo, bom seria que nenhuma indiferença, nenhum descuido, nenhuma burocracia - viesse agora impedir o nosso espírito de se expandir, através do verbo da língua portuguesa, no seio de povos com quem conjuntamente convivemos. Seremos capazes de tal proeza...? Como disse Pessoa, «tudo vale a pena se a alma não é pequena» - e também (agora parafrasendo o poeta) «a nossa Pátria é a língua portuguesa». Não se trata, não, de uma nova colonização, pois que teremos de respeitar as línguas e dialectos desses países de além-mar - mas trata-se, isso sim, de uma fraternidade verbal em que avultam palavras com as quais, ao longo dos tempos, sempre expressamos os nossos mais lídimos e profundos sentimentos...

O livro de Manuel Ferreira, científico na sua estrutura, aborda a questão com outro peso e medida. Daí, por consequência, irmos fechar esta nota de leitura com palavras, finais, do próprio autor: «Língua que veicula literaturas de cinco países africanos e cujos textos muitos deles têm alcançado traduções em livro próprio ou então em antologias de várias línguas espanhol, italiano, inglês, alemão, filandês, polaco, sueco, romeno, búlgaro, jugoslavo, norueguês, árabe, vietnamita, holandês, ucraniano, lituniano, etc., e que, pela importância que adquirem como facto não só literário, mas também cultural, antropológico, etc., interferem, profundamente, na marca de prestígio e funcionalidade que que a língua portuguesa vem adquirindo nesses países africanos que 'adoptaram a língua portuguesa como língua oficial, por ser aquela que se apresentava com maior operacionalidade a partir do momento histórico em que foi desencadeada a luta armada.» Armas, enfim, que deram verbo para sempre.

Morreu o escultor Isamu Noguchi

O escultor norte-americano de origem japonesa Isamu Noguchi, pioneiro do uso da forma orgânica simples, morreu de ataque cardíaco, aos 84 anos.

Noguchi, que residia actualmente na zona de Manhattan, faleceu na passada sexta-feira, no centro médico da Universidade de Nova Iorque.

Em 1985, Noguchi tornou-se no primeiro escultor vivo, desde Rodin, a ter um museu dedicado à sua obra. Esse museu, na zona de Queens, inclui cerca de 250 esculturas, modelos, desenhos e fotografias.

Noguchi, que nasceu em Los Angeles, foi para Paris nos anos 20, onde estudou com Constantin Brancusi. Nos anos 30, começou a explorar o que viria a ser a paixão da sua vida: a integração da escultura no ambiente e na sociedade contemporânea.

As esculturas de jardim, em pedra, de Isamu Noguchi, são exemplo do uso que ele fazia da forma orgânica simples.

Em 1958, o escultor criou um jardim para a Unesco em Paris e em 1969 entrou para o Museu de Arte Moderna de Tóquio.

Noguchi tornou-se famoso por ser um dos primeiros artistas a integrar-se na sociedade de consumo, desenhando e produzindo artigos e acessórios domésticos para venda a retalho.

Yuri Daniel morre na URSS aos 63 anos

O escritor dissidente soviético Yuli Daniel, que esteve preso durante cinco anos pelas suas posições anti-estalinistas, sucumbiu sexta-feira à noite com a idade de 63 anos.

Daniel e o seu colega escritor Andrei Sinyavsky, foram detidos em 1965 e julgados no ano seguinte pela publicação de obras no estrangeiro.

Daniel foi condenado a cinco anos num campo de trabalho enquanto o seu colega cumpria uma sentença de sete anos.

Usando o pseudónimo de Nokolai Arzhak, Daniel publicou uma série de trexos satíricos, incluindo uma história intitulada "Aqui Moscovo", em que criticava a repressão do regime de Estaline.

Daniel viu cinco dos seus poemas serem este ano publicados na União Soviética, abrindo perspectivas a uma reabilitação da sua imagem. O escritor soviético trabalhava actualmente como tradutor.

Montand pai aos 67 anos

O actor e cantor francês Yves Montand, de 67 anos, foi pai no último dia de 1988. A companheira do actor, Carole, deu à luz em Nice, na clínica de S. Jorge, um rapaz com 4,2 quilos.

Segundo as informações prestadas pela direcção da clínica, "tanto a mãe como o filho se encontram bem".

Bibi Ferreira estreia "Piaf" esta semana, no Casino Estoril

UMA CANTA, A OUTRA TAMBÉM

Maria José Brito Marques

Fotos de Rui Vasco

Há muitos anos que é actriz. Chama-se Bibi Ferreira. É criadora de personagens, inesquecíveis, como: "Joana" de "A Gota d'Água", "Mirandolina" da "Estalajadeira" ou "Piaf". A Portugal traz a sua última criação baseada na vida da cantora francesa. Prevê-se a sua estreia, para esta semana, no Casino do Estoril.
É um vulcão de energia. Uma força da Natureza. Tem o peso genial do talento. Comove quando fala da sua vida, amores, desamores e do teatro.
Agradece-se, o simples facto de, esta brasileira, existir.

Quando falei com Bibi Ferreira a primeira vez, encontrei-a nervosa e irrascível. Tem um espectáculo, "nas unhas", para estrear dentro de dias. A supervisão de "Piaf" está a seu cargo e a responsabilidade é muito grande. É um regresso aos palcos portugueses, muitos anos depois, com uma montagem complicada. Combinámos encontrar-nos no dia seguinte.

É uma outra pessoa que está à minha frente. Paciente, sorridente e, fundamentalmente, envolvente. Proponho-lhe a cumplicidade dum jogo. Aceita com o que de infantil e lúdico o actor tem.

Assim, entrevisto, simultaneamente, a actriz e o seu personagem. Pequenina, ouço Bibi Ferreira e Edit Piaf.

Bibi e Piaf em comum o profissionalismo

O que tem, Bibi Ferreira, em comum com Edit Piaf?

« Piaf demonstrava ser uma pessoa profissional. Muito profissional. Exigente no trabalho, talvez até, doentiamente, exigente. Eu, também, sou. Principalmente, quando gosto do espectáculo, da peça ou do personagem. Sou muito ciosa daquilo que estou fazendo. Acho que tenho esse ponto em comum, o profissionalismo. E, talvez, você não acredite, agora, porque eu estou com um casaco de vison, que é para usar na peça, mas, eu, na maior parte das vezes, estou sempre mal arrumada. Não sou uma pessoa vaidosa fisicamente. Lamento, deveria ser um pouquinho mais. Este ponto, também, sinto afim com a cantora. Quanto a outras coisas não. Eu gosto muito da minha casa fisicamente, como um gato. Não creio que Edit gostasse muito. Embora, às vezes, a minha casa seja um hotel. Mas, mesmo assim, onde eu tenho o meu quartel-general que pode ser durante algum tempo em São Paulo, ou no Rio, eu faço do meu canto uma coisa onde eu vivo, ali dentro, como se fosse o meu grande castelo. A minha grande mansão com filhos, netos, o que tiver e possa arrebanhar para o pé de mim. Não conhecidos ou amigos. Não sou muito de gente que não é bem da minha grande intimidade. Não gosto de vida social, em absoluto. Nisso eu tenho outro ponto em comum com Piaf.»

Bibi o que significa para si a família?

« A família para mim é a verdade do aconchego. É o fim do dia. A família para mim é muito, muito, importante. Eu não posso conceber a minha vida sem minha filha, os meus netos, sem meu genro que eu adoro como se fosse meu filho. Família é muito importante para mim.»

E, a Edit, o que pensa da família?

« Minha mãe me abandonou quando eu era pequenina. Meu pai não sei quem é. Bah! Família cada um tem a que tem. E, eu não tenho. Minha família é a minha canção. Essa é minha família: as minhas canções.»

A Bibi veio, agora, a Portugal, para apresentar a peça "Piaf". Porquê aqui no Casino do Estoril?

« Um empresário foi ao Brasil e me convidou a vir aqui. Ele é que interessou o Casino do Estoril. Uma vez que estavam passando aqui, também, uma peça com brasileiros. Ele quis trazer para cá uma peça que tinha sido um sucesso no Brasil. Trouxeram-me como actriz convidada. Mas, com elenco, técnicos e músicos portugueses.»

Edit Piaf, já, esteve no Casino do Estoril?

« Não. Eu recebi uma proposta do Casino do Estoril. Estou com data marcada para estrear este ano»

(Chico Duarte foi quem fez o contrato. Piaf não chegou a fazer essa estreia, porque veio a falecer, antes dessa data. Mas o empresário convidou Théo Sarapo para vir, nesse mesmo dia ao Casino. E, ele esgotou a sala.)

Bibi alguma vez assistiu a um espectáculo de Edit Piaf?

« Nunca.»

Edit, alguma vez viu representar Bibi Ferreira?

«Non, jamais.»

E conhece-a?

« Creio que conheço o pai, Procópio Ferreira.»

A Bibi estreia-se, quase, por acidente no Teatro.

« É. De facto, não sei se eu teria seguido teatro, se meu pai não me tivesse estreado, profissionalmente. Eu não sei se teria sido actriz.»

Alguma vez lhe apeteceu ter outra profissão?

«Não.»

E a si, Edit, alguma vez lhe apeteceu ter outra profissão, ou fazer outra coisa que não fosse cantar?

« Eu não sabia que cantar é uma profissão.»

O que é que significa para a Bibi Ferreira o teatro?

« Para mim não é nenhuma paixão. Mesmo porque eu não gosto de paixões. Eu já tive, mas não gosto. Pôr o Teatro como uma única paixão é você esquecer todo o resto das coisas do mundo. Eu vejo o teatro como uma coisa muito simples.

Bibi ensaia as canções de Piaf

Quanto mais simples ele for mais belo ele é. Mais teatro ele é. Eu vejo o teatro como uma arte colectiva. Eu vejo o teatro como um violino, lá ao fundo, tocando no meio duma grande orquestra sem, jamais, receber uma ovação individual. O actor é, simplesmente, o actor. Não é um astro. E esta coisa de pertencer a uma profissão dura, difícil, que nada tem a ver com a grande estrutura de vida, com a vida dos actores de tela, cinema ou televisão.É porque, isto aqui, não é uma indústria. Isto aqui é um trabalho feito à mão. Não vai se repetir nunca. Isto aqui não é feito com moldes. Ele pertence ao artesão que está ali. Por isso eu acredito que o actor gosta mais do teatro do que qualquer actor de cinema ou televisão gosta do cinema ou da televisão. Porque aquele palco lhe pertence inteiramente. É o espaço dele. Não pertence a uma indústria ou ao que quer que seja. Ninguém se vai meter com você ali. Você ali está incomunicável. Ele é um animal solto. Ele é a própria liberdade de fazer Arte.»

A Bibi Ferreira conseguia viver sem o teatro?

« Ah! sim. Conseguiria. Se eencontrasse uma coisa à altura, que gostasse tanto. Faço teatro, hoje, porque é a minha profissão. Há muito tempo, ,já, que eu não saberia que fazer senão teatro. Eu perdi o tempo de me ter formado em qualquer outra coisa. Mas eu teria abandonado por um casamento. Calhou que nunca encontrei a pessoa. Teria abandonado o teatro se tivesse tido uma vida económico-financeira que me permitisse cuidar dos meus netos. Mas eu nunca tive uma estrutura assim, para me dedicar mais ao ser humano. Essa é a razão porque eu continuo a fazer teatro. Eu não sei fazer outra coisa.»

E, você, Edit, era capaz de viver sem cantar?

Bibi Ferreira: "O actor é a liberdade de fazer Arte."

« Sim. Mas eu posso cantar em qualquer lugar.»

Uma não gosta da paixão a outra é a paixão

Até hoje, Bibi, os homens que amou, os homens que a amaram, fizeram-na feliz? Entenderam-na? Foi bem amada?

«Eu tenho um defeito tão grave que acho que só um psicanalista poderia explicar o que eu agora lhe vou contar: se eu tivesse que

escrever um livro, que não escreverei jamais, porque não tenho, infelizmente, vocação nenhuma, eu não me lembraria do meu sentimento. Nem do que recebi, nem do que dei. Não gosto de tudo o que aconteceu. Não guardo boas lembranças. Não creio que seja muito bom. Mas, é assim. O que é que hei-de fazer? Sinto muito.»

E, você Edit, foi feliz com os homens que teve?

« Fui feliz enquanto estive. Fui feliz naquele momento. A felicidade vai e vem. É um momento. É aquele momento.»

A Bibi diz que não gosta da paixão. Porquê?

« A paixão não é um sentimento duradouro. E o homem gosta das coisas duradouras.»

Edit, o que pensa da paixão?

« Eu faço tudo com paixão. Não acredito na vida sem paixão.»

(Bibi Ferreira foi casada com Paulo Pontes, que escreveu de parceria com Chico Buarque a peça "A Gota d'Água". Paulo era dezoito anos

mais novo.)

Como se sente uma mulher casada com um homem mais novo, dezoito anos?

« Incomodava muito os outros. A mim, só, até eu ter tido a certeza que ele gostava de mim. Mas alguém pode lá ter certeza. Não é? Durante um frágil tempo eu tive uma certeza. Mas durou muito pouco. Porque logo, depois disso, ele veio a falecer. Não sei, se estivesse vivo, até hoje, se o amor, da parte dele, teria continuado. Acredito que não. Ele teve uma fase que estava comigo, não estava, estava, não estava. Depois teve uma fase que não queria estar. Depois voltou com muita paixão. (Paixão. Veja bem a palavra que eu usei.) Me amou muito no fim da vida dele. Nunca disse, nem me fez saber, que ia morrer. Eu sabia o que ele sentia. Fiquei com ele até o último momento. Foi, até, comovente, quando disse que me amava. Foi, até, a última coisa que ele disse. Teve uma síncope e aí morreu. Ele estava há muito tempo no hospital com muitos sedativos para a doença que tinha e morreu. Eu tenho por Paulo uma grande admiração pelo grande talento que ele foi. É uma pessoa que eu guardo na minha lembrança.»

Acha que "A Gota d'Água" foi escrita...

«Ah! Para mim redonda.»

E, para si Edit, o que é ter um relacionaminto com Théo Sarapo, tantos anos mais novo?

« É maravilhoso. Ter uma pessoa como este meu marido, porque é um grande amigo. Vou dizer-lhe uma coisa, eu acredito em Deus. Eu acredito no sobrenatural, no tem que existir alguma coisa para além da vida. E, eu acho que foi Deus que mandou para mim, neste momento que eu tanto preciso, este anjo que é Théo Sarapo. Eu acredito.»

E que a ama?

« E que me ama. Oh! sim.»

Bibi fa começar o ensaio, do seu espectáculo, com a presença de Edit Piaf. Tinha acabado o meu tempo. E eu estava cheia da presença de Bibi. Da força de Bibi. Comovi-me com a forma com que falou de Paulo Pontes, autor que, também eu, admiro com paixão. Orgulheime de como respeita o trabalho dos actores portugueses que considera com um bom nível de técnica teatral. Senti que tinha estado à frente mais do que de uma actriz, de uma mulher corajosa, animal e talentosa. Sentì o quão bom é ser mulher de corpo inteiro.

Na memória:

« A gente sofre muito. Se pudéssemos levar a vida sabendo que a qualquer minuto podemos desaparecer, eu acho que éramos muito mais felizes. »

Agora vamos vê-la transformar-se em Edit Piaf, aplaudir o seu talento e ter o privilégio de guardar na memória uma das criações de Bibi Ferreira.

João Aguardela

Bares, dis

REV

A passag esperança. Ac mudar. Os s realizados. É passou a ser u viveram.

Havia várias quem quis c passagem de casa. Tudo bolsa de cada

Uns...

No Bairro A começámos a gem, alguns b fechados deix "habitués", qu feito ponto de

fãos e um pou rendo o risco meia-noite na

No "Alcântara

João Aguardela, dos "Sitiados", começou o ano, como gosta, a fazer música.

No "Eldorado", à meia- noite, cumpria-se a praxe e estoirava o espumante.

Bares, discotecas e Rock Rendez Vous

REVEILLON DE COPO NA MÃO

Maria Jose Belo Marques

Fotos de Rui Vasco

A passagem de ano é sempre o renovar de uma esperança. Acredita-se que, por artes mágicas, tudo vai mudar. Os sonhos inconfessáveis vão, finalmente, ser realizados. É por isso que se faz a festa e, o "réveillon" passou a ser um hábito. Fomos ver como alguns o viveram.

Havia várias opções para quem quis comemorar a passagem de ano fora de casa. Tudo dependia da bolsa de cada um.

Uns...

No Bairro Alto, por onde começámos a nossa viagem, alguns bares estavam fechados deixando alguns "habitués", que aí tinham feito ponto de encontro, orfãos e um pouco à toa correndo o risco de passar a meia-noite na rua.

Dos bares abertos escolhemos, em primeiro lugar, o "Eldorado". Com uma clientela, maioritariamente, *rockabilly*, à meia-noite abriu-se a garrafa de espumante, beijou-se os amores, abraçaram-se os amigos.

Um pouco mais *dark*, no "Oceâno", os desesperançados, aproveitaram a data permissiva para a grande bezana, para a alegria do estar vivo: « Há três anos que fazemos a passagem juntos.», ou, tão somente, lembrar os ausentes, os que escolheram outras terras para viver.

O "Rock Rendez-Vous",esse, estava à cunha. Muitos saíam em braços dado o estado de embriaguês. O programa tinha música ao vivo. Actuavam "Sitiados" e os "Agora Colora" (bandas que conquistaram, respectivamente, o segundo e terceiro lugar, no 5º Concurso de Música Moderna, do RRV). O que permitiu, a quem faz da música modo de vida, começar o ano a fazer o que mais gosta.

O ambiente era festivo. E o RRV parecia ter renascido e reviver os tempos de enchente que era seu apanágio.

... E outros

Na tentativa de ver a maior parte de ambientes, possível, numa corrida desenfreada, utilizámos como meio de transporte o táxi. Tendo a possibilidade de contactar com um motorista, particularmente, interessante. Não tinha gosto nenhum na profissão, a não ser a necessidade económica. A sua mente ainda se encontrava no tempo em que era livre e percorria as estradas com um camião TIR. Acha que o aspecto das pessoas não tem nada a ver com o seu carácter ou modos. Gosta da juventude e acredita na capacidade do homem transformar a vida.

Chegámos a sítios mais sofisticados e "caros". Aproveitou-se e viu-se a nova discoteca "Kremlin", muito ao gosto madrileno. Ampla, permitiu um ambiente agradável aos, não muitos, que aí acorreram.Simpática a idéia dos cestos no bar com bolas de Berlim, ou, como na primeira madrugada de 1989, empadas de galinha e folhados de salsicha. Tanto mais quanto nos outros sítios se tinham esquecido que, a partir de uma certa hora, a fome começa a apertar.

Houve quem preferisse começar o ano "na moda".

No "Alcântara Mar" o ambiente era mais luxuoso, permitindo o desfile de gente da moda e colunáveis de nova geração.

Com mais ou menos consciência, mais ou menos alienados, a vontade de uma noite, se não diferente, pelo menos alegre era o motivo de congregação de vários estilos, mentalidades e filosofias de vida.

Uma esperança renovada ou um tédio readquirido até uma outra passagem de ano que, forçosamente, terá a busca de uma noite diferente.

No "Alcântara Mar" o ambiente era de pose.

O "Rock Rendez-Vous" viveu uma noite de enchente

Audição final do Curso organizado pelo Sindicato dos Músicos

FAZER MÚSICA COMO QUEM RESPIRA

CRÍTICA

Mário Vieira de Carvalho

Cerca de trinta jovens participantes do Curso de Instrumentistas organizado pelo Sindicato dos Músicos com o apoio do Fundo Social Europeu proporcionaram a si próprios e à escassa assistência presente, na Audição Final realizada no salão de festas da "Voz do Operário", um dos momentos de maior plenitude musical que alguma vez me foi dado presenciar.

Só quem tivesse uma noção estereotipada do que é "boa música" poderia descrer deste meu entusiasmo, imaginando que tais momentos raros não são possíveis senão com grandes orquestras, grandes solistas, nomes consagrados da indústria da cultura. Mas não: muito antes do surto de uma cultura musical europeia aferida por "enlatados" em disco, "cassette" ou compacto, muito antes mesmo do desenvolvimento de um comércio internacional de artistas ou conjuntos de nomeada em permanente "tournée", já se fazia, decerto, excelente música na Europa, assim como continua a fazer-se, hoje, excelente música fora do circuito organizado do "consumo". De resto, a música foi sempre, pela sua essência — e continua a sê-lo em numerosas manifestações que fogem ao paradigma da chamada tradição erudita europeia — a comunicação/participação irrepetível que nasce e se esgota no próprio momento em que se concretiza. Leia-se, por exemplo, o texto clássico de Walter Benjamim ("A obra de arte na era da sua reprodução mecânica"), onde se fala nomedamente da "aura" que se perde numa obra quando se passa da sua observação ou vivência directa para a sua reprodução. Aqui, o ponto de partida ainda continua a ser a noção de "obra de arte", algo de fechado e auto-suficiente, algo de materializado num objecto que se destina em si mesmo a ser fruído — objecto visual, objecto sonoro —, isto é, exclui-se aparentemente da análise toda uma vastíssima e diferenciadíssima área da experiência artística (no nosso caso, musical) que não cabe nos limites espácio-temporais dessa noção. Em que consiste, porém, o percurso da música europeia deste século senão precisamente na tendência à dissolução ou à subversão de um conceito de "obra" que se instalara firmemente por volta de 1800, a par da elaboração da ideia de "música absoluta" e do culminar duma evolução que levara do máximo ao mínimo de funcionalidade, do mínimo ao máximo de autonomia estética? O conceito de "obra aberta" teorizado por Umberto Eco nos anos sessenta não tem uma das suas fontes directas na "Klavierstück nr. 11" (Peça para piano nº 11) de Stockhausen?

O espírito da improvisação e Debussy

Embora previamente congeminada e escrita pelo compositor, esta obra era por natureza imprevisível quanto ao resultado sonoro final obtido por diferentes intérpretes ou pelo mesmo intérprete em diferentes momentos. O "programa genético" estava lá, contemplando todas as variáveis ou, como então se preferia dizer, todos os "parâmetros". Mas o "ser" que nascia, crescia e morria de cada vez que esse programa dava origem a uma vida sonora era sempre "tão diferente" e "tão igual" no seu carácter e até na sua longevidade quanto podem sê-lo os seres humanos. Embora essencialmente através da introdução do factor acaso (daí o ter-se-lhe chamado "música aleatória"), já então se transferia do compositor para o executante um papel central na criação da obra. Daí à improvisação colectiva, uma das tendências principais dos anos setenta, foi apenas um passo.

O espírito da improvisação era, porém, e é um traço comum a todas as culturas musicais conhecidas, europeias e extra-europeias. O que parecia ser a culminância da irreverência iconoclasta de uma "vanguarda" de compositores europeus não passava senão, afinal, no "modus faciendi", da reconciliação da tradição erudita europeia com as tradições populares e da cultura europeia com as culturas extra-europeias. A música deixava de ser o artefacto fabricado à mesa de trabalho, caligrafado num papel, e só depois executado (processo inventado na Europa na época das catedrais e do surto da mão de obra artesanal), para voltar a ser acto de criação sonora de quem canta ou tange os instrumentos.

No fundo, cumpria-se só então o desígnio de Debussy — o desígnio de um Debussy fascinado com o gamelão javanês que ouviu na Exposição de Paris de 1889. Numa extrapolação um tanto ingénua, na medida em que parecia excluir um processo de aprendizagem dos músicos indonésios, Debussy propugnava polemicamente o encerramento dos Conservatórios, apelava para a Natureza como única mestra dos artistas, defendia uma música como aquela, feita "como quem respira".

De qualquer modo, "fazer música como quem respira" definia e define bem o espírito da improvisação e foi isso o que Jorge Peixinho conseguiu incutir nos jovens músicos que com ele trabalharam ao longo deste curso. Se Álvaro Salazar os exercitou na análise, na precisão e no domínio da sonoridade, como ficou patente na execução dos "Tientos" de Aracil, se Olga Prats contribuiu, com a sua orientação, para o êxito músico-teatral da intervenção de Maria Luísa Brandão (canto) acompanhada ao piano por outro talentoso jovem músico (Afonso nhou-se do uníssono, do "pianissimo" e do afastamento máximo no espaço para um aumento gradual da entropia até se atingirem momentos de extrema complexidade em todas as variáveis e na sua articulação colectiva. O entendimento, a comunicação, a capacidade de reacção ou de resposta, a afirmação da liberdade/criatividade individual em plena comparticipação com o todo, a subtileza na criação e modificação de atmosferas, o jogo entre vectores opostos (continuidade, descontinuidade; densidade, rarefacção; homogeneidade, diferenciação, etc.) lá estavam como aquisições subjacentes, como aproveitamento das aulas com Peixinho. Mas, o que me surpreendeu, o que surpreendeu os presentes que não era suposto participarem na "performance" mas se sentiam quase impelidos a fazê-lo foi a vivência/convivência musical admirável dos músicos entre si e com o público, numa palavra, a música realmente admirável em que tudo isso resultou.

Alguém comentou a seguir que bastava agora a Jorge Peixinho passar ao papel o que aconteceu para termos uma obra — decerto, uma obra-prima. Mas, porque não guardarmos simplesmente na memória aquela música como experiência única que realmente foi e que nunca mais poderá ser reproduzida e comunicada — nem mesmo se, por hipótese, bem registada em fita magnética?

Em suma: nem sempre a melhor música se contém nos discos compactos, nas salas de prestígio, nas obras e nos intérpretes de nomeada. A melhor música pode, muitas vezes, estar, e está, fora do sistema montado para a consumir, precisamente porque o sistema tende a reificá-la, a transformá-la em acto de compra e venda no quadro de uma rotina mundana.

Onde está a melhor música?

O seu projecto colectivo de composição-improvisação, agenciou todos ou quase todos os instrumentistas que participaram no curso: além dos já referidos, Maria Manuela Costa (flauta), Marilyn Brito (violino), José Carlos Rosa (violoncelo), Jorge Carreiro (contrabaixo), Ana Sofia Sequeira (guitarra), Cristina Costa (contrabaixo), Daniel Rebelo (flauta), Fernando Malão (trompete), Francisco Leal (flauta), Gonçalo Feio (contrabaixo), Helena Nunes (piano), Helena David (piano), Luís Martins (trompa), Luís Gualdino (piano), Madalena Abrunhosa (piano), Miguel Xavier (trombone, do Grupo de Metais de Setúbal), Helena Rita, Margarida Nunes (piano), Pedro Condinho, Ricardo Condinho (trompete, do Grupo de Metais de Setúbal), Rui Fragata (clarinete), Carlos Moreno (violeta), Carmen Cardeal (piano), Cristina Delgado (violino), Eduardo Teixeira (trompete), João Barroso (flauta), José Mira (contrabaixo), Luís Rolla (violino), Manuela Costa (flauta), Mário Jorge Almeida (piano), João Brito (fagote), Paula Fernandes (violino), Teresa Fernandes (violeta), Marco Paulo Ferreira (contrabaixo), Lídio Correia (percussão), Luís Filipe N. Fernandes (violão), Dora Infante (piano), Manuel Luís Cochofel (flauta). Tocando os seus respectivos instrumentos, utilizando a voz ou tocando dois pianos a seis mãos, estes jovens músicos encontravam-se distribuídos por toda a sala: a localização das fontes sonoras e a sua evolução no espaço era uma das componentes estruturais do discurso musical. A princípio predominaram as vozes, caminhou-se do uníssono, do "pianissimo" e do afastamento máximo no espaço para um aumento gradual da entropia até se atingirem momentos de extrema complexidade em todas as variáveis e na sua articulação colectiva. O entendimento, a comunicação, a capacidade de reacção ou de resposta, a afirmação da liberdade/criatividade individual em plena comparticipação com o todo, a subtileza na criação e modificação de atmosferas, o jogo entre vectores opostos (continuidade, descontinuidade; densidade, rarefacção; homogeneidade, diferenciação, etc.) lá estavam como aquisições subjacentes, como aproveitamento das aulas com Peixinho. Mas, o que me surpreendeu, o que surpreendeu os presentes que não era suposto participarem na "performance" mas se sentiam quase impelidos a fazê-lo foi a vivência/convivência musical admirável dos músicos entre si e com o público, numa palavra, a música realmente admirável em que tudo isso resultou.

Alguém comentou a seguir que bastava agora a Jorge Peixinho passar ao papel o que aconteceu para termos uma obra — decerto, uma obra-prima. Mas, porque não guardarmos simplesmente na memória aquela música como experiência única que realmente foi e que nunca mais poderá ser reproduzida e comunicada — nem mesmo se, por hipótese, bem registada em fita magnética?

Em suma: nem sempre a melhor música se contém nos discos compactos, nas salas de prestígio, nas obras e nos intérpretes de nomeada. A melhor música pode, muitas vezes, estar, e está, fora do sistema montado para a consumir, precisamente porque o sistema tende a reificá-la, a transformá-la em acto de compra e venda no quadro de uma rotina mundana.

Onde está a melhor música?

O seu projecto colectivo de composição-improvisação, agenciou todos ou quase todos os instrumentistas que participaram no curso: além dos já referidos, Maria Manuela Costa (flauta), Marilyn Brito (violino), José Carlos Rosa (violoncelo), Jorge Carreiro (contrabaixo), Ana Sofia Sequeira (guitarra), Cristina Costa (contrabaixo), Daniel Rebelo (flauta), Fernando Malão (trompete), Francisco Leal (flauta), Gonçalo Feio (contrabaixo), Helena Nunes (piano), Helena David (piano), Luís Martins (trompa), Luís Gualdino (piano), Madalena Abrunhosa (piano), Miguel Xavier (trombone, do Grupo de Metais de Setúbal), Helena Rita, Margarida Nunes (piano), Pedro Condinho, Ricardo Condinho (trompete, do Grupo de Metais de Setúbal), Rui Fragata (clarinete), Carlos Moreno (violeta), Carmen Cardeal (piano), Cristina Delgado (violino), Eduardo Teixeira (trompete), João Barroso (flauta), José Mira (contrabaixo), Luís Rolla (violino), Manuela Costa (flauta), Mário Jorge Almeida (piano), João Brito (fagote), Paula Fernandes (violino), Teresa Fernandes (violeta), Marco Paulo Ferreira (contrabaixo), Lídio Correia (percussão), Luís Filipe N. Fernandes (violão), Dora Infante (piano), Manuel Luís Cochofel (flauta). Tocando os seus respectivos instrumentos, utilizando a voz ou tocando dois pianos a seis mãos, estes jovens músicos encontravam-se distribuídos por toda a sala: a localização das fontes sonoras e a sua evolução no espaço era uma das componentes estruturais do discurso musical. A princípio predominaram as vozes, caminhou-se do uníssono, do "pianissimo" e do afastamento máximo no espaço para um aumento gradual da entropia até se atingirem momentos de extrema complexidade em todas as variáveis e na sua articulação colectiva. O entendimento, a comunicação, a capacidade de reacção ou de resposta, a afirmação da liberdade/criatividade individual em plena comparticipação com o todo, a subtileza na criação e modificação de atmosferas, o jogo entre vectores opostos (continuidade, descontinuidade; densidade, rarefacção; homogeneidade, diferenciação, etc.) lá estavam como aquisições subjacentes, como aproveitamento das aulas com Peixinho. Mas, o que me surpreendeu, o que surpreendeu os presentes que não era suposto participarem na "performance" mas se sentiam quase impelidos a fazê-lo foi a vivência/convivência musical admirável dos músicos entre si e com o público, numa palavra, a música realmente admirável em que tudo isso resultou.

Alguém comentou a seguir que bastava agora a Jorge Peixinho passar ao papel o que aconteceu para termos uma obra — decerto, uma obra-prima. Mas, porque não guardarmos simplesmente na memória aquela música como experiência única que realmente foi e que nunca mais poderá ser reproduzida e comunicada — nem mesmo se, por hipótese, bem registada em fita magnética?

Em suma: nem sempre a melhor música se contém nos discos compactos, nas salas de prestígio, nas obras e nos intérpretes de nomeada. A melhor música pode, muitas vezes, estar, e está, fora do sistema montado para a consumir, precisamente porque o sistema tende a reificá-la, a transformá-la em acto de compra e venda no quadro de uma rotina mundana.

Onde está a melhor música?

O seu projecto colectivo de composição-improvisação, agenciou todos ou quase todos os instrumentistas que participaram no curso: além dos já referidos, Maria Manuela Costa (flauta), Marilyn Brito (violino), José Carlos Rosa (violoncelo), Jorge Carreiro (contrabaixo), Ana Sofia Sequeira (guitarra), Cristina Costa (contrabaixo), Daniel Rebelo (flauta), Fernando Malão (trompete), Francisco Leal (flauta), Gonçalo Feio (contrabaixo), Helena Nunes (piano), Helena David (piano), Luís Martins (trompa), Luís Gualdino (piano), Madalena Abrunhosa (piano), Miguel Xavier (trombone, do Grupo de Metais de Setúbal), Helena Rita, Margarida Nunes (piano), Pedro Condinho, Ricardo Condinho (trompete, do Grupo de Metais de Setúbal), Rui Fragata (clarinete), Carlos Moreno (violeta), Carmen Cardeal (piano), Cristina Delgado (violino), Eduardo Teixeira (trompete), João Barroso (flauta), José Mira (contrabaixo), Luís Rolla (violino), Manuela Costa (flauta), Mário Jorge Almeida (piano), João Brito (fagote), Paula Fernandes (violino), Teresa Fernandes (violeta), Marco Paulo Ferreira (contrabaixo), Lídio Correia (percussão), Luís Filipe N. Fernandes (violão), Dora Infante (piano), Manuel Luís Cochofel (flauta). Tocando os seus respectivos instrumentos, utilizando a voz ou tocando dois pianos a seis mãos, estes jovens músicos encontravam-se distribuídos por toda a sala: a localização das fontes sonoras e a sua evolução no espaço era uma das componentes estruturais do discurso musical. A princípio predominaram as vozes, cami-

CRÍTICA DE TEATRO

Cerimónias com Arrabal

Carlos Porto

CERIMÓNIA PARA UM NEGRO ASSASSINADO, **de Arrabal.** Tradução: **António Capelo.** Encenação / Cenografia / Figurinos: **Moura Pinheiro.** Direcção musical: **José Prata.** Produção: **Ana Martins.** Interpretação: **António Capelo, Jorge Mota, Clara Nogueira e Fernando Saraiva.** TEAR. **TEARTO / 26-11-88 (23-12-88).**

«Cerimónia para um Negro Assassinado» é uma peça datada de 1956, que Arrabal viria a reescrever e de que existe uma terceira versão, de 1969. A peça teve a sua estreia em 1966 num espectáculo de um grupo independente bem conhecido, Los Goliardos, dirigido por Angel Fácio.

Entre o «non-sense» e a recuperação da infância (ou o infantilismo?), a peça parece hoje de um ritualismo ineficaz e inconvincente.

O negro assassinado é Francisco de Assis e os assassinos são Vicente e Jerónimo, dois actores à procura de um teatro impossível que começam por ensaiar duas personagens, Romeu e D. João. Vizinha deles, a jovem Lucasa grita monocordicamente que o pai morreu, o que leva à confissão de Vicente e Jerónimo como autores de outros crimes. Matar Lucasa é para eles um acto tão inocente como outro qualquer (amam-na à sua maneira), crime que se realiza através de Francisco de Assis que condenam à morte enquanto Lucasa consegue fugir.

O cadáver cheira mal. Jerónimo fica paralítico: grande actor, diz o outro, embora não consiga falar. Com o regresso de Lucasa não é a altura de representar «Otelo», enquanto a polícia bate à porta?

Por este texto passa, brevemente, uma nota «beckettiana» que as duas personagens principais (os dois amigos) exprimem: são personagens que esperam, que sentem uma realidade só deles, que jogam um jogo cujas regras só eles conhecem.

No entanto, as personagens e as situações debilitam-se para além da própria e intencional fragilidade de umas e outras. Dir-se-ia que Arrabal não conseguiu inventar para as suas personagens, e em especial para Assis e Lucasa, um jogo suficientemente forte para que esse xadrês de conflitos adquirisse a complexidade que o tornasse dramaticamente produtivo.

Esta peça de Arrabal pertence a um primeiro período da obra do dramaturgo espanhol. A cerimónia e o Exílio, que precede o Teatro Pânico. Como outras peças desse primeiro período, «Cerimónia para um Negro Assassinado» vive sobre uma linha muito ténue entre a poesia do absurdo e a prosa do grotesco. O difícil consiste em seguir essa linha.

O encenador Moura Pinheiro encontrou um excelente envolvimento cénico através de uma caixa constituída por paredes de cartão que caem: é um produtivo sinal do jogo marginal que o espectáculo representa.

Talvez não tivesse encontrado

com a mesma eficácia o perfil mais exacto das personagens. Se o trabalho de Clara Nogueira (Lucasa) parece bastante correcto e mesmo criativo, a linha naturalista da personagem parece funcionar mal, para dar um exemplo.

A encenação, parece-me, não encontrou o registo (delirante?) que o texto pedia ou exigia. Na linha que foi a opção (possível?) do encenador o trabalho dos intérpretes situa-se a um nível aceitável na sua homogeneidade, com destaque para António Capelo (Vicente), com Jorge Mota (Jerónimo) e Paulo Saraiva (Assis).

O que não é dizer pouco a propósito do trabalho de um grupo que vive, por razões que não lhe pertencem, a maior crise da sua vida. Como se não fosse, como é, um grupo credor do amplo apoio dos responsáveis pela sobrevivência do teatro em Portugal.

"Comunicações Espaciais": escultura de Maria Manuela Madureira na Gulbenkian

UMA FICÇÃO CIENTÍFICA

Rui Eduardo Paes

O nome «Comunicações Espaciais» tem o que se lhe diga. Maria Manuela Madureira, escultora depois de ser ceramista, escolheu-o para a sua presente exposição nos jardins da Gulbenkian devido à ambiguidade das próprias peças que trabalhou. Materializações de um imaginário que tem com as ciências do universo o vínculo do maravilhoso e do essencialmente esotérico, as esculturas em questão implicam concepções do espaço que não são estranhas às da arquitectura. Manuela Madureira conta-se no número de artistas que acredita numa «comunicação interior com a obra, porque é a escultura quem determina o que dela se deve fazer. Qual é o meu papel? Procuro...»

Como qualquer estética, também a desta escultora é «metafísica», com a diferença de que se declara como tal . Não apenas por aludir a um objecto outro através daquele que é dado a ver, como acontece com «Iceberg Tharsis» ou «Rufnas em Aristarcos», mas sobretudo porque permite diversas e pormenorizadas leituras, factor a que a dimensão dos suportes não é alheio. Maria Manuela Madureira gosta das formas grandes, que possibilitem aquilo que designa como «composição escultórica». Se por um lado é influenciada pelas suas colaborações com a arquitectura - actividade que a vem ocupando nestes últimos anos - , por outro o «grande» tem em si um efeito subjectivo, que é a condição para a arte: «Sinto-me mais realizada», confessa.

Ora, é em absoluto contraste que funcionam os «grafismos» introduzidos, de um estilo pessoal e inconfundível: cortes, pequenos orifícios, acrescentos, reentrâncias, vazios, irregularidade de contornos, inscrições, associações de cor, harmonias assimétricas, tudo isto toma parte de uma linguagem meticulosa e transbordante, acentuadamente feminina em todas as suas características. A artista chama a estes elementos, prosaicamente, de «pormenores», considerando que são eles quem dá o equilíbrio, o movimento e a expressão a cada uma das esculturas. Estes grafismos são como que vestígios, resíduos deixados num lugar-outro: o que significam é impreciso, qualidade específica de uma mitologia - no caso a espacial.

Os mármores, o granito e as madeiras são os materiais escolhidos por Maria Manuela Madureira para «Comunicações Espaciais». Todos eles a artista conserva quase no estado natural, evidenciando a origem, acentuando a «imperfeição» inerente, ou obrigando as suas intervenções como criadora à obediência a um ascendente original que exclui o humano. «Procuro as coisas que a Natureza poderia ter formado, coisas que não destruam a sua rudeza. Limito-me a dar-lhe força», explica a escultora. «A Segunda Lua», até pelo branco da pedra, tem a elementaridade da forma primeira, e peças como «Meteorito» hesitam entre dois mundos, ou duas «falas», a do vento e do tempo e a do ser humano. É o natural e o cultural que se confrontam e aliam nestas peças, numa lição fundamental sobre o que é «estar aqui».

«Encontro de Dois Mundos», precisamente, intitula-se a melhor escultura da exposição que Maria Manuela Madureira apresenta na Gulbenkian até ao fim do mês. Dois blocos separados conseguem uma unidade global que surpreende pela vitória conquistada contra o vazio, como se nada os desligasse senão a insignificância da imaterialidade. Ou como diz a escultora a propósito da sua actividade: «As formas vão surgindo à medida da construção», pois criar é imaginar, inventar, «gritar a vida». A arte de Manuela Madureira é uma ficção científica. Tem o que se lhe diga, portanto, mas só os silêncios próprios do sentir saberiam como, se não fossem silêncios.

França: começou o segundo centenário de 1789

A França deu ontem início às comemorações do segundo centenário da revolução que derrubou a monarquia, de que era então «cabeça» o rei Luís XVI.

Ao longo do ano, e um pouco por toda a França, centenas de realizações culturais, cerimónias políticas e outras, marcarão o bicentenário.

O debate político sobre a dimensão a dar à celebração não produziu a unanimidade mas de lado nenhum do espectro político foram expressas dúvidas quanto à «inevitabilidade» da evocação da efeméride.

No campo das ideias, os historiadores «prometem» novas incursões no território fértil que a revolução tem sido, no comércio, a publicidade pôs já «a render» bonecas, guilhotinas-brinquedo e mesmo preservativos tricolores (o vermelho, o azul e o branco da bandeira francesa).

No que especificamente à organização respeita, sabe-se já que o dia 14 de Julho, o da tomada da Bastilha, será o «ponto alto» das comemorações, com um baile no exacto local onde antes se erguia a fortaleza.

Já ontem balões de ar quente subiram nos ares de Paris e de outras cidades.

Em Paris, os aerostatos largaram da Praça da Concórdia, o preciso local em que a guilhotina fez cair a cabeça de Luís XVI.

As celebrações históricas começam, na sua maior parte, a 5 de Maio, dia em que se realiza uma marcha dos Estados Gerais, no Palácio de Versalhes, onde os monarcas viveram.

Franceses em Lisboa 1669-1790

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris, com a colaboração da Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais-Colecção do Centro de Estudos Portugueses, acaba de ser publicada a obra «La Nation Française a Lisbonne de 1669 a 1790 – entre Colbertisme et Liberalisme», da autoria de Jean-François Labourdette, obra comum total de cerca de 800 páginas dividida, em quatro partes, e em que se abordam os seguintes temas: «La Nation», «Le Consul», «Commerce et Navigation»; e «Negociantes et maisons de commerce», com um conjunto de substítulos, tratando de assuntos subsidiários relacionados com os temas gerais.

A obra teve a colaboração de historiadores apaixonados pela história de Portugal, como Marie-Thérese Mandroux – França e Andrée Mansuy-Diniz Silva. A sua publicação teve também a colaboração do Prof. Jean Aubin.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras
Amoreiras 1
WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2
MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.-- h

Amoreiras 3
JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
FUGA A MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6
QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

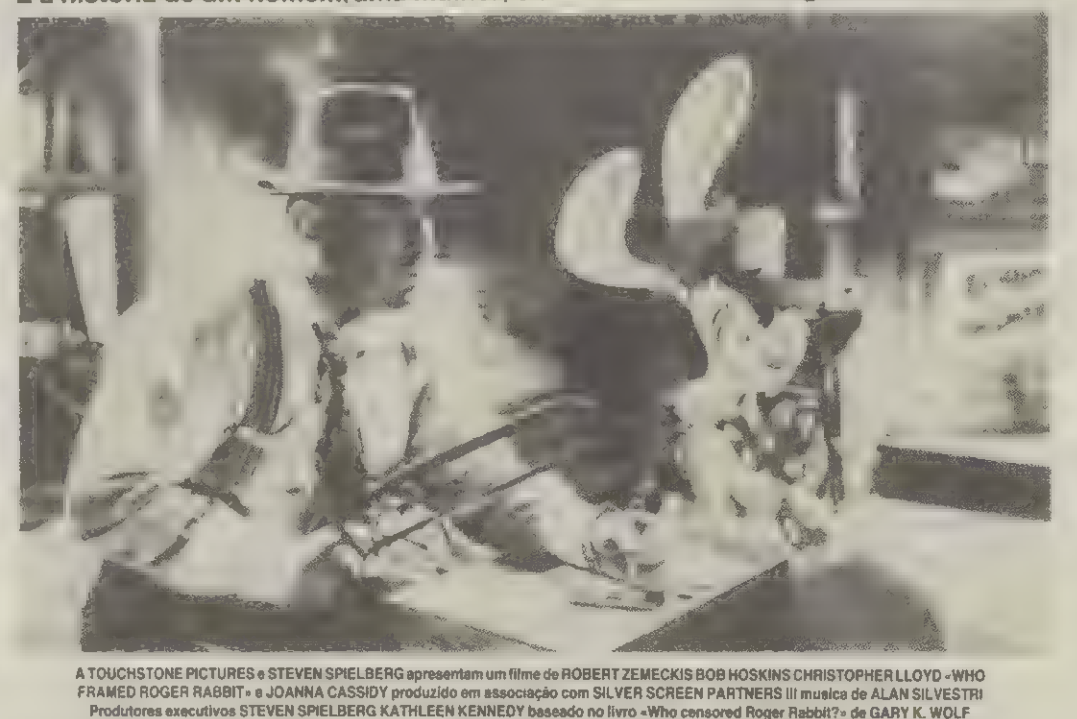
Amoreiras 8
SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 9
ENTRE O INFERNO E O CEU
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 10
AS NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Pub. **QUEM TRAMOU ROGER RABITT?**

É a história de um homem, uma mulher, e um coelho num triângulo de sarilhos.



A TOUCHSTONE PICTURES e STEVEN SPIELBERG apresentam um filme de ROBERT ZEMECKIS BOB HOSKINS CHRISTOPHER LLOYD «WHO FRAMED ROGER RABBIT» e JOANNA CASSIDY produzido em associação com SILVER SCREEN PARTNERS III musica de ALAN SILVESTRI
Produtores executivos STEVEN SPIELBERG KATHLEEN KENNEDY baseado no livro «Who censored Roger Rabbit?» de GARY K. WOLF argumentos de JEFFREY PRICE & PETER SEAMAN producido por ROBERT WATTS e FRANK MARSHALL realizado por ROBERT ZEMECKIS

TERMINAL — TIVOLI — AMOREIRAS — NIMAS — 7.ª ARTE — ALFAS

(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776060
SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
LOUCURAS SEXUAIS
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Cinebolso
SEXO À GRANDE E À FRANCESA
(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ORGIAS DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões
T. 324194
ESCRAVOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253
SALSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ALVO ÁGUIA
24.00 h

Cinemateca Portuguesa
ALDEIA DA ROUPA BRANCA
18.30 h
SINFONIA NUPCIAL/1928
21.30 h

Cine Fontela
— T. 9434773
SALSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.30 h
CORPOS ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
15.00, 17.15 e 21.15 h

City Cine
— T. 549999
BIRD
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109
PELLE, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

UM PRINCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
O IMPERIO DO SOL
(maiores 18 anos)

Gemini
— T. 734009
O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859
A MULHER DO PROXIMO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 21.30 e 24.00 h
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
NA ROTA DA DROGA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex
SALSA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30, e 21.45 h

Sala 2
ARMADILHA FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
BARFLY – AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas
— T. 631162
CAFE BAGDAD
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h
O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 h

Odeon
— T. 326283
A PRAIA DAS MALUCAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia
T. 325309
NOITES QUENTES DE AMANDA
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(maiores 18 anos)

Pathe
— T. 821933
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
NA ROTA DA DROGA
Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
CAFE BAGDAD
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2
A APAIXONADA
Estreia
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
A MULHER DO CHEFE DA ESTAÇAO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4
A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NAS TEIAS DA MAFIA
(maiores 12 anos)
23.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
SOS FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.10 e 21.45 h
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star
— T. 804210
TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
QUEM TRAMOU ROGER RABITT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
O REGRESSO DE JEDI
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
CÓDIGO: VÍBORA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA – Babilonia – «Quem Tramou Roger Rabitt», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

ALGUEIRÃO – Cine Teatro Chaby – «Fuga à Meia-Noite», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACEM – Cinestúdio Flores «Os Rapazes da Noite», maiores 16 anos

MEM MARTINS – Estúdio Dois Eme «A Hora dos Heróis»

Linha de Cascais
ESTORIL – Casino Estoril
Encerrado para obras.

ALGÉS – Cinema 2000 – «Inferno Vermelho», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS – Alto da Barra – Sala 1 – «Corpos Escaldantes», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 – «Tucker, Um Homem e o Seu Sonho», as 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS – Cine Palmeiras – Sala 1 – «Café Bagdad», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine – «Salsa», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CASCAIS – Miramar – Sala 1 – «Assalto ao Arranha-Ceus», as 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 – «Quem Tramou Roger Rabitt», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Outra Banda
ALMADA – Academia – «Fuga à Meia-Noite», às 15.30 e 21.15 h, (maiores 6 anos).

ALMADA – Incrível Almadense – «O Último Imperador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE – Clube Piedense – «A Última Tentação de Cristo» as 21.30 h (maiores 16 anos)

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Preto no Branco», às 15.00 e 18.30 h (maiores 12 anos)

ESCULTURA DE M. MADUREIRA

Nos jardins da Fundação Gulbenkian (Zona dos Congressos) encontra-se patente uma exposição de escultura em pedra e madeira, com o título genérico de "Comunicações Espaciais", da autoria de M. Manuela Madureira.

Natural de Lisboa, onde vive e trabalha, esta artista dedica-se, para além da escultura, à cerâmica e tapeçaria.

Estudou em ateliers de vários artistas e fez os cursos de cerâmica e restauro no Instituto Statale d' Arte per La Ceramica em Faenza (Itália) e os cursos de escultura em pedra e madeira no Instituto de Arte de Florença, como bolseira da Gulbenkian, em 1961-2.

Esteve representada com um conjunto de importantes obras, na exposição organizada pela Academia Internacional da Cerâmica, em Genebra.

Entre 1962-64, criou técnicas de cerâmica, uma das quais rugosa e baça, muito dura, com a qual tem realizado algumas das suas peças de escultura que abranjem grandes áreas.

M. Madureira (como é costume assinar as suas obras) tem trabalhos de grande porte integrados na arquitectura de espaços urbanos; é autora de grupos escultóricos em diversos materiais; murais em azulejaria e pedra gravada; cerâmicas e tapeçarias.

Trabalhos de Maria Manuela Madureira têm sido expostos em inúmeros locais, no país e no estrangeiro, estando a escultora representada em colecções particulares e estatais, em Portugal, França, Espanha, Itália, Suiça, Japão eEstadosUnidos da América.

"Encontro de Dois Mundos", escultura em mármore rosado e granito preto. com ferro

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro de 89, Tapeçarias de Vieira da Silva.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 30 de Dezembro, uma exposição de Maria José Oliveira de"Ourivesaria Têxtil" intitulada "Pano para Mangas". E ainda as exposições: "tapeçarias de Vieira da Silva" até 28 de fevereiro de 89; exposição evocativa do marquês de Angeja, "Tapeçaria de Cidália de Brito, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", traje de 1888 a 1935, até 31 de Dezembro de 1989; "Traje de Ópera - Guarda Roupa de Tomás Alcaide" até 30 de Dezembro de 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL: até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pesoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional " dedicado a Pessoa.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: exposição evocativa de Fernando Pessoa "O Ganges passa também pela Rua dos Douradores".

FUNDAÇÃO GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): pintura e desenho de Oskar Pinto Lobo.

BRIC-A-BRAC (R. Alexandre Herculano, 16-Coimbra): até 8 de Janeiro, pintura de Nadir Afonso.

GALERIA ATELIER E.C. (Várzea de Colares): até 1 de Janeiro, às quartas das 16 às 19 e às sextas, sábados e domingos das 12 às 20, pintura de Zélia Roque.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 12 às 23, "Made In - Objectos 88", de Cristina Ataíde.

BAR DOM PINGAROLAS (Óbidos): até 15 de Janeiro, de terça a domingo das 12 às 2 horas, pintura de Graziella Rinaldis.

GALERIA R75 (R. Castilho, 75-C): até 6 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19, pintura de Catarina Castel-Branco.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 5 de Janeiro, a exposição "Anos 60".

IGHREM (R. Academia das Ciências, 2-D): exposição "Mok - cerâmica de alto fogo" de Manuel Osório de Castro.

RATTON Cerâmicas (R. Academia das Ciências, 2-C): em homenagem à pintora Sarah Affonso, em exposição um conjunto das suas obras, pertencentes a colecções particulares e os primeiros exemplares do livro "Sara Affonso de Maria José Almada Negreiros" editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. "Signos do Zodíaco", azulejos de Sarah Affonso, colecção limitada a 1000 exemplares.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª do Príncipoe Real. 32): até 14 de Janeiro, de segunda a sábado das 14 às 20 horas, pintura de Telles da Silva.

AAPACO (Associação de Artistas Plásticos e Artesãos de Campo de Ourique - R. Freitas Gazul, 24-D): o ex-Atelier 15 apresenta uma exposição de 30 serigrafias produzidas nos últimos três anos nas suas oficinas, da autoria de Américo Silva, Maria Irene, Vasco Folha, Maria Soares, Luís Cruz e Teresa Folha. De segunda a sexta às 18 às 21, sábados das 15 às 19.

GALERIA ÌCARO (R. Presidente Arriaga, 70): a exposição "Ícaro", de Artur Bual. De segunda a sábado das 14 às 19,30.

OCTÓGONO (Av. Visconde Valmor, 2): até 29 de Dezembro, de segunda a sexta das 15 às 19,30, a exposição de pintura "Geração de 70" de Miguel Telles da Gama.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): "10 Aspectos do Desenho Contemporâneo Canadiano"

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 2 de Janeiro, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 14,30 às 19, Desenhos de Sara Portela e brinquedos da primeira metade do séc. XX.

GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, todos os dias das 11 às 13 e das 14 às 19, a exposição "Colectivo Ilustre"- Ilustração/Desenho/BD.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 19 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Paulo.

GULBENKIAN (Jardim dos Congressos): Escultura em pedra e madeira de Maria Manuela Madureira intitulada "Conmunicações Espaciais".

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): "Imagens Tácteis" de Fernando Curado Matos.

GALERIA PALMA(Cª Palma de Baixo, 6): até 31 de Dezembro, pintura de Armando Anjos, patente de segunda a sábado das 14 às 20.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Janeiro, patente a exposição "Fácies", de Ricardo Paula.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril, a exposição de tapeçarias e cerâmica de Cândida do Rosário.

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até dia 30 de Dezembro, a colectiva de pintura e escultura com trabalhos de Bual, Espiga Pinto, Francisco Simões, Rui de Azevedo e Rui Matos.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 2 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, guaches de Fernando Ançã.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23 a): até 10 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, exposição colectiva - Ludo, pintura e escultura.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 31 de Dezembro, pintura de António Galvão sobre o tema "Modas e Cantes Alentejanos de Amor e Ânimo". Patente das 17 às 23.

GALERIA DE S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Justino Alves.

GALERIA DO GILDE (S. Torcato-Guimarães): guaches e tinta da China de Sónia Delaunay.

GALERIA ARTDOMUS (Escadinhas dos Aliados, 4-S. Pedro de Sintra): até 28 de Dezembro, uma colectiva de pintura e cerâmica.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL (Av. Luisa Todi, 162-Setúbal): atá 31 de Dezembro, a exposição "Tempo Esquecido", fotografia e lápis de Eduardo Carqueijeiro.

GALERIA ROCA (Marinha Grande): até 30 de Dezembro, colectiva de pintura e cerâmica do 3º aniversário.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c à Feira da Ladra): até 9 de Janeiro, pintura de Lança Semedo, de segunda a sábado das 15 às 20.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2B). até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "Figuras" com trabalhos de Ana Jota, Areal, Arpar Szenes, Gaëtan, Miguel Branco e Xana.

SNBA (R. Barata salgueiro, 36): a exposição "Revelações em Papel: Desenhos da América", que inclui 35 desenhos da autoria de 20 artistas norte-americanos vivos.

GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, exposição de Nova Joalharia.

BOHEMIA (Cª Marquês de Abrantes, 38-A): até 31 de Dezembro, pintura de Fernando Silva.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): exposição do 4º aniversário da galeria, "Pintura Anos 60/70/80", de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Sena, Joaquim Bravo e Jorge Martins.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição iconográfica "Fernando Pessoa - O Impossível - Possível Retrato" com trabalhos de Almada Negreiros, Júlio Pomar, Costa Pinheiro, Mário Botas, Artur Bual, Pedro Chorão, José João Brito, Rico Sequeira, Miguel Yeco, Laura Cesana e Alfredo Margarido.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 2 de Janeiro, o IX Salão de Outono.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 8 de Janeiro, desenhos de Pedro Proença. de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

GALERIA ROMA E PAVIA (R. D. Manuel II, 346-B-Porto): até 3 de Janeiro, de segunda a sábado das 14,30 às 20, a exposição "Uma Geometria do Desejo" de Fernando Marques de Oliveira.

GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, i-ao Quelhas): até 3 de Janeiro, pintura de Manuel Gantes., de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (R. de S. José, 41): até 31 de Dezembro, "Três Mulheres "apresentam trabalhos de artesanato: M. Jesus, Jô e Ana.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 30 de Dezembro, a exposição de moderna joalharia, da autoria de Alberto Gordilho.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): "A Arte eo Sagrado", colecção de João Marino.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): Acontecimentos III, a exposição de fotografia "A Obscuridade e as luzes da noite em Lisboa" de Bernard Plossu e Keiichi Tahara.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria13-Sintra): até 13 de Janeiro, uma colectiva de pintura.

GALERIA TITA (Setúbal): A Cetária - Galerias de Arte apresenta uma exposição individual de pintura de Carlos Canhão.

CERVEJARIA TRINDADE: até 8 de Janeiro, pintura de Ângela Vimonte.

MUSEU DE ETNOLOGIA: até 31 de Março de 89, a exposição "A Aventura Humana".

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: exposição de pintura sobre porcelana subordinada ao tema "Flores e Pássaros", de Fernanda Ruas.

BERTRAND DO CHIADO: pintura de Isabel Pavão.

VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 20, exposição de fotografias do escocês John Thomson (1837-1921). As imagens expostas são os woodbury types da edição original de 1877-78.

GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Dezembro, pintura de Michael Biberstein.

GALERIA DE COLARES (R. Fria, 2-Colares): até 8 de Janeiro, às sextas, sábados, domingos e feriados das 14,30 às 19,30, pintura e cerâmica de José Joaquim Ramos.

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 76 61 71 / 76 61 78 / 76 61 79

Farmácias

Lisboa –
PERMANENTE – AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13 A (T. 886848); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708). **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Catela Tavares**, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 992020).

REFORÇO – AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMÕES: Andrade**, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T 680627); **LAPA: Rodrigues & Alves**, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja R, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda –
ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Biotifar**, R. Bernardo Santareno, 21, Alto do Moinho (T. 2536351). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Permanente; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Borges Cruz**, R. de Angola, 19, Afonsoeiro (T. 2301853). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas.

Linha de Cascais –
ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 414953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, R. 25 de Abril, 30-C (T. 419235). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra –
AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS:**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215272). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 2962006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias –
MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07

De 3.ª a sexta, às 21.30; sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados às 16.00 e 21.30

«ENFIM SÓS»!, de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Luísa Barbosa, Natalina José, Henrique Santos, Maria Vieira, Dulce, Fernando Luís, Vítor de Sousa e Amélia Videira.

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matinée ás 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes

Casa da Comédia

R. São Francisco de Borja, 24, ao Jardim Varela — Tel. 69 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 18.00

«PEQUENO REBANHO NÃO DESESPERES», de Christian Giudicelli. Encenação: António Feio. Intérpretes: Fernanda Borsatti e Susana Prada.
5.ª, sábado e domingo, às 16.00

«PIERROT E ARLEQUIM», de Almada Negreiros. Pelo Grupo de Teatro da Casa da Comédia. Encenação: Filipe la Féria.

Os Comediantes

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 20 412
De 5.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO», de William Shakespeare. Dramaturgia e encenação: Isabel Alves. Direcção de cena: João Paulo Costa. Cenários e figurinos: José Manuel Melo. Música: Emílio Caio. Desenho de luzes: João Lorga. Movimento: João Malafaia. Máscaras e adereços: Eduardo Gomes.

Porto — Auditorio Carlos Alberto

R. das Oliveiras — Tel. 24 540
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«VIEUX CARRÉ», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Assef. Direcção musical: Carlos Curto. Execução musical: Carlos Curto, Joana Bagulho e Zé Bruno. Tradução: Manuel João Gomes. Intérpretes: Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, João Romão, Maria José, Maria José Pascoal, Luís Lucas, Manuel Mendes, Armando José Oliveira e Fernando Gomes.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
Estreia, dia 21 de Dezembro

«ROMEU E JULIETA», de William Shakespeare. Versão portuguesa: João Lourenço e Vera de San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dramaturgia: Vera de San Payo Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Apoio corporal: J. Stobbaerts. Movimento de baile: Olga Roriz. Figurinos: Renée Hendrix. Cenário: Jocken Finke. Execução musical: Simon Wadsworth e Francisco Sales.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado ás 21.30

«PIJAMA PARA 6», de Marc Camoletti.

M. Estoril — T.M.M. Casimiro

Av. Fausto Figueiredo — Tel. 267 03 20
De 3.ª a 6.ª, às 15.00 e 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30. Até 18 de Dezembro.

«D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS», de Norberto de Ávila. Encenação: Carlos Avilez.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30

«O BAILE». Pelo grupo **A Barraca**. Guião e encenação: Hélder Costa.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Sociedade Portuguesa de Autores

Av. Duque de Loulé, 31 — Tel. 54 62 50
Todos os dias, às 18.00
Entrada livre. Até 16 de Dezembro.

«OLÁ FERNANDO», de J. Salazar Sampaio. Pelo Teatro do Semeador de Portalegre. Encenação: Augusto Telo. Cenários e figurinos: Vladimir Franklin.

Teatro Varia Santos

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
Estreado, dia 20 de Dezembro.

«HABEAS CORPUS», de Alan Bennett. Pelo Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria Martins. Intérpretes: Helena Félix, Lia Sena, Maria José Baião, Fernanda Garção, Célia David, Carlos Santos, Manuel Mendonça, António Machado, José Brás, Vítor Hugo e Rui Anjos.

Circo Chen

P. de Touros Campo Pequeno
Às 21.30. A maior e mais espectacular Companhia Circense. Atracção: O rinoceronte gigante.

Amadora — C.D.I. Almeida Garrett

R. Santos Matos, 2 — Tel. 493 01 19

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O PRÍNCIPE PERFEITO», de António Borges Coelho. Encenação: José Martins e José Peixoto. Música: António Victorino d'Almeida. Cenários: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Coreografia: Wanda Ribeiro da Silva.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados

«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER»

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

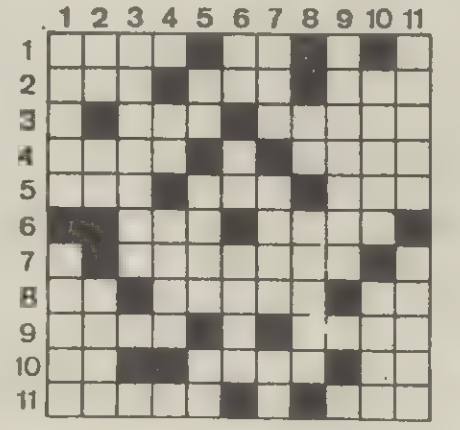
«ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA», de Carlos Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17 532

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Nosso Senhor
2 Cidade da Alemanha. Tempo do verbo ir. Recusa.
3 Desgasta por fricção. Poeta francês que publicou versos líricos, dramas em verso e obras em prosa
4 Saí frequentemente à rua. Costumar
5 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Romeiro de Meca. Filha de Labão.
6 Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Nome de homem.
7 Temar.
8 Ósmio (s.q). Que dura um ano. Duzentos em romano.
9 Tragédia de Shakespeare. Cordeiro.
10 Pronome pessoal. Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio (sigla inglesa). Caminhar.
11 Cidade da Suíça. Organização de Alimentação e Agricultura (sigla inglesa).



VERTICAIS:

1 Tenciono. Retrocede
2 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Interjeição de dor. Vila e sede de concelho (Guarda).
3 Reduz a pasta.
4 Palmeira do Brasil (inv). Joeirar
5 Li. Assim seja. Árvore da serra Leoa.
6 Sódio (s.q). Hectograma. Cidade do Estado do Espírito Santo.
7 Consentimento. Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte. Tungsténio (s.q).
8 Carta de jogar. Cidade do Aname Meridional.
9 Unidade monetária de Angola.
10 Limpo metais. Faz chiada.
11 Magoara. Provoco com tentações.

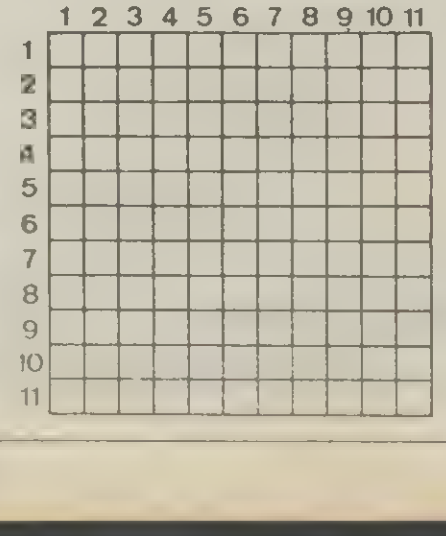
RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 346

HORIZONTAIS:

1 Árvore tintória do Brasil. Espertalhão
2 Gostas muito de. Peça de vestuário que cobre a perna e o pé
3 Esteiro. Serra de Portugal.
4 Espadas curtas. Rogo
5 Altar cristão. Feminino de dois. Campeão.
6 Basta! Uma das ilhas de Sunda
7 Pertences. Relatava
8 Matemática. Bigorna de ourives
9 Atire. Agita
10 Rã (pop) Domestico
11 Instrumento para atirara setas Cabo da costa de Marrocos



VERTICAIS:

1 Cidade da Arábia. Conceder
2 Antes do meio-dia. Lavras. Érbio (s.q).
3 Missiva. Rio de Portugal.
4 Uma das partes do Mundo. Prender.
5 Errante.
6 Artigo indefinido. Sala onde se lecciona. Preposição e artigo.
7 Iriam para fora.
8 Dá mios. Chefe dum banato húngaro
9 Filho de Zeus, rei de Egina. Terçado.
10 Agora. Danço a valsa
11 Naipe das cartas de jogar. Grande cão de fila

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 17 531

HORIZONTAIS:

1 QUEM. DEIXA.
2 Ruia. Sra
3 DC Miraram
4 Ea. Mi Osaca.
5 Sagan. Uai!
6 Sargo. Cm.
7 Si. Oau Na.
8 Rn. An. Ruar
9 Safra Ni
10 Ana Oó Rica
11 Babo. Içaras

VERTICAIS:

1 DE. SER. An
2 Urca. Naná.
3 Eu Srs. Ab
4 Mi. Magias.
5 AMIGO. NÃO.
6 O. FOI
7 Esmonca
8 Irás Murara
9 Xarau. Ir.
10 Aca. NUNCA
11 Amainarias.

PROVÉRBIO: Quem deixa de ser amigo não o foi nunca.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 16 345

HORIZONTAIS:

1 Dinamarca
2 Avaro Tau
3 Lo. Ricos.
4 Az. Ac
5 Singapura.
6 Ce. Niari. Ab
7 Chancas.
8 Ralhos. CC
9 Mar As Tal
10 Civa Coso
11 Amasso Umas

VERTICAIS:

1 Dalmácia. Ca
2 Mim.
3 Na Ás. Crava.
4 Avizinharas
5 Má. Nial.
6 Arreganhado.
7 Roi. Arcos.
8 Copias. Cu
9 Ato. Tom.
10 Asara. Casa.
11 Uu Caboclos.

Rádio

Antena Um

17.00: Sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**. Musical; **20.30**: O som dos negócios; **21.00**: O som dos negócios; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; **17.30**: Trechos de óperas e operetas; **18.40**: Sonata, para violino e piano, em sol maior, de Maurice Ravel; **19.00**: Integrais; **19.40**: Música sinfónica; **20.40**: Segovia interpreta Ponce e Sor: **21.00**: Duas horas com Franz Liszt; **23.00**: Os anos 80; **24.00**: Música orquestral do século XIX; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00** Média alta; **20.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; 23.00 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00** Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00** Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**. Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30** Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00. Fórmula Três; **19.00** Atlântida; **20.00**. Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30** Transmissão do terço; **19.00** Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; **18.00** Bola branca; **18.30**: Voz de Lisboa; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; **18.00**: Bola branca; **19.00**. Jornal da região; **19.30**: Largo do Coreto.

RTP 1

17.30 - Brinca Brincando

«Le Piaf», «A Galinha Pippa», «Hey Bumboo», «As Aventuras de Tim Tim» e «Tao Tao» .

18.25 - Como Criar Espaços Verdes

1º Programa: «Parques e Jardins de Lisboa».

18.55 - Mãe e Filho

1º Episódio: Arthur está desesperado com o comportamento cada vez mais excêntrico da mãe. A família pressiona-o para que ele interne Maggie num lar para a Terceira Idade mas é difícil para Arthur tomar essa decisão. A mãe não aprova uma solução desse tipo.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.09 - Boletim Agrário
20.10 - Passerelle

65º Episódio

20.50 - Em Busca do Arco-Íris

Durante os trágicos dias que antecederam o final da I Grande Guerra, Jake Kincaid consegue escapar ao tribunal marcial e, é, mesmo condecorado por ter salvo a vida ao seu comandante, Christopher Blaine. De regresso a Montreal, Cris descobre que um escândalo atingiu a sua família e Jake envolve-se com o submundo local

22.25 - 24 Horas
23.00 - Remate

«Othelo» em Teatro Estrangeiro , no 2º canal às 21.55

No 1º canal às 20.10, o 65º episódio da telenovela « Passerelle»

RTP 2

17.35 - Trinta Minutos Com...
18.05 - Sometimes I D' Ont Love My Mother
19.10 - Music Box

«Iron Maiden»

20.05 - No Limiar da Realidade
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Sétimo Direito

12º episódio

21.55 - Teatro Estrangeiro

Othelo»: Deixando Veneza para defender Chipre de uma invasão turca, Otelo, um intrépido general ao serviço do Estado veneziano, leva consigo a sua linda noiva Desdémona, filha de um senador veneziano, que confessara a seu pai o seu amor pelo mouro. Com Otelo seguem Cássio, um jovem florentino que ele recentemente nomeara tenente, e Iago, que está louco de inveja e de ódio por causa da promoção de Cássio. Procurando vingar-se, Iago instala na mente de Otelo a suspeita de que Desdémona e Cássio são amantes secretos. Através de um ardil envolvendo a sua própria esposa Emília, Iago faz com que o lenço oferecido por Otelo a Desdémona seja encontrado na posse de Cássio. A cruel armadilha funciona perfeitamente. Num furor de ciúmes Otelo sufoca Desdémona, no seu leito, até à morte. Emília, transtornada, proclama a inocência de Desdémona e denuncia a traição de Iago.

Intérpretes: Anthony Hopkins, Bob Hoskins, Penelope Wilton, Rosemary Leach, Geoffrey Chater, Anthony Pedley, David Yelland e John Barron.

Realizador: Jonathan Miller

AMANHÃ

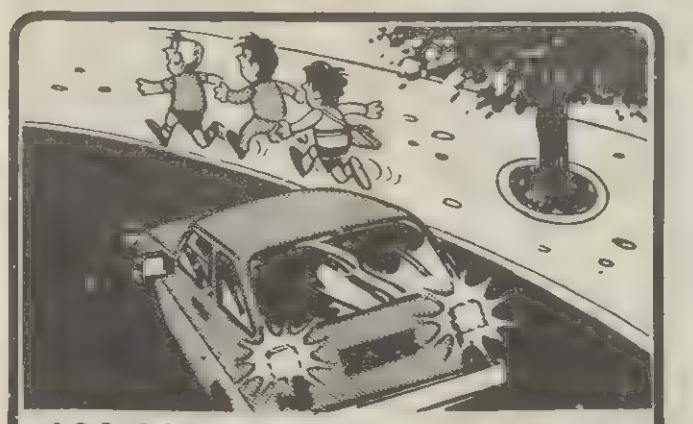
RTP-1

09.01 - Bom-Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa do Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Os Super Gatos
15.05 - Ibiza 92
16.05 - Animais de Africa
16.30 - Ponto por Ponto
17.30 - Brinca Brincando
18.20 - Como Criar Espaços Verdes
18.50 - Mãe e Filho
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.10 - Boletim Agrário
20.15 - Passerelle
21.00 - Modelo e Detective
22.00 - Primeira Página
23.00 - Tribunal de Polícia
23.30 - 24 Horas
24.00 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Elogio da Leitura
15.50 - Primeiro Andamento
16.40 - Lá em Casa Tudo Bem
17.00 - Helena
17.35 - Trinta Minutos Com...
18.05 - Music Box
(Via rápida)
19.00 - Music Box
«Off the Wall»
19.55 - No Limiar da Realidade
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - CinemaDois
23.55 - Projecto Ibérica

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o Jornal não seja informado em tempo devido.



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

LOEWE. *seleccionou para si...*

Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003

SGO

LISBOA
Telef. 777824

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1428/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

Dois indivíduos encapuçados e empunhando matralhadoras assaltaram hoje, perto das 4 e 30 horas, a sala de bingo do Vitória De Setúbal, tendo furtado cerca de 3500 contos. Segundo a Polícia Judiciária de Setúbal, «os assaltantes aguardaram na rua que os funcionários saissem, pois os clientes já haviam abandonado o local. Depois obrigaram duas funcionárias a sentarem-se, amordaçaram-nas, e sob a ameaça de um punhal conseguiram apurar onde estava o dinheiro». Os assaltantes não levaram, contudo, o dinheiro dos trabalhadores, afirmando que «o que levamos é para pessoas necessitadas», pelo que a PJ alia este caso com o procedimento das FP-25.

Trabalho precário prolifera nas indústrias eléctricas

—denunciou o sindicato do sector

No sector de material eléctrico e electrónico, um em cada três trabalhadores tem emprego precário, denunciou hoje, em conferência de Impresa o sindicato do sector.

Segundo afirmaram os dirigentes do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, «praticamente todas as empresas do sector têm trabalhadores a prazo, e pressionam os trabalhadores efectivos a rescindirem os contratos, para depois os substituirem por contratados a prazo».

O recrutamento de pessoal por empresas angariadoras de mão-de-obra prolifera no sector das indústrias eléctricas, tendo sido vários os exemplos citados.

O último caso prende-se com «o sr. João Vilafranca, que recrutou de forma ilegal 30 trabalhadoras para as multinacionais Alcatel e Ibervisão», disse o dirigente sindical Manuel Correia, acrescentando:

«As 30 empregadas trabalharam 15 dias sem qualquer contrato, e só ao fim desse tempo é que lhes foi apresentado um contrato a prazo por um mês e que não explica a natureza do trabalho transitório, o que é ilegal pois contraria o princípio da lei».

Para além desse facto, aquele angariador de mão-de-obra «avisou as trabalhadoras, no dia 29 do mês passado, que estavam em situação de despedimento a partir do dia seguinte, sem as notificar com os oito dias de antecedência que a lei prevê. Para contornar esse problema, falsificou o contrato a prazo, pondo-lhe a data de 23 de Dezembro», afirmou o dirigente sindical.

A precarização do emprego neste sector tem provocado um aumento dos acidentes de trabalho: «os acidentes de trabalho são proporcioanis aos empregos precários, pois o ritmo de trabalho exigido é elevadíssimo».

Madeira: suspensa greve na hotelaria

A greve no sector da hotelaria na região autónoma da Madeira foi hoje suspensa, afirmou à agência Lusa uma fonte sindical.

A paralisação, convocada por tempo indeterminado desde 29 de Dezembro, foi suspensa às 7 horas de hoje, na sequência de uma deliberação tomada num plenário de delegados sindicais realizado domingo, no Funchal.

Fontes sindicais reconheceram que a adesão à greve ficou aquém das expectativas iniciais e, embora tenham sido poucos os efeitos causados pela paralisação no funcionamento das unidades hoteleiras, o sindicato continua disposto a novas formas de luta caso as negociações com as entidades patronais venham a fracassar.

Divergências entre a estrutura sindical e os empresários sobre a tabela salarial a vigorar este ano e os aumentos nas restantes cláusulas de expressão pecuniária estiveram na origem da greve.

O sindicato reivindica um aumento global de 15 por cento rejeitado pelos empresários que, no processo negocial, serão representados pela secção de hotelaria da Associação Industrial e Comercial do Funchal.

A.M.A. Auto Monumental de Arcos

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

DECARAS

Os aniversários de 1989:

Sigmund Freud, o pai da psicoanálise, morria, pacificamente, em Londres há 50 anos, depois de ter legado à humanidade a sua grandes descoberta: «O presente é a vivência do passado».

A **Guerra Civil de Espanha** terminava em 1939, a **Feira Mundial de Nova Iorque** era inaugurada e um simples erro humano causava o maior desastre da história submarina, o afundamento do submarino britâncio «**HMS Thetis**», quando um jovem tenente, durante a operação de imersão, abriu o tupo dos torpedos sem que a porta exterior estivesse fechada: 99 mortos.

Na Europa, os nazis invadiam a Polónia, dando início à **II Guerra Mundial**.

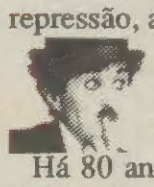
Nos seis anos que se seguiriam, quase todas as nações da Terra se veriam envolvidas no conflito que custaria a vida a 35 milhões de seres humanos.

Por desagradável coincidência, 1989 marca também o centenário do nascimento do grande responsável por aqueles trágicos eventos, **Adolfo Hitler.**

Noutro campo, e para recordar como uma iniciativa de paz, nascia, há 40 anos, o **Conselho da Europa**, o primeiro passo rumo ao Mercado Comum Europeu.

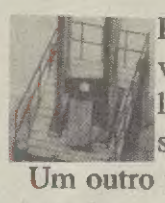
Nos **Estados Unidos**, quando, este mês, George Bush se tomar o 41º presidente, os americanos comemorarão os dois séculos das primeiras eleições nacionais.

A França assinalará, entretanto, a queda do mais odioso símbolo da repressão, a **Bastilha**, em 1789.



Este ano, também, será o do centenário do nascimento de **Charlie Chaplin**, o génio que criou a mais amada das trágico-cómicas figuras da história do cinema.

Há 80 anos, o aviador francês **Louis Bleriot** efectuava o histórico voo de Calais para Dover, tornando-se o primeiro a atravessar o Canal da Mancha pelo ar. E neste campo, há ainda a assinalar o primeiro voo transatlântico «non-stop», há 70 anos, realizado pelos ingleses **Arthur Brown e John Alcock** em 16 horas e 12 minutos.



Para os amadores do macabro, 1989 marcará o 200º aniversário da **invenção da guilhotina** pelo dr. Joseph Guillotin que viria a falecer, anos mais tarde, pacificamente no seu leito.

Um outro francês, **Hippolyte Mege-Mourie**, criava, há 120 anos, a «buterina», avó da actual popular «margarina».

Mais recentemente, 1989 assinalará os 30 anos da **revolução cubana**, os 25 anos do primeiro titulo mundial de pugilismo de **Mohammed Ali** (então Cassius Clay) e os 10 anos da **revolução islâmica** do ayathola Khomeini.

60 e 17000 contos

Totoloto e Totobola: um totalista em cada

Um anónimo do Funchal poderá receber os 59 794 contos do primeiro prémio do Totoloto desta semana. Ele era, ao fim da manhã, o único totalista do último Totoloto de 1988, se bem que as previsões dos serviços competentes da Santa Casa de Lisboa admitissem a hipótese de aparecer um outro. Caso isso não aconteça, os cerca de 60 mil contos do primeiro prémio irão inteirinhos para a capital da Madeira, o que nunca sucedera antes, na história curta deste jogo. Foi o único apostador que acertou nos seis números básicos do Totoloto de sábado, cuja chave é esta: 10-12-13-38-45-46, mais o «suplementar» 34.

No Totobola desta semana é já seguro que apenas um apostador acertou nos treze resultados do escrutínio, pelo que embolsará 17 344 contos. Com doze resultados certos perfilam-se sessenta e dois apostadores, recebendo cada um mais de 280 contos, e 1 625 com onze, cabendo 10 704 escudos a cada.

No tocante ainda ao Totoloto, prevêem os serviços de escrutínio da Misericórdia de Lisboa que haja ou seis apostadores que entre si repartirão o respectivo prémio. A serem quatro, cada um terá 4 196 contos. Os que acertaram em cinco números receberão 128 mil escudos. O quarto prémio renderá pouco mais de dois contos e o quinto (para os que acertaram em três números) pouco menos de centena e meia de escudos: 148$00.

HORA

punhando matralha-
30 horas, a sala de
o furtado cerca de
diciária de Setúbal,
que os funcionários
abandonado o local.
s a sentarem-se, a-
e um punhal conse-
iro». Os assaltantes
os trabalhadores, a-
a pessoas necessita-
om o procedimento

e 17000 contos

coloto
Totobola:
a totalista
cada

m anónimo do Funchal
rá receber os 59 794
os do primeiro prémio
Totoloto desta semana.
era, ao fim da manhã, o
o totalista do último
loto de 1988, se bem
as previsões dos servi-
competentes da Santa
de Lisboa admitissem
pótese de aparecer um
o. Caso isso não acon-
os cerca de 60 mil
os do primeiro prémio
inteirinhos para a capi-
a Madeira, o que nunca
dera antes, na história
deste jogo. Foi o úni-
apostador que acertou
seis números básicos
otoloto de sábado, cuja
e é esta: 10-12-13-38-
6, mais o «suplemen-
34.

Totobola desta sema-
já seguro que apenas
apostador acertou nos
resultados do escrutí-
pelo que embolsará 17
contos. Com doze re-
dos certos perfilam-se
nta e dois apostadores,
endo cada um mais de
contos, e 1 625 com
, cabendo 10 704 escu-
cada.

tocante ainda ao To-
, prevêem os serviços
crutínio da Misericór-
e Lisboa que haja ou
apostadores que entre
partirão o respectivo
io. A serem quatro,
um terá 4 196 contos.
ue acertaram em cinco
eros receberão 128
escudos. O quarto pré-
renderá pouco mais de
contos e o quinto (pa-
que acertaram em três
eros) pouco menos de
na e meia de escudos:
00.

Paris--Dakar

O Paris-Dakar deixou a Líbia. Os concorrentes entram hoje no Ténere, o deserto dos desertos. Tudo agora vai ser mais sdifícil. A Peugeot lidera em automóveis, com Jacky Ickx. Ari Vatanen já começou a sua recuperação. Peterhansel é o primeiro nas motos, que ontem ficaram sem gasolina. O camião do combustível faltou ao encontro. A etapa teve que ser anulada.

Auto-show 89 na Exponor

Após o êxito do I Salão Internacional do Automóvel Portugal 88, em Maio último, a Publisalão anuncia agora uma nova iniciativa e um reforço importante da sua equipa dirigente.

A iniciativa é o Salão do Sector Automóvel «Auto Show 89», que vai relaizar-se, tal como o seu antecessor, na Exponor, em Matosinhos e que, dispondo embora de um espaço ligeiramente superior ao do «Portugal 88», recebeu até à data de encerramento das inscrições, pedidos de participação requerendo área substancialmente superior à disponível.

O reforço da equipa dirigente é a entrada de Teixeira Diniz, uma personalidade sobejamente conhecida no meio automóvel.

Director-Geral da Associação dos Industriais de Montagem de Automóveis - AIMA e secretário-geral da Associação do Comércio Automóvel de Portugal - ACAP, até ao final do passado mês de Novembro e director-geral do Comércio do VIII Governo Constitucional (Agosto de 1982 a Agosto de 1983), Teixeira Diniz representou as associações do sector em diversos Congressos e Encontros realizados no nosso País e no estrangeiro, representando a indústria automóvel portuguesa em várias instâncias internacionais.

Salientam-se, neste aspecto, os contactos regulares mantidos com a EFTA e a CEE, e a participação activa no coinselho de administração do Comité Europeu do Comércio e Reparação Automóvel - CECRA, com sede em Bruxelas.

Por despacho do Primeiro-Ministro Cavaco Silva, Teixeira Diniz é desde Março de 1987, membro da Comissão Empresas/Administração, que tem por tarefa promover a desburocratização das relações entre empresas e administração pública portuguesa.

Outra iniciativa da Publisalão, a realizar igualmente nos pavilhões da Exponor, é o certame «Transporte é Prazer», que abrangerá veículos comerciais, peças, acessórios e motociclos.

D'Lauto

SEGUNDA-FEIRA
2 DE JANEIRO DE 1989

SUPLEMENTO ESPECIAL

Coordenação:
AUGUSTO VILELA
Grafismo:
RIBEIRO DA SILVA

TURBOS E COMPRESSORES

PRINCÍPIOS E TECNOLOGIA

A designação «turbo» seduz, hoje em dia, um número cada vez maior de condutores, especialmente aqueles que são fascinados pelas versões desportivas. Apesar de largamente generalizadas as viaturas com motores sobrealimentados, os seus possuidores nem sempre conhecem como eles funcionam. Nas páginas centrais apresentamos o essencial sobre a tecnologia e funcionamento dos turbos e compressores volumétricos.

lubrificantes GALP super lubrificantes GALP GALÁXIA lubrificantes

TURBOS E COMPRESSORES

UMA TÉCNICA QUE JÁ VEM DE LONGE

A potência desenvolvida por um motor é proporcional à sua cilindrada, ao regime e à pressão médias existente no interior dos cilindros no tempo de combustão que constitui a fase útil do ciclo. Daqui se deduz que, para aumentar a potência, é forçoso alterar pelo menos um destes três parâmetros.

Este facto, por sua vez, exige uma adptação dos vários órgãos ao aumento das forças a que estão sujeitos, bem como alterações adequadas do diagrama de distribuição e, se necessário, das próximas dimensões das válvulas e das condutas, por forma a assegurar uma boa «respiração» do motor, apesar de a duração do tempo de admissão ser extremamente breve.

Com o aumento do regime de rotação, consegue-se um maior número de tempos úteis por unidade de tempo, sendo possível, por esta via, alcançar valores de potência muito superiores.

Se, por exemplo, se modificar um motor de 1500 cc, capaz de debitar 75 CV às 5000 rpm, de modo a que possa trabalhar a mais 1000 rpm., obteremos para uma mesma pressão média, um ganho de potência de mais 15 CV.

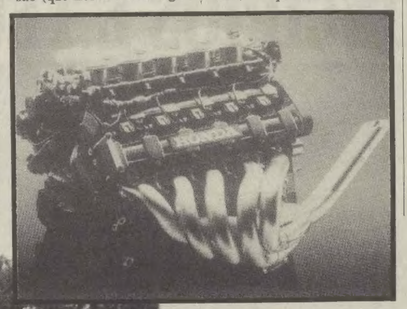
Para se obterem grandes aumentos de potência sem variar a cilindrada nem o regime de rotação, recorre-se à sobrealimentação, isto é, faz-se entrar, para cada cilindro e por cada ciclo, uma quantidade de mistura ar/gasolina superior à que o motor poderia aspirar naturalmente.

Por outras palavras, a mistura ar/gasolina (apenas ar nos motores diesel), é bombeada para dentro dos cilindros a uma pressão superior à atmosférica.

Obtém-se desta forma um grande aumento da pressão média que actua nos êmbolos durante o tempo de combustão e, portanto, como já dissémos, a potência desenvolvida pelo motor aumenta.

É interessante observar que a sobrealimentação surgiu inicialmente aplicada nos motores de aviação como solução para a falta de potência em altitude devido à rarefacção do ar.

Nos motores sobrealimentados, os esforços térmicos e mecânicos aumentam consideravelmente. Os problemas que daí possam resultar são evitados através de um redimensionamento dos vários componentes e de um abaixamento da relação de compressão (que nos motores a gasolina é indispensável para evitar as detonações no motor). Nos motores com sobrealimentação muito elevada (como os que equipam as viaturas de competição), os esforços térmicos constituem por vezes uma fonte de grandes problemas para os gabinetes de estudo.



No que respeita às viaturas de série, não há grandes motivos de preocupação porque se adoptam válvulas de escape em materiais resistentes às altas temperaturas e êmbolos refrigerados por jactos de óleo, além de que se introduzem pequenas alterações no circuito de refrigeração.

Com estas e outras medidas, é possível obter-se uma fiabilidade e uma duração em tudo análogas às dos motores aspirados.

Compressor volumétrico

A ideia de aumentar a potência dos motores através da sobrealimentação remonta aos finais do século passado, isto é, aos primórdios da motorização.

No período que decorreu entre as duas guerras mundiais, os motores sobrealimentados conheceram, no campo desportivo, uma grande difusão. A sobrealimentação era então obtida por meio de compressores volumétricos. A sua construção é relativamente simples por não requerer materiais sofisticados como, pelo contrário, acontece com as turbinas dos turbocompressores.

Os compressores volumétricos bombeiam uma quantidade fixa de ar (ou mistura ar/gasolina) por cada ciclo. São sempre accionados mecanicamente, a partir da cambota por meio de engrenagens, correntes ou correias.

Os compressores volumétricos mais difundidos foram, sem dúvida, os de lóbulos - de entre estes os mais comuns foram sempre os «Roots» - fabricados em meados do século passado. Utilizados nas fundições foram posteriormente adaptados com grande sucesso no campo automóvel.

Um compressor «Roots» típico é constituído por um bloco em liga de alumínio (com frequência dotado externamente de aletas que lhe aumentam a rigidez e melhoram a difusão do calor produzido durante o seu funcionamento). É fechado nas extremidades por duas tampas.

No interior do bloco rodam, em direcções opostas e à mesma velocidade, dois rotores lobulados que têm trajectórias rasantes, sem contudo se tocarem entre si. Os veios dos rotores estão ligados entre si por engrenagens. Entre as paredes do bloco e as extremidades dos rotores há uma distância muito reduzida, da ordem dos 0,10 a 0,20 milímetros.

Durante o seu funcionamento não há, portanto, qualquer fricção entre os componentes internos deste compressor, o que constitui, como veremos, uma das vantagens que apresentam relativamente aos compressores de palhetas.

Actualmente, todos os motores de automóvel de série sobrealimentados por compressores volumétricos são equipados com compressores «Roots».

No passado, os compressores de palhetas (Centric, Zoller, Cozette) chegaram a alcançar uma certa difusão. Apresentavam, porém, a desvantagem de exigirem lubrificação, justificada pelo contacto entre as palhetas e o bloco compressor. Além disso, eram mais caros e delicados que os compressores de lóbulos.

É interessante verificar que o motor de êmbolo rotativo Wankel, que conheceu uma certa notoriedade nos anos 60, foi originalmente construído como compressor para alguns motores de competição fabricados pela NSU.

Nos motores sobrealimentados por compressor volumétrico, a resposta ao accionamento do pedal do acelerador é sempre muito rápida e o binário desenvolvido a baixos e médios regimes é elevado.

Estes compressores têm, porém, a desvantagem de serem muito pesados e volumosos. Além disso, o seu funcioanmento extrai da cambota uma potência que em certos casos pode ser importante. Daí, para uma mesma potência desenvolvida, resulta um aumento sensível do consumo de combustível.

A pressão de sobrealimentação que se obtém com um compressor volumétrico não é muito elevada, razão por que as viaturas de competição fabricadas desde meados dos anos 30 até 1951, utilizavam dois compressores deste tipo montados em série (sobrealimentação de «duplo estádio»).

Turbocompressor

Nos últimos anos, tem sido crescente o recurso à sobrealimentação no automóvel, obtido através de um turbocompressor.

Este dispositivo é constituído por uma turbina centrípeta, accionada pelos gases de escape, que movimenta um compressor centrífugo. Este, por sua vez, envia ar (ou uma mistura ar/gasolina) sob pressão para os cilindros.

O compressor é constituído por um cárter, também conhecido por «caracol» devido à sua forma típica e por um elemento rotativo, dotado de numerosas palhetas, fixo a um veio.

Tanto o carter como o compressor são, em geral, fabricados, por fusão, em liga de alumínio.

Também a turbina, de configuração muito semelhante à do compressor, é constituída por um elemento rotativo que trabalha dentro de um carter.

Dados os elevados esforços térmicos a que estes últimos componentes estão sujeitos (nos motores a gasolina os gases de escape têm temperaturas da ordem dos 800 a 900 graus centígrados), os materiais empregues são o aço ou uma liga à base de cobalto e níquel para o elemento rotativo e ferro fundido para o carter.

Os carteres do compressor e da trubina constituem um bloco muito compacto. Os dois elementos rotativos trabalham nos extremos de um mesmo veio que atravessa o bloco e roda sobre uma película de lubrificante.

Enquanto que o accionamento dos compressores volumétricos «rouba» da cambota uma potência significativa, o turbocompressor é praticamente accionado «de borla», dado que a turbina transforma em energia mecânica uma parte da energia dos gases de escape que de outro modo se perderia (cabe aqui recordar que só uma parte da energia térmica libertada pela combustão é utilizada pelo motor).

Os gases queimados atravessam a turbina e fazem girar o elemento rotativo que, por sua vez, acciona o compressor centrífugo.

Em regra, as reduzidas dimenões dos turbocompressores facilitam a sua instalação. Por outro lado, a pequena inércia dos elementos rotativos de reduzido diâmetro proporciona uma resposta mais rápida ao accionamento do pedal do acelerador.

Esta é uma das razões pelas quais, em certos casos, se prefere o uso de dois turbocompressores de pequenas dimensões ao recurso a um só de maiores proporções.

Quanto menor for o diâmetro dos elementos rotativos, mais elevado será, em regra, o seu regime de rotação, frequentemente da ordem das 120 mil a 150 mil rotações por minuto.

Os turbocompressores proporcionam uma grande liberdade de aplicação em termos da sua localização, uma vez que são ligados ao motor por meio de apenas duas tubagens, uma para o ar comprimido e outra para os gases de escape.

O débito dos compressores centrífugos é proporcional ao quadrado da velocidade de rotação. É por isso que, em geral, se utilizam turbocompressores capazes de fornecer grandes pressões de sobrealimentação, mesmo em regimes médios.

Quando a pressão no colector de admissão alcança os valores máximos previstos, uma válvula adequada (dita «waste-gate») faz com que uma parte dos gases queimados provenientes dos cilindros passe directamente para o tubo de escape, a jusante da turbina e sem passar por esta.

Assim se evita que a velocidade de rotação da turbina aumente excessivamente, e se consegue que a pressão de sobrealimentação permaneça praticamente constante.

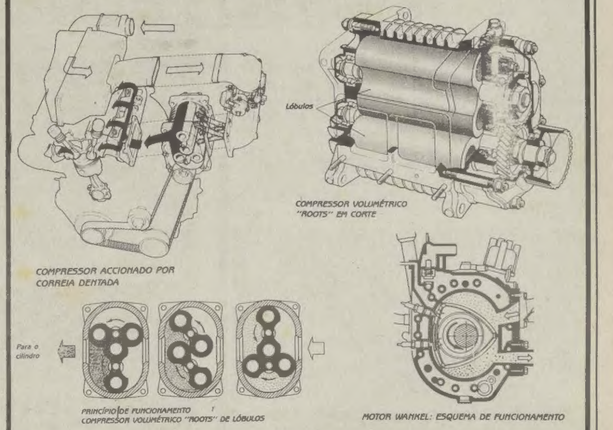
Quando o ar é comprimido, a sua temperatura aumenta, de tal forma que nos motores das viaturas de Fórmula 1, por exemplo, alcança os 200 graus centígrados à saída do compressor.

Para evitar que os êmbolos, válvulas de escape e paredes das câmaras de combustão fiquem sujeitos a esforços térmicos excessivos, e para afastar o risco de se verificarem detonações no motor, quando a pressão de sobrealimentação supera um determinado valor (geralmente cerca de 0,7 a 1,0 bar), adopta-se em regra um «intercooler».

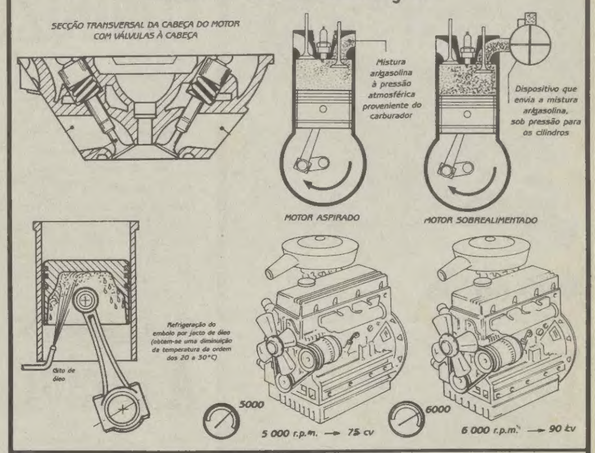
Este dispositivo não é mais que um permutador de calor, semlhante a um radiador comum, capaz de fazer baixar acentuadamente a temperatura do ar de alimentação.

Deste modo, obtém-se também uma aumento da densidade da «carga» (ou da mistura ar/gasolina) que é enviada para os cilindros. Daqui resulta um aumento de potência.

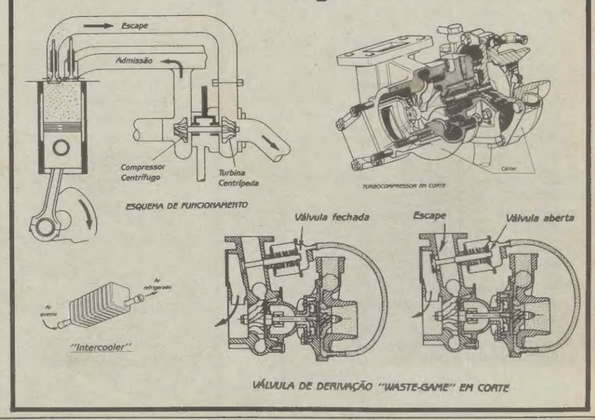
Compressor volumétrico



Sobrealimentação



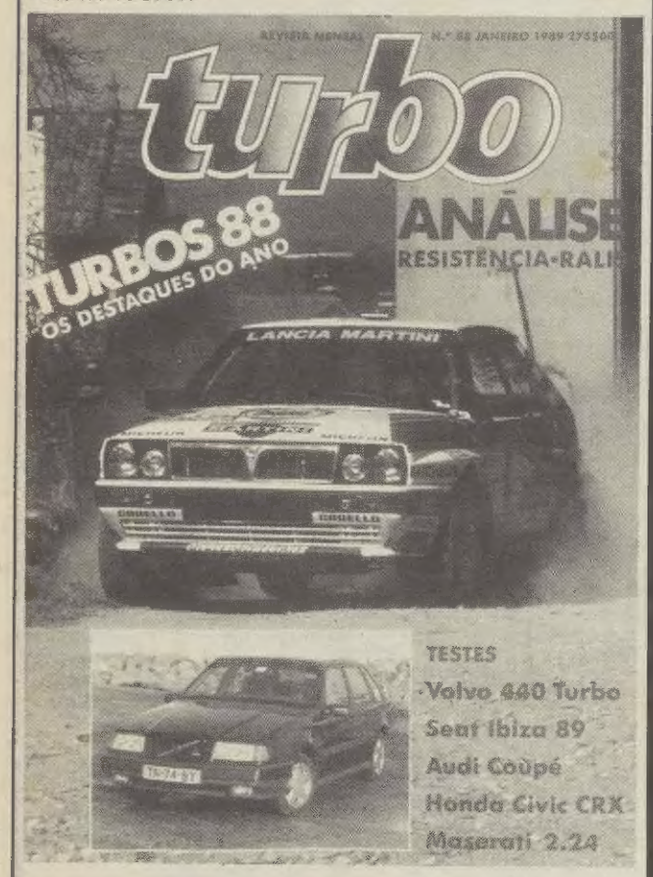
Turbocompressor



"Turbo" cada vez melhor

Saiu já o número de Janeiro da revista Turbo, uma publicação portuguesa dirigida por José Vieira que rivaliza com as melhores da imprensa internacional especializada. A partir deste número, a Turbo, agora com acabamento em lombada e impressão ainda de melhor qualidade, apresenta sensíveis alterações a nível de grafismo, numa linha de evolução que lhe tem permitido conquistar um público leitor vasto mas exigente.

Análise das provas de resistência e rallyes, divulgação dos prémios Turbos 88 e testes do Volvo 440 Turbo, Seat Ibiza 89, Audi Coupé, Honda Civic CRX e Maserati 2.24, são algumas das matérias que preenchem as 100 páginas da edição Turbo de Janeiro de 1989.

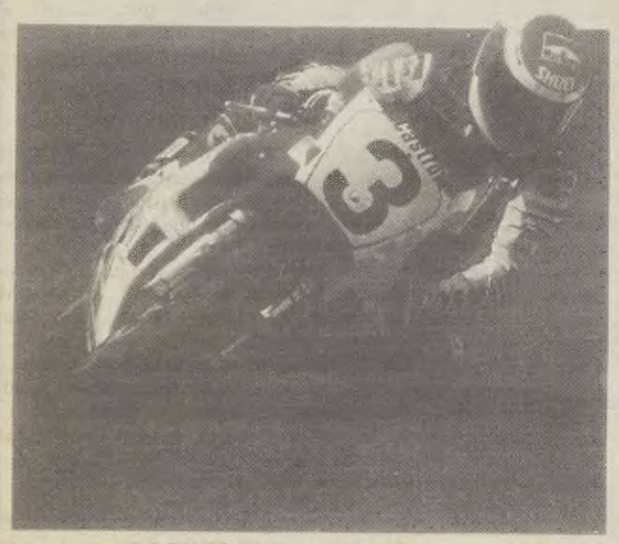


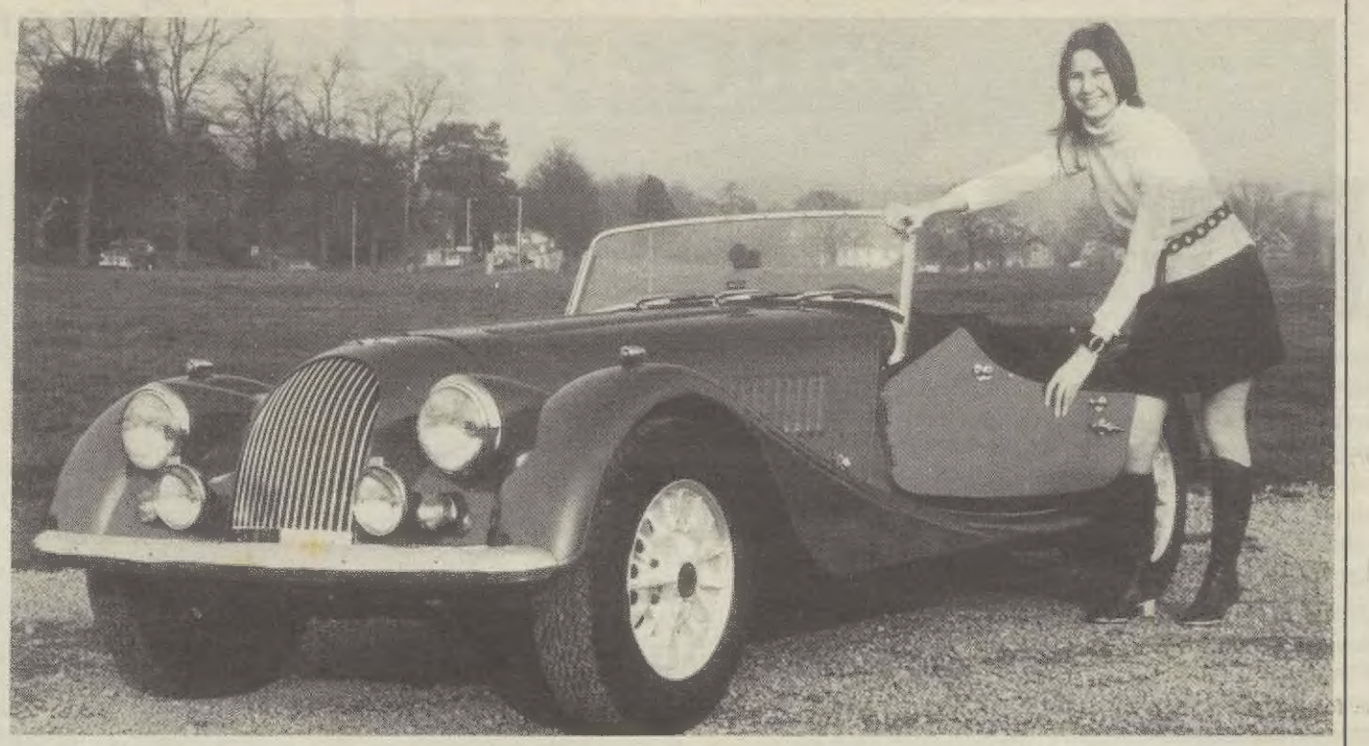
Moto 88/89

Produzida pela Edipromo e distribuida em Portugal pela Talento, saiu a edição 1988/1989 de «Moto». É um livro de 146 páginas, profusamente ilustrado, que analisa todo o movimento desportivo do motociclismo, nas suas várias especialidades. A direcção editorial é de Gabriel Hochet e Francisco Santos. A coordenação da redacção é de Marc Petrier e Carlos Nogueira.

«Moto» inclui colaboração de Celso Miranda (texto) e fotos de Gabriel Hochet, Marc Petrier, Patrick Boulland, Jean Pierre Boulmé, Pierre Laguevaques, Patrick Massias, Nicolas Armand, Jean Pierre Vaudequin, Gianni Prandi, Jean Aignan Museau, Christian Vignes, Eric Sauvage, Stan Perec, Marco de Bari, Francisco Santos, Celso Miranda e Daniel Varoni.

1988 1989 MOTO





MULHERES INGLESAS CONDUZEM CADA VEZ MAIS

Um estudo feito em Inglaterra pela Automobile Association revelou que em matéria de condução as mulheres está a aparecer cada vez mais por detrás do volante. A diferença tradicional entre hábitos masculinos e femininos continua a prevalecer, mas está a diminuir.

O estudo feito em todo o país entre 12 mil condutores durante 1988, revelou que 28 por cento eram mulheres. Em termos gerais pode dizer-se que possuem uma viatura própria, que não sujam as mãos, que têm uma idade entre 25 e os 44 anos e pertencem a organizações de automobilismo.

A mulher dedicada a negócios está a apanhar o seu colega masculino. O número de mulheres que têm carro pertencente à firma em que trabalham aumentou entre quatro a cinco por cento desde 1980. Muitas mais recebem uma contribuição para as despesas das suas firmas. Dos homens entrevistados, oito por cento têm carros da firma e seis por cento recebem subsídio das respectivas firmas.

As mulheres da Grã-Bretanha, no entanto, ainda guiam menos que os homens. Viajam apenas cerca de 8.850 quilómetros por ano, enquanto os homens viajam 15.250 quilómetros. Os homens são considerados um maior risco de seguro e algumas companhias seguradoras oferecem descontos nos prémios quando uma senhora é a única condutora do veículo.

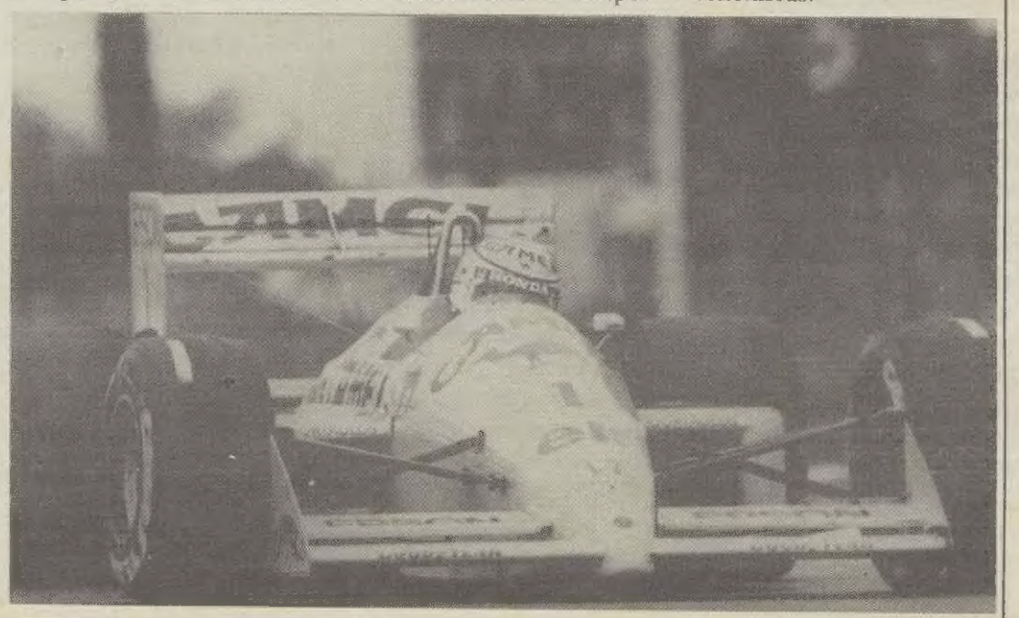
Motor sports 91

A maior exposição de sempre

A RAC Motor Sports Association, organismo dirigente do desporto automóvel no Reino Unido, vai realizar uma grande exposição internacional automobilística, em Birmingham, em Janeiro próximo. Denomina-se Motor Sports 91, será o maior acontecimento desportivo do seu género jámais organizado e cobrirá uma vasta gama de actividades desportivas de automóveis.

O Motor Sports 91 é uma ideia do director da RAC/MSA Keith Douglas que, ao anunciar, em Outubro último, as grandes linhas do projecto, disse que desde há muito era intenção daquele organismo a realização de um espectáculo automóvel deste género.

«O automobilismo desportivo é muito popular e os seus efeitos, sejam eles no campo da tecnologia, condução ou patrocínio, reflectem-se por todo o mundo. Motor Sports vai oferecer à Grã-Bretanha a oportunidade de mostrar a sua competência em automobilismo e as tecnologias a este associadas».

Paralelamente, para muitos fabricantes, um dos grandes pontos do Motor Sports 91 será a primeira Convenção Internacional de Automobilismo Desportivo.

Dispersos por quatro dias, serão apresentados mais de 30 seminários, numa vasta gama de assuntos, cobrindo todos os aspectos do desporto e influências económicas.